

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

Ana Paula Camargo

**O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 NA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**

São Carlos

2023

Ana Paula Camargo

**O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 NA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**

Dissertação apresentada para a ocasião do Exame de Defesa, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional, pelo Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Linha de Pesquisa: Cuidado, Emancipação Social e Saúde Mental.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes

São Carlos

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Paula Camargo, realizada em 27/03/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes (UFSCar)

Profa. Dra. Beatriz Rocha Moura (UFTM)

Profa. Dra. Thelma Simões Matsukura (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

Agradecimentos

A Deus, pela minha vida, por minha saúde e determinação para não desistir. Ele que me ordenou para que fosse forte e corajosa, e que não desanimasse, pois estaria comigo. Fez grandes promessas e plantou sonhos ousados em meu coração e tem sido capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedi ou pensei, a Ele toda a Honra e toda a Glória!

À Profa. Amanda, minha orientadora, que conduziu esse trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento (e quanto conhecimento!), pela compreensão e paciência, por me aproximar da pesquisa de forma leve, compreendendo minhas limitações, por estar ao meu lado em todos os momentos! Eu não poderia ter tido uma orientadora melhor e definitivamente não teria conseguido sem você, muito obrigada!

Ao Luiz, meu amigo, meu marido, meu companheiro, que esteve ao meu lado em todos os momentos de desespero e angústia, que compreendeu todo o meu cansaço e ausência e cuidou de mim, de nós e dos nossos nesse processo com tanta dedicação e amor! Obrigada por tudo, eu te amo!!

Aos meus passarinhos, meus pequenos, aos amores da minha vida, tudo é por vocês, vocês me inspiram, me trazem força e me fazem querer ser melhor, que um dia, minha trajetória possa ser inspiração para vocês também! Nenhum papel, nenhuma função, nenhum título na vida, me orgulha mais do que ser mãe de vocês.

À memória de minha avó que me deixou no meio da construção desse estudo, mas que nunca deixou de estar ao meu lado. O seu amor e a sua fé e todos os laços de afeto que construímos deixaram marcas profundas em minha vida. Saudades!

Ao José Coelho de Almeida, o “Seu Coelho”, por ser minha referência, minha fonte de sabedoria e apoio em diversos momentos, eu sou muito grata por tudo!

Aos meus pais, aos meus colegas de trabalho, aos amigos e a todos aqueles que estiveram ao meu lado de forma direta ou indireta, agradeço a paciência, apoio e compreensão.

Às minhas crianças, meus pacientes, que me escolheram antes de eu mesma saber que minha trajetória seria dedicada a elas, e que desde a graduação e ao longo de todos esses anos transformaram a minha vida e me permitiram de alguma forma estar aqui.

A vocês, toda a minha gratidão e todo o meu amor!

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”

(FREIRE, 1992, s. p.)

Que possamos estar cada vez mais com as crianças, pois elas têm nos ensinado a cada dia sobre como esperançar.

RESUMO

O cenário da pandemia da Covid-19 e as medidas emergenciais de controle e combate à propagação do vírus impactaram significativamente a vida das pessoas, de forma que as crianças foram um dos grupos sociais mais afetados. Mesmo não sendo o foco de maior preocupação por terem sido consideradas um grupo de “menor risco” de contágio e morte, a literatura aponta a necessidade de atenção aos impactos da pandemia sobre o desenvolvimento e saúde mental das mesmas, principalmente diante de situações de maior desigualdade e vulnerabilidade social. Desta forma, é fundamental investigações que busquem compreender esse cotidiano novo e emergente, vivenciado por diferentes grupos sociais em contextos e cenários distintos. Considera-se que a partir desse panorama é possível não só dimensionar e demarcar um contexto histórico e social de muito sofrimento, perdas e lutas, mas principalmente, compreender as possibilidades de criação e vida, dia após dia. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender como as crianças vivenciaram o cotidiano na pandemia da Covid-19, a partir de sua própria perspectiva. Além disso, buscou identificar o que pode ter sido positivo ou difícil na pandemia, na opinião das próprias crianças. Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com 19 crianças de 9 a 11 anos, vinculadas a uma escola pública de uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Para a coleta de dados foi utilizada a elucidação gráfica como disparador da temática e, posteriormente, uma entrevista semiestruturada. Para as elucidações gráficas não se buscou uma análise interpretativa, mas sim compreendê-las a partir das próprias verbalizações das crianças. Tanto as narrativas advindas das elucidações gráficas como os dados produzidos nas entrevistas foram analisados a partir da análise temática. Sete temáticas emergiram a partir das análises: a compreensão das crianças sobre a Covid-19 e os sentimentos gerados; a morte e o luto em decorrência da pandemia; o brincar como atividade principal no cotidiano das crianças; o uso de telas; a escola e o aprendizado das crianças; as relações familiares e a vulnerabilidade social vivenciada pelas famílias. Os resultados evidenciaram o quanto as crianças tiveram clareza sobre a origem do vírus e sua propagação, as medidas de segurança e proteção adotadas, os riscos advindos da contaminação e as expectativas futuras com o surgimento da vacina. Além disso, as crianças explicitaram o que foi a Covid-19 e a pandemia a partir das mudanças e ações cotidianas como, por exemplo, a suspensão repentina das atividades escolares e o uso de máscaras. Nessa direção, sobre as atividades cotidianas durante a pandemia, identificou-se que o brincar continuou presente, a partir da inventividade das crianças, sendo que diante do isolamento, o brincar se deu principalmente em ambientes ao ar livre, junto aos animais, com adaptações para manter o distanciamento dos seus pares. Aponta-se que o cotidiano das mesmas também se modificou em relação ao acesso à escola e direito à educação, de modo que pouco conseguiram acompanhar, realizar as atividades propostas e apreender de forma remota, considerando a ausência de equipamentos eletrônicos e acesso à internet. Outra mudança identificada se refere às dinâmicas e relações familiares. Em algumas famílias a relação e proximidade entre os membros se intensificaram e puderam, assim, compartilhar de mais momentos juntos e, em outras, houve o distanciamento, conflitos e relatos de violência. Compreende-se que os resultados do presente estudo, obtidos a partir da experiência e vivência da cotidianidade sob a perspectiva da própria criança, evidenciam o quanto as crianças foram e têm sido afetadas pela pandemia. Nessa direção, espera-se que os dados coletados possam contribuir para o maior conhecimento de uma das maiores crises sanitárias já vivenciadas, favorecendo novas reflexões e discussões acerca das políticas públicas e estratégias de intervenção voltadas a essa população.

Palavras-chaves: crianças, cotidiano, saúde mental, terapia ocupacional, Covid-19.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic and the emergency measures taken to control and combat the virus have significantly impacted people's lives, with children being one of the most affected social groups. Despite not being the focus of greater concern for being considered a "lower risk" group for contagion and death, literature points to the need to pay attention to the pandemic's impacts on children's development and mental health, especially in situations of greater inequality and social vulnerability. Thus, it is essential to conduct investigations that seek to understand this new and emerging daily life experienced by different social groups in distinct contexts and scenarios. It is considered that from this panorama, it is possible not only to measure and demarcate a historical and social context of much suffering, loss, and struggle, but primarily, to understand the possibilities of creation and life, day after day. Therefore, the objective of this study was to understand how children experienced daily life during the Covid-19 pandemic from their own perspective. In addition, it sought to identify what may have been positive or difficult during the pandemic, according to the children themselves. This is an exploratory study, using a qualitative approach, conducted with 19 children aged 9 to 11 years old, linked to a public school in a medium-sized city in the interior of São Paulo State. Graphic elucidation was used as a trigger for the theme's collection of data, followed by a semi-structured interview. Interpretive analysis was not sought for graphic elucidations, but rather to understand them based on the children's own verbalizations. Both the narratives derived from graphic elucidations and the data produced in interviews were analyzed using thematic analysis. Seven themes emerged from the graphic elucidations and interviews: Children's understanding of Covid-19 and the feelings generated; death and mourning due to the Covid-19 pandemic; play as the main activity in children's daily life; the use of screens during the Covid-19 pandemic; school and children's learning during the Covid-19 pandemic; family relationships during the Covid-19 pandemic; and the social vulnerability experienced by families during the Covid-19 pandemic. The results showed how clear children are about the virus's origin and spread, the safety and protection measures adopted, the risks arising from contamination, and future expectations with the emergence of the vaccine. Furthermore, the children explained what Covid-19 and the pandemic were like based on daily changes and actions, such as the sudden suspension of school activities and the use of masks. In this direction, regarding daily activities during the pandemic, it was identified that playing continued to be present, based on children's inventiveness, and given isolation, playing took place mainly outdoors, with animals, with adaptations to maintain distancing from their peers. It is pointed out that their daily lives also changed in relation to access to school and the right to education, so that they were able to follow, perform proposed activities and learn remotely little, considering the absence of electronic equipment and access to the internet. Another identified change refers to family dynamics and relationships. In some families, the relationship and closeness between members intensified, and they were able to share more moments together, while in others, there was distancing, conflicts, and reports of violence. It is understood that the results of this study, obtained from the experience and daily life perspective of the children themselves, demonstrate how much children have been affected by the pandemic. In this direction, it is hoped that the collected data may contribute to greater knowledge of one of the greatest health crises ever experienced, which is being reinvented day after day, favoring new reflections and discussions about public policies and intervention strategies aimed at this population.

Keywords: children, daily life, mental health, occupational therapy, Covid-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Elucidação gráfica participante 7	31
Figura 2 - Elucidação gráfica participante 14	41
Figura 3 - Elucidação gráfica participante 1	42
Figura 4 - Elucidação gráfica participante 13	45
Figura 5 - Elucidação gráfica participante 11	45
Figura 6 - Elucidação gráfica participante 9	46
Figura 7 - Elucidação gráfica participante 8	46
Figura 8 - Elucidação gráfica participante 4	47
Figura 9 - Elucidação gráfica participante 12	51
Figura 10 - Elucidação gráfica participante 17	51
Figura 11 - Elucidação gráfica participante 16	54
Figura 12 - Elucidação gráfica participante 6	58
Figura 13 - Elucidação gráfica participante 5	59
Figura 14 - Elucidação gráfica participante 18	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS - Organização Mundial da Saúde

EUA - Estados Unidos da América

SARS-COV-2 - Síndrome respiratória aguda grave

UTI - Unidade de terapia intensiva

ANVISA - Agência nacional de vigilância em saúde

ONU - Organização das nações unidas

AVDs - Atividades de vida diária

TCLE - Termo consentimento livre esclarecido

TALE - Termo de assentimento livre esclarecido

SUS - Sistema Único de Saúde

PNAE - Programa nacional de alimentação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. INTRODUÇÃO	11
1.1. A pandemia da Covid-19	11
1.2. As crianças no contexto da Pandemia da Covid-19	15
2. OBJETIVOS	21
3. MÉTODO	21
3.1. Participantes	22
3.2. Local	22
3.3. Instrumentos e recursos para produção dos dados	22
3.4. Procedimentos	24
3.4.1. Questões éticas	24
3.4.2. Escolha do município escola e identificação e localização dos participantes	25
3.4.3. Validação dos instrumentos	25
3.4.4. Coleta de dados	25
3.4.5. Análise de dados	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1. Caracterização dos participantes	27
4.2. Temáticas emergidas a partir do processo de análise e suas categorias	31
4.2.1. A compreensão das crianças sobre a Covid-19 e os sentimentos gerados	31
4.2.2. A morte e o luto em decorrência da pandemia da Covid-19	41
4.2.3. O brincar como atividade principal no cotidiano das crianças	45
4.2.4. O uso de telas na pandemia da Covid-19	51
4.2.5. A escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19	54
4.2.6. As relações familiares durante a pandemia da Covid-19	58
4.2.7. A vulnerabilidade social vivenciada pelas famílias durante a pandemia da Covid-19	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	81
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO	83
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA	85
APÊNDICE D - VÍDEO DISPARADOR DA ENTREVISTA	89
ANEXO 1 - PARECER COMITÊ DE ÉTICA	90
ANEXO 2 - ILUSTRAÇÕES	95

APRESENTAÇÃO

Sempre menciono que não escolhi trabalhar com crianças, elas me escolheram!

Ao longo da minha trajetória clínica, a cada etapa do meu processo de construir-me terapeuta, já compreendia que as crianças e seu universo sempre estariam comigo, a minha

paixão, a curiosidade e a necessidade de compreender os contextos que me cercavam, além do desejo de que de alguma maneira o meu nome estivesse marcado na terapia ocupacional, me trouxeram até aqui.

Como terapeuta clínica, vivenciar a área da pesquisa é um grande desafio, sair do papel que eu acreditava que assumia de controle central e se tornar ouvinte de um processo de escuta, de criação e vida, certamente mudou a minha percepção e, a pesquisa com crianças, acabou conquistando meu coração. Foi a partir desse lugar de escuta, de protagonismo das crianças, que emergiu toda a potência deste trabalho. Ressalta-se que foi diante da generosidade das crianças ao partilharem suas histórias e vivências cotidianas que os resultados emergiram.

As mudanças que vivemos a partir de 2020 devido à pandemia tomaram conta das nossas vidas, nos obrigando a realizar algumas adaptações, as quais também ocorreram inclusive na minha prática clínica. O que eu vivenciei na clínica e em casa, ao ver meus filhos serem afetados diretamente pelas medidas de isolamento social decorrentes da pandemia, longe da escola e dos amigos, acompanhando as decisões impostas aos mesmos, sem ao menos terem a oportunidade de se manifestar, me geraram uma grande inquietação.

A pandemia também trouxe impactos significativos em minha vida pessoal e profissional, uma vez que os processos de adoecimento devido a Covid-19 e as sequelas decorrentes de tal situação exigiram um grande esforço para meu retorno ao trabalho e ao desenvolvimento deste estudo.

Assim, fruto desse processo, apresento o estudo intitulado “O cotidiano e a pandemia da Covid-19 na perspectiva das crianças”. Na introdução o tema da pesquisa será exposto, seguido do objetivo principal que é compreender como as crianças vivenciaram o cotidiano na pandemia da Covid-19, a partir de sua própria perspectiva. O estudo é caracterizado como exploratório, de abordagem qualitativa, sendo utilizadas elucidações gráficas e entrevistas com as crianças para a produção dos dados. Os resultados emergidos serão apresentados em sete categorias: a compreensão das crianças sobre a Covid-19 e os sentimentos gerados; a morte e o luto em decorrência da pandemia da Covid-19; o brincar como atividade principal no cotidiano das crianças; o uso de telas na pandemia da Covid-19; a escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19; as relações familiares durante a pandemia da Covid-19 e a vulnerabilidade social vivenciada pelas famílias durante a pandemia da Covid-19. Na discussão os principais resultados serão apresentados, destacando o protagonismo e a vivência cotidiana das crianças nesse período.

1. INTRODUÇÃO

1.1. A pandemia da Covid-19

Em 31 de Dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi comunicada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Tratava-se de uma doença infecciosa causada por uma cepa de coronavírus que não havia sido identificada em humanos até então. Logo depois, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que se tratava de uma emergência de saúde pública e, diante da forma de manifestação e propagação por diversos países e regiões do mundo, foi decretada em 11 de março uma pandemia. (OMS, 2020; OPAS, 2022).

A partir de então, várias medidas para prevenir a propagação do vírus foram adotadas pelos países como, por exemplo, a implantação de métodos de testagem, novos hábitos de higiene como o uso de álcool gel e a higienização das mãos, além de equipamentos de proteção, como máscaras, entre outras. Destaca-se que, ainda que o número de contaminados e mortos tenha sido extremamente elevado, estudos como o de Aquino et al. (2020) apontam que a quarentena e as medidas compulsórias de isolamento social levaram à redução da incidência de contaminação pelo vírus e de mortalidade durante a pandemia.

De acordo com Berbet (2021) foi necessária a reorganização do espaço, tempo e do cotidiano das famílias e crianças, visto a necessidade da suspensão das aulas presenciais, da reestruturação do trabalho, comércio e empresas através dos *deliverys* e *home office*. Além disso, segundo o autor, essas mudanças geraram impactos negativos em diferentes níveis: nas relações internacionais, no desenvolvimento do país, do Estado, da comunidade, do sistema familiar e individual.

No que tange ao cenário nacional, no Brasil, o isolamento social foi implementado a partir da autonomia dos estados considerando a realidade social, econômica e política de cada região. Aponta-se que as medidas para evitar a disseminação da Covid-19 resultaram no fechamento de escolas e universidades, comércio entre outros serviços considerados como não essenciais (AQUINO et al., 2020).

Em 3 de março de 2020, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, tentou alinhar as ações de contenção da pandemia conforme as recomendações da OMS, destacando a importância da quarentena e das medidas de distanciamento social. Porém, a adesão do ministro ao discurso da OMS criou uma discordância com o ex-presidente da República Jair Bolsonaro, que desde o surgimento do vírus manteve um discurso que minimizava a proporção da doença afirmando que a economia não poderia parar para conter uma possível

epidemia no país (MATTA et al., 2021). A posição negacionista do presidente estava alinhada com o discurso do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, que além de minimizar o impacto da Covid-19 em seu país, acusava a China e a OMS de ocultar dados e colocar em risco a saúde do planeta (CORONAVÍRUS..., 2020).

As ações do ministro Mandetta incomodaram não só o ex-presidente como, também, outras lideranças políticas do governo. As discordâncias e constante pressionamento do ex-presidente para que o Ministério da Saúde recomendasse a adoção de medicamentos comprovadamente ineficazes para o tratamento e indicasse isolamento vertical levaram, em 16 de abril, à exoneração do ministro, passando a assumir o cargo Nelson Teich, médico oncologista que um mês depois também pediu exoneração. Foi então que em 16 de maio de 2020, assumiu como ministro interino Eduardo Pazuello, que, logo em seguida à sua nomeação, emitiu uma nota para o uso da hidroxicloroquina para casos leves, conferindo ao médico a atribuição de prescrever-la mediante assinatura de um Termo de Consentimento (MATTA et al., 2021). Eduardo Pazuello permaneceu como ministro até 2021, sendo substituído por Marcelo Queiroga.

Este cenário de divergências políticas e falta de uma liderança que indicasse um caminho coerente para lidar com o vírus em escala, dialogando com o poder federativo no Brasil, transferiram a responsabilidade das decisões, o que na prática deixou a cargo de governadores e prefeitos a decisão pelas medidas de isolamento. Tal atitude, aponta Matta et al. (2021), incentivou uma disputa política num momento onde a necessidade era de um alinhamento nacional para o enfrentamento da crise sanitária e humanitária que estava sendo vivida.

As repercussões da pandemia da Covid-19 não foram apenas de ordem biomédica e epidemiológica. Em escala global, houveram impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes (FIOCRUZ, 2021). Ademais, a necessidade de ações de isolamento e quarentena, bem como a urgência de testagem de medicamentos e vacinas, tiveram implicações éticas e de direitos humanos que merecem destaque (FIOCRUZ, 2021; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022; AMB, 2022).

Segundo Martins (2022), no Brasil, o Distrito Federal foi o primeiro estado a implementar medidas de distanciamento social, em 11 de março de 2020. Os demais estados adotaram tal medida no período de 13 a 28 de março de 2020. Aponta-se que essas medidas variaram de acordo com a realidade de cada estado, sendo uns mais rígidos que outros, porém com pouca variação. De modo geral observa-se que a maioria deles implementou alguma

medida entre o primeiro e o décimo caso de Covid-19, porém sem planejamento estratégico adequado a cada região (MARTINS, 2022; MORAES, 2020).

Discute-se que ainda que o estabelecimento de medidas de distanciamento social tenha sido de extrema necessidade, estas resultaram em um impacto socioeconômico significativo, refletindo principalmente em contextos de maior vulnerabilidade social. Diante desse cenário, iniciou-se um debate a partir de movimentos sociais e de oposição ao governo sobre a urgência de estabelecer medidas e políticas de proteção social às famílias que perderam suas rendas (MATTA et al., 2021).

Assim, em abril de 2020, a concessão do Auxílio Emergencial foi aprovada e o Ministério da Economia passou a liberar recursos, contemplando 67 milhões de brasileiros, superando o Programa Bolsa Família em número de beneficiados. O Auxílio Emergencial começou a ser pago em abril no valor de R\$ 600 ou R\$ 1.200 para mães provedoras de família. Naquele momento foram pagas cinco parcelas. Posteriormente, foi criado o Auxílio Emergencial Extensão no valor de R\$ 300 pago em até quatro parcelas e, no caso das mães chefes de família, o valor foi mantido em R\$ 600 (CAIXA ECONOMICA FEDERAL, 2022). Em contrapartida, Matta et al. (2021) afirmam que o auxílio apesar de atender a uma reivindicação ao mesmo tempo da classe trabalhadora e dos empresários para manter a economia em movimento, não impulsionou ações intersetoriais que tivessem a intenção de reduzir a desigualdade socioeconômica entre as populações vulnerabilizadas.

A pandemia da Covid-19 trouxe à tona as desigualdades sociais existentes no país, sendo os impactos proporcionais à vulnerabilidade presente nos diferentes grupos sociais. Assim, a pandemia da Covid-19 mais do que ocasionar uma crise de saúde pública e sanitária, expôs fraturas preexistentes e exacerbou desigualdades estruturais como, por exemplo, o acesso ao diagnóstico e tratamento, precarização das moradias, tecnologias, água e saneamento básico, alimentação e nutrição apropriadas, entre outras (MATTA et al., 2021; SANTOS, 2021).

Paralelamente, e diante dessa realidade nova e emergente, pesquisadores de diferentes partes do mundo uniram esforços para encontrar alternativas de combate ao vírus. Assim, ainda em 2020, o material genético do novo coronavírus, o SARS-COV-2, foi sequenciado e publicado, sendo possível o desenvolvimento das primeiras vacinas. As primeiras vacinas apresentadas a nível internacional como possibilidades de aplicação em massa foram a Corona Vac, Pfizer e AstraZeneca, produzidas pelos laboratórios Sinovac/Instituto Butantan, Wyeth e Fiocruz, respectivamente (FIOCRUZ, 2022).

Comparado a países desenvolvidos como Estados Unidos, Israel e Reino Unido, foi somente em meados janeiro de 2021, tardiamente, que o Brasil iniciou a vacinação para Covid-19, em um momento onde havia uma superlotação dos hospitais, falta de leitos para internação e UTI, alto índice de contágio e mortes. Segundo a Associação Médica Brasileira (2021), os primeiros meses da imunização no país tiveram uma baixa velocidade de aplicação, devido à falta de planejamento na aquisição internacional e da produção local. Foi somente durante o mês de abril de 2021, ou seja, três meses depois do início da vacinação, que a mudança na política do enfrentamento da pandemia se tornou mais assertiva no sentido de priorização da imunização contra a Covid-19, de forma que a aplicação das doses das vacinas atingiu um nível adequado, considerando a emergência de saúde pública que estava sendo vivida no Brasil.

Após um ano do início da campanha de vacinação contra a Covid-19 no Brasil, em 16 de dezembro de 2021, foi autorizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a aplicação da vacina da Pfizer em crianças de 5 a 11 anos (FIOCRUZ, 2022; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022; AMB, 2022; BRASIL, 2021; BUTANTAN, 2022.). A partir de setembro de 2022, todas as crianças com mais de seis meses poderiam ser vacinadas.

Ressalta-se que apesar da Coronavac ter sido aprovada para esse público em julho de 2022, o Ministério da Saúde orientou, sem fundamento científico, apenas a aplicação de vacina da Pfizer, restringindo a crianças com comorbidade, o que tornou insuficiente o número de doses existentes no país (CNN, 2022).

O Brasil tem um histórico notável de políticas governamentais bem-sucedidas de vacinação em massa, incluindo campanhas de vacinação coordenadas em nível nacional, estratégias de comunicação eficazes, disponibilidade gratuita de doses e capilaridade do Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, a campanha de vacinação contra a Covid-19 no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro foi afetada pela falta de coordenação e logística a nível federal, resultando em atraso na distribuição e ritmo de aplicação da vacina (RODRIGUES et al., 2022; LANA et al., 2021; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021; FERREIRA, 2022).

Compreende-se que se a compra e as estratégias de campanha tivessem sido eficientes, haveria uma redução do número de mortes e internações. Ferreira et al. (2022) hipotetizam que o adiamento da vacinação infantil levou a sofrimento e mortes evitáveis. Os autores sugere-se a continuidade nas pesquisas para que possam estimar o número de vidas de crianças que o Brasil sacrificou devido a atrasos inexplicáveis na distribuição de vacinas. A Fiocruz ressalta que em 2022 a vacinação infantil foi lenta e não teve seu alcance conforme o

esperado, pois se criou uma série de questionamentos infundados, advindos do próprio governo, a respeito da segurança da vacina. Isso fez com que resultasse na hesitação vacinal pela população, diante da incerteza quanto à segurança e eficácia do imunizante.

1.2. As crianças no contexto da Pandemia da Covid-19

Atentar-se para as vivências infantis se faz necessário, uma vez que as crianças são constituintes de uma realidade social e de diferentes grupos sociais, sendo impossível pensar em uma criança “genérica”. Tanto em tempos atuais quanto no passado, mesmo no interior de cada grupo, é possível identificar vários outros elementos que vão aproximando ou afastando crianças, que em um primeiro momento parecem semelhantes. Aponta-se que as crianças carregam em suas experiências de vida as vivências em diferentes espaços, realidades socioeconômicas e culturais, ainda que muitas vezes esses aspectos não tenham a devida relevância nos estudos (DEMARTINI, 2020).

Ao pensar na história da infância, a contribuição de Ariés, na obra *História Social da Criança e da Família* (1981), é considerada por autores como Del Priore (2010) e Freitas (2003) como um trabalho precursor na concepção da infância. Segundo os autores, desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam tratamento diferenciado. A criança era vista como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos. O sentimento de infância, a concepção de uma faixa etária diferenciada com interesses próprios, a preocupação com a educação, o comportamento com o meio social, só aconteceu a partir da Idade Moderna (DEL PRIORE, 2010; FREITAS, 2003).

Ariés (1981) esclarece que a particularidade da infância não será reconhecida e nem praticada para todas as crianças, pois algumas não vivenciam de fato esta etapa da vida, devido às suas condições econômicas, sociais e culturais. Assim, compreende-se que é nos contornos da história e nos diferentes contextos econômicos, sociais e culturais, marcados por injustiças e desigualdades, que se delinea o conceito de infância construído social e historicamente. Para Del Priore (2010), a história das crianças no Brasil, como no resto do mundo, vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas organizações não governamentais e pelas autoridades, daquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa.

Nessa direção, diante de uma das maiores crises sanitárias mundiais, dos receios sobre a pandemia, da sobrecarga de tarefas domésticas, da intensa convivência familiar, do

desemprego, da diminuição da renda e das incertezas geradas, é fundamental se debruçar sobre a infância, uma vez que as crianças foram um dos grupos sociais mais impactados pelos efeitos adversos da pandemia, assim como, os adolescentes, idosos e pessoas com deficiências (LIMA, 2020; FIOCRUZ, 2020; OMS, 2020; CAMPBELL, 2021).

Compreende-se que a pandemia da Covid-19 aumentou significativamente a situação de vulnerabilidade de muitas crianças e adolescentes em todo o mundo, a qual foi agravada em países de baixa e média renda. Mesmo as crianças não sendo o foco de maior preocupação no contexto da pandemia por terem sido consideradas em situação de “menor risco” de contágio e morte devido às consequências clínicas em comparação a adultos e idosos, autores sinalizam a necessidade de maior atenção aos impactos da pandemia sobre o desenvolvimento e saúde mental das mesmas, principalmente diante de situações de maior desigualdade social e vulnerabilidade (MORENO, 2020; POLANCZYK, 2020; SANTOS et al., 2022; GASHAW et al., 2021; FIOCRUZ, 2021).

O documento oficial das Organizações das Nações Unidas (ONU) sobre a crise da Covid-19 e o cuidado às crianças destaca que as restrições impostas e o isolamento, bem como a falta de recursos em saúde para atender toda a população, pode configurar-se como uma crise humanitária dos direitos das crianças, especialmente aquelas que enfrentam pobreza, exclusão ou violência (FIOCRUZ, 2021). Sendo assim, em muitos casos as crianças são vítimas invisíveis das consequências indiretas da pandemia ou, até mesmo negligenciadas em termos de continuidade do acesso à saúde e à proteção contra a violência (CABRAL et al., 2021; SANTOS et al. 2022).

Autores apontam que os dois anos de pandemia de Covid-19 impactaram a vida de crianças e adolescentes em diversas escalas, gerando inúmeros desafios no que diz respeito à garantia de seus direitos. Além disso, o Brasil ganhou evidência no cenário mundial da pandemia por ser o segundo país com mais mortes por Covid-19 de crianças na faixa de 0 a 9 anos (ESTADÃO, 2021; KATZ, 2022).

Segundo o Dossiê “Infâncias e Covid-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes”, elaborado pelo Instituto Alana e o Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (2022), o Governo Federal não se ocupou de promover políticas públicas capazes de reduzir os impactos causados pela pandemia de Covid-19 nas crianças e adolescentes (DOSSIÊ, 2022). As condições sociais e econômicas provenientes da gestão ineficiente da pandemia geraram efeitos extremamente prejudiciais às crianças e adolescentes no âmbito da saúde física e mental; impactos educacionais; aumento das violências e a dificuldade de acesso a redes de apoio e proteção; o aprofundamento das desigualdades

sociais; o aumento da pobreza e da insegurança alimentar; prejudicando também o desenvolvimento e o brincar livre em contato com a natureza (DOSSIÊ, 2022; UNICEF, 2020; KATZ, 2022).

Além disso, a ausência de uma ampla estratégia de vacinação e de coordenação nacional para enfrentar a pandemia prejudicou o retorno às aulas presenciais e se tornou elemento central para explicar o agravamento da fome e da violência contra crianças e adolescentes no período. Somam-se a isso os desafios do ensino remoto, especialmente no que se refere à educação infantil e o impedimento da socialização entre os pares nesta etapa peculiar de desenvolvimento (KATZ, 2022; DOSSIÊ, 2022)

Considera-se que a proteção da saúde coletiva das crianças, adolescentes, seus cuidadores, familiares, pais, avós e professores depende da implementação de políticas públicas efetivas e eficazes (KATZ, 2022; DOSSIÊ, 2022). Contudo, conforme já apresentado, não foi o que se verificou no período. O que se evidenciou nesse cenário foi a recomendação de medicamentos sem eficácia comprovada, a propagação de notícias falsas sobre as vacinas e a má gestão orçamentária que, na contramão da ciência, foi propagada pelo Governo Federal, ignorando as medidas de saúde pública necessárias para conter o avanço da Covid-19 (KATZ, 2022; DOSSIÊ, 2022).

Cabe ressaltar que esses impactos não se distribuem por igual e que crianças em situação de vulnerabilidade, especialmente crianças e adolescentes negros, residentes em comunidades periféricas, indígenas e quilombolas, cujas famílias se encontram em situação de pobreza, foram mais expostos à Covid-19 e a toda violação dos seus direitos (DOSSIÊ, 2022).

Estudos que analisaram os impactos da pandemia sobre a saúde da criança reforçam a necessidade de mais investigações a respeito das consequências éticas desse momento histórico (CID et al., 2020; NARZISI, 2020; RODRIGUES et al., 2020; GHOSH, 2020; GUINANCIO et al., 2020; FERNANDES, 2020; SINGH, 2020).

Nas palavras de Carneiro et al. (2021) e Soares et al. (2021), apesar das crianças serem afetadas com menor intensidade pelo vírus elas são mais atingidas nos aspectos psicológicos, apresentando em algumas situações alterações emocionais e comportamentais tais como medo, hiperatividade, ansiedade, estresse, distúrbios alimentares, distúrbios do sono, comportamentos autodestrutivos e agravamento de quadros clínicos preexistentes. Assim, os fatores associados ao confinamento como, por exemplo, a dúvida sobre a duração da pandemia, a redução das atividades físicas, as preocupações financeiras e familiares, o tédio, a frustração, o desequilíbrio no uso de dispositivos eletrônicos e a carência de contato social podem gerar repercussões tanto emocionais como físicas.

Em relação a pesquisas realizadas com crianças, tem-se a pesquisa de Folino et al. (2021), a qual teve como objetivo compreender a percepção de crianças cariocas sobre a Covid-19. Para o estudo foram realizadas 20 entrevistas em plataformas digitais com crianças entre 8 e 10 anos de idade de distintos bairros de residência e diferentes perfis socioeconômicos. Os resultados evidenciaram que as crianças não estavam alheias à pandemia, sendo identificados sentimentos como preocupação e medo, compreensão sobre a gravidade da situação e formas de prevenção e de cuidados. As crianças apresentaram preocupação com a transmissão do coronavírus para seus familiares, principalmente para os seus avós. Além disso, identificou-se que o cotidiano das mesmas foi afetado de várias formas, a partir da interrupção da vida escolar presencial, a restrição de contato com colegas de aula, mudanças econômicas e de saúde enfrentadas por familiares.

Nessa direção, Silva et al. (2021) também desenvolveram um estudo com 2.021 crianças de 8 a 12 anos, buscando compreender as formas pelas quais as crianças vivenciaram a pandemia de Covid-19. A pesquisa foi realizada com a mediação de seus responsáveis, a partir de um questionário online. Os resultados revelaram que as crianças apresentaram capacidade de resistência, consciência de suas condições de vida, dos seus direitos e de suas famílias e responsabilidades. As mesmas se posicionaram sobre as atividades escolares no contexto do estudo, indicando impactos negativos sobre a saúde física e mental, cansaço, ausência de interação, excesso de atividades e dificuldades de aprendizagem geradas pela modalidade das aulas remotas.

Tendo em vista as implicações e impactos da pandemia na vida das crianças, considera-se fundamental investigar como as crianças vivenciaram o cotidiano na pandemia, uma vez que, segundo Galheigo (2020), por meio de estudos sobre o cotidiano é possível deter o olhar no simples e comum da vida, tendo a partir do cotidiano a possibilidade de acessar a experiência, o real, o imaginário, a memória, os sonhos, as necessidades, os afetos, seus sentimentos, dificuldades e potências.

Tema de estudo de grandes pesquisadores, em diversas áreas do conhecimento e cenários, o cotidiano reflete cenas do dia a dia que servem de testemunho de um espaço-tempo, moldado pela cultura, pelas histórias e pelas relações sociais (GALHEIGO, 2020; GALHEIGO, 2016). Diante de uma crise sanitária como a pandemia da Covid-19, de tamanha magnitude e consequências, tornam-se ainda mais necessárias investigações que busquem compreender esse cotidiano novo e emergente, vivenciado de diferentes formas, por diferentes grupos sociais em contextos e cenários distintos. Considera-se que a partir desse panorama é possível não só dimensionar e demarcar um contexto histórico e social de muito

sofrimento, perdas e lutas, mas, principalmente, compreender as possibilidades de criação e vida, dia após dia.

De acordo com Salles e Matsukura,

“o cotidiano se reconstrói com as pessoas, à sua volta, no contexto em que ele se insere. Se o cotidiano se transforma, o sujeito também se transforma; uma ruptura na vida cotidiana e a resignificação desse cotidiano não acontecem sem uma transformação subjetiva do sujeito. O inverso também pode ocorrer, se o sujeito se transforma, essa mudança irá se refletir em sua vida cotidiana, pois a vida cotidiana e as particularidades do sujeito caminham de mãos dadas, imersas em seu contexto social.” (SALLES e MATSUKURA, 2013, p 272).

Estudos como o de Linhares et al. (2021) e Silva et al. (2021) apontam que com as rupturas presentes não se espera que os sujeitos continuem os mesmos. É preciso de fato compreender que essa nova cotidianidade implicou, está implicada e continuará implicando na vida de todos. Hipotetiza-se que a criança terá que resignificar suas experiências, encontrando novos caminhos para a construção da sua subjetividade a partir de uma realidade individual, mas também coletiva. Além disso, questiona-se como será a vida cotidiana dessa população a partir da vivência da pandemia?

Sob esta perspectiva, identifica-se ser fundamental se debruçar - a partir das próprias crianças, da realidade vivida - nas cotidianidades, nos modos de pensar, agir e sentir, assim como, traçar estratégias de enfrentamento e superação dos desafios atuais e os que ainda estão por vir.

A literatura aponta que a maioria dos estudos sobre crianças têm sido desenvolvidos a partir do enfoque de terceiros, ou seja, na percepção dos profissionais, pais e professores, e sinalizam para a ausência de estudos em que as crianças sejam participantes ativos, protagonistas (CASTRO et al., 2013; GUIZZO et al., 2020). De acordo com Santos et al. (2022) a participação e a escuta das crianças e adolescentes nos processos de decisão não se apresenta como prioridade nos estudos brasileiros.

Hartmann (2020), apoiada em Soares, Sarmiento e Tomás (2005), defende que as crianças devem ser reconhecidas como sujeitos de pesquisa capazes de refletir sobre suas próprias vidas. Ainda de acordo com os autores, os pesquisadores das infâncias devem ser criativos na definição das ferramentas metodológicas, além de estarem dispostos a repensar a sua identidade, deixando o papel de controle central da pesquisa, para permitir o diálogo com a criança e a possibilidade de sua parceria nesse processo.

Transformar as crianças em protagonistas do processo de pesquisa não é algo simples, pois mesmo estando perante a um movimento de pesquisa que inclui as crianças como

sujeitos participantes do processo metodológico, o desenvolvimento de metodologias e procedimentos para pesquisas com crianças ainda é um campo em construção (FILHO,2020; DEMARTINI, 2020).

Segundo Demartini (2020), a pesquisa com crianças é talvez um dos maiores desafios que se coloca aos pesquisadores, inclusive os mais experientes, onde se questiona como é possível observar as vivências infantis que são tão complexas, buscando captar não as representações e construções científicas dos adultos sobre elas, mas verdadeiramente a percepção das próprias crianças. De acordo com Filho (2020), no Brasil é muito nova a preocupação em se desenvolver metodologias de pesquisa que levem o adulto a escutar o que as crianças têm a dizer, ou ainda, que considerem as crianças como informantes e interlocutoras competentes para falarem de si mesmas durante toda a coleta de dados.

Autores apontam que buscar compreender como a pandemia afetou o bem-estar subjetivo das crianças e poder ouvi-las, possibilita um lugar de fala¹ a uma população invisibilizada, contribuindo para reflexões, práticas e proposições mais consistentes e condizentes com as experiências desses sujeitos. Assim, considera-se a criança como um sujeito de direitos, que participa ativamente nas pesquisas, auxiliando o pesquisador a compreender os fenômenos que as afetam (DELGADO E MÜLLER, 2005; HARTMANN, 2020; LINHARES, 2020).

Desta forma, a partir da literatura, ao se debruçar sobre a pandemia, suas diversas faces e implicações presentes, compreende-se que as crianças foram bastante impactadas, diante das desigualdades sociais, vulnerabilidade e condutas governamentais adotadas para enfrentamento da situação. Identificou-se também na literatura o quanto o debate e as reflexões se pautaram a partir da perspectiva de gestores públicos, profissionais da saúde, educadores, familiares e pouco das próprias crianças (FUNDAÇÃO...2022). Os estudos sinalizaram que apesar da necessidade do protagonismo das crianças neste processo, elas pouco têm lugar de fala (FOLINO et al., 2021; SILVA et al., 2021).

Além disso, destaca-se que diante das medidas de controle adotadas para contenção da propagação do vírus, a maioria dos estudos encontrados utilizaram de ferramentas online como formulários, questionários, inviabilizando a participação da criança. Assim,

¹ Lugar de fala é um conceito que parte da perspectiva de que as visões de mundo se apresentam desigualmente posicionadas (PEREIRA, 2018). Ou seja, trata-se de uma análise sobre diferentes grupos nas relações de poder, considerando os marcadores sociais de raça, gênero, classe, geração e sexualidade como elementos dentro de construções na estrutura social. Desta forma, o conceito parte das condições que resultam em desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. Segundo Ribeiro (2017, P.61) “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania”.

considera-se que o presente estudo avança na medida em que torna possível, ainda que com todas as medidas de prevenção, estar presencialmente com as próprias crianças e ter a oportunidade de ouvi-las.

Tendo em vista o contexto pandêmico, espera-se que ao abordar a experiência e vivência da cotidianidade, sob a perspectiva da própria criança, seja possível contribuir para o maior conhecimento de uma realidade nova e emergente, que está sendo reinventada dia após dia, favorecendo novas reflexões e discussões acerca das políticas públicas e estratégias de intervenção voltadas a essa população.

2. OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo foi compreender como as crianças vivenciaram² o cotidiano na pandemia da Covid-19, a partir de sua própria perspectiva. Buscou também identificar o que pode ter sido positivo ou difícil na pandemia, na opinião das próprias crianças.

3. MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa. Considera-se que a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, possibilitando a construção de hipóteses e um planejamento flexível, visto que o maior interesse está em conhecer os mais variados aspectos relacionados ao caso (GIL, 2019).

Minayo e Sanchez (1993) apontam que a pesquisa de abordagem qualitativa se encontra no campo da subjetividade e do simbolismo, sendo que através dela é possível uma aproximação intensa entre o sujeito e o objeto da mesma natureza – ela está atrelada aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

Nesta direção, a pesquisa qualitativa busca compreender seu fenômeno de estudo em seu ambiente usual, ou seja, como as pessoas vivem, o que pensam, como se comportam. Consequentemente é na maioria das vezes utilizada tanto para descobrir, como para refinar as questões de pesquisa. Por meio deste tipo de pesquisa é possível dar profundidade aos dados,

² Ressalta-se que a coleta de dados foi realizada durante a pandemia da Covid-19, no momento em que a pandemia ainda estava em evidência, com alto número de contágio e mortes. No dia 01/12/21 durante o período da coleta desta pesquisa 1086 novos casos foram notificados, com a média dos sete dias de 897 casos. O retorno gradual às atividades escolares presenciais havia sido liberado a aproximadamente 30 dias e ainda estavam em processo de adaptação à nova realidade perante ao contexto. Assim, este estudo apresenta esse recorte contextual-temporal.

à dispersão, à riqueza interpretativa, à contextualização do ambiente, aos detalhes e às experiências únicas, podendo oferecer um ponto de vista recente, natural e holístico dos fenômenos e sua flexibilidade (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

3.1. Participantes

Participaram do estudo 19 crianças na faixa etária de 9 a 11 anos, estudantes de uma escola pública municipal localizada em uma região de grande vulnerabilidade social de um município de médio porte do interior do Estado de São Paulo.

Para a seleção dos participantes adotou-se como critérios de inclusão crianças de 9 a 11 anos, que o responsável autorizasse a participação da mesma. Como critério de exclusão tem-se aquelas crianças que mesmo os responsáveis autorizando não apresentaram interesse ou desejo em participar do estudo. Aponta-se que o recorte etário foi proposto uma vez que seriam crianças que estavam em processo de finalização do Ensino Fundamental I, ou seja, que já tinham uma trajetória percorrida na escola selecionada para o presente estudo anteriormente à pesquisa. Além disso, compreende-se que as crianças nessa faixa etária podem ter uma melhor compreensão do que foi e envolveu a pandemia, assim como suas dimensões temporais.

3.2. Local

O estudo foi realizado em uma escola pública municipal de uma região de grande vulnerabilidade social, de um município de médio porte localizado no interior do estado de São Paulo. De acordo com dados obtidos no *site* da prefeitura³, a região possui aproximadamente 16 mil habitantes, com altos índices de violência e baixo acesso à moradia, alimentação, educação e saúde. Além disso, a região fica afastada da área central da cidade e há apenas um acesso para o local, o qual em dias de chuva isola a região devido à falta de estrutura.

Quanto à escola a qual as crianças participantes estavam vinculadas, trata-se de um espaço construído recentemente (inaugurado em 2017), com estrutura física adequada, salas adaptadas e acessíveis para pessoas com deficiência.

No período da pesquisa, a escola possuía aproximadamente 600 alunos divididos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

³ Aponta-se que não será inserida a referência do site como forma de não identificar o local e participantes.

3.3. Instrumentos e recursos para produção dos dados

O primeiro recurso utilizado foi um vídeo elucidativo em formato de animação gráfica com a narrativa temporal e evolução da pandemia da Covid-19, visando contextualizar as crianças sobre a pandemia e disparar a temática da pesquisa. Aponta-se que esse recurso foi necessário uma vez que, devido ao longo período de isolamento e medidas adotadas, o mesmo poderia facilitar a compreensão das crianças sobre as fases da pandemia. O vídeo foi elaborado por meio de um *software* de imagens, sendo o roteiro e a narração realizados pela pesquisadora. O mesmo tinha duração de aproximadamente 3 minutos, e o seu conteúdo apresentava desde a origem do vírus, suas formas de contágio, primeiras ações adotadas e medidas de segurança até o momento da coleta de dados onde o retorno gradativo às aulas e o processo de vacinação haviam iniciado.

Após a apresentação do vídeo foi solicitado para as crianças através da pergunta disparadora “Como foi o seu dia a dia durante a pandemia?” que realizassem um desenho, escrita, uma colagem ou o que preferissem, utilizando recursos diversos disponibilizados pela pesquisadora.

Assim, para suscitar narrativas a partir de meios não unicamente verbais, considerando as diferentes formas de expressão e comunicação das crianças e, com o objetivo de aflorar pensamentos e emoções que de outro modo ficariam, provavelmente, silenciados, foi utilizada a elucidação gráfica (APÊNDICE D). Por ser uma técnica interativa, aberta e pouco estruturada, a mesma conferiu a liberdade de expressão às crianças participantes do estudo (CORTES, 2017).

Nas palavras de Cortes (2017) uma das principais vantagens desta técnica é a sua simplicidade por ser compreensível e acessível, possibilitando a expressão não apenas verbal, mas também artística de quem participa.

“Através dos desenhos e da sua seguinte explicação, os participantes do estudo utilizam ambos os hemisférios do cérebro, o que favorece a emergência de narrativas simultaneamente racionais e emotivas, permitindo a manifestação de temas sensíveis e nem sempre facilmente expressos oralmente.” (CORTES, 2017, p 315).

Ao ouvir as crianças tem-se a possibilidade de compreender a sociedade, valorizando a expressão de suas ideias e os sentidos atribuídos por elas à realidade. Segundo os autores, as crianças utilizam de várias maneiras de comunicação como, por exemplo, gestos, imagens, silêncios, expressões, palavras não necessariamente compreensíveis para quem não

compartilha do seu universo de significações, o que requer a utilização de recursos auxiliares como o desenho (NATIVIDADE et al., 2008; CORTES, 2017).

Sendo o processo de desenhar tão relevante quanto o produto final, a partir da significação que a criança atribui ao próprio processo de desenhar e o que é possível compreender da realidade considerando a imagem produzida, o desenho se torna um recurso privilegiado para a expressão de suas ideias, vontades e emoções. Ao proporcionar o uso da elucidação gráfica como elemento inovador e lúdico, objetiva-se facilitar o acesso a ideias, experiências e perspectivas, tanto racionais, como emotivas, possibilitando a interação entre quem investiga e quem participa de uma investigação (NATIVIDADE et al., 2008; CORTES, 2017).

Destaca-se que para a produção das elucidações gráficas, ao chegar na biblioteca da escola, local disponibilizado para essa coleta, as crianças tinham à sua disposição em uma mesa lateral um amplo repertório de materiais, dentre eles lápis de cor, canetinhas, tinta guache, pincéis, tintas coloridas, glitters, além de revistas e tesouras, todos expostos e ao seu alcance. No decorrer do processo as crianças foram incentivadas a explorar o material e fazer a escolha daqueles com os quais se identificavam, com a proposta de realizarem um desenho, uma colagem, uma escrita ou o que representasse de alguma maneira o cotidiano das mesmas durante a pandemia. Durante a produção das elucidações gráficas, as crianças demonstraram entusiasmo e engajamento, relatando a oportunidade de poder explorar materiais não habituais nas rotinas diárias.

Após a elucidação gráfica foi utilizado também um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE C), o qual continha questões relativas à caracterização da criança e sua família, assim como sobre o cotidiano das crianças no contexto da pandemia – vivências domiciliares, relações sociais, o brincar, atividades escolares, dificuldades, potências, desafios, perspectivas futuras e formas de enfrentamento.

Observa-se que embora o roteiro tenha sido elaborado e estruturado pelas pesquisadoras, o mesmo foi finalizado após três aplicações piloto com crianças (conforme será apresentado nos procedimentos), visando adequar à realidade e ao contexto dos participantes. Além disso, compreende-se que a elaboração do roteiro de entrevista foi adotada pelas pesquisadoras como forma de auxiliar as crianças a localizar de forma contextual e temporal a pandemia e compartilhar mais elementos que por meio da produção das elucidações gráficas não foram possíveis.

3.4. Procedimentos

3.4.1. Questões éticas

O primeiro procedimento seguido foi a submissão do presente projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, aprovado sob parecer 5.121.003 (ANEXO 1). Após a aprovação do mesmo, o estudo foi iniciado. Observa-se que os responsáveis pelas crianças, que concordaram com a participação das mesmas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

3.4.2. Escolha do município escola e identificação e localização dos participantes

A escolha do município e posteriormente a seleção da escola ocorreu por conveniência (FLICK, 2009). Para a identificação e localização dos participantes foi solicitada autorização da Secretaria de Educação do município, sendo posteriormente realizada uma visita à escola selecionada para apresentação da proposta de pesquisa à gestão. Com o aceite da gestão, foram enviados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para as responsáveis pelas crianças que se encaixavam nos critérios de inclusão da pesquisa.

Os responsáveis que aceitaram a participação da criança no estudo assinaram o TCLE. Posteriormente, as crianças foram convidadas a participar e com o aceite assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE B). Sendo assim, o processo de pesquisa foi iniciado.

3.4.3. Validação dos instrumentos

O roteiro de entrevista foi elaborado pelas pesquisadoras e, posteriormente, foi realizada a validação por meio de avaliação externa de três juízes especialistas na área conforme sugerido por Manzini (2003). Os juízes analisaram a estrutura, conteúdo, pertinência e coesão da entrevista.

Segundo Manzini (2003), a construção de instrumentos de coleta de dados implica em alguns aspectos que tanto o pesquisador, como o juiz devem considerar, como, por exemplo, a pertinência das questões em relação à problemática a ser investigada, a linguagem utilizada, o formato e a sequência das perguntas.

Além da análise da entrevista por juízes especialistas da área, realizou-se a aplicação piloto com três crianças. A partir da validação do instrumento pelos juízes e da aplicação piloto, o instrumento foi revisto e finalizado para dar início à coleta de dados.

3.4.4. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada após a autorização da gestão escolar e do Comitê de Ética, semanalmente, durante os meses de novembro e dezembro de 2021.

No momento da coleta dos dados, as crianças haviam retornado às aulas de maneira presencial há aproximadamente um mês e ainda estavam se adaptando às medidas de distanciamento impostas para tal momento.

No contato inicial com a coordenadora da escola, os critérios de inclusão para a pesquisa foram apresentados. Inicialmente houve a tentativa de direcionamento de crianças que já apresentavam alguma demanda de saúde mental, porém após a explicação da pesquisa, dos objetivos e demais argumentos e esclarecimentos apresentados pela pesquisadora, foi autorizado que a pesquisa fosse divulgada para as crianças que se encaixavam nos critérios de inclusão.

O convite para a pesquisa foi realizado pela pesquisadora em quatro salas, de forma que as crianças levaram o TCLE e uma carta de apresentação aos pais, a qual a pesquisadora se apresentava e colocava à disposição para conversar e tirar dúvidas. As crianças que retornaram com o TCLE assinado, autorizando a participação na pesquisa, foram convidadas a participar e assinar o TALE.

A escola disponibilizou o espaço da biblioteca para a realização das elucidações gráficas e entrevistas e, durante a realização das mesmas, foram adotadas medidas de segurança e proteção, como o uso de máscaras, o distanciamento seguro e a disponibilização de álcool gel para as crianças. A cada nova entrevista o local e o material eram higienizados.

Para dar início, o vídeo elucidativo disparador da temática foi apresentado por meio de um *tablet* disponibilizado pela pesquisadora, o qual gerou euforia e questionamentos sobre o seu funcionamento e seu custo, além do desejo de aquisição de um próprio. O mesmo foi posicionado à frente das crianças, dando autonomia para que elas explorassem os recursos do aparelho.

Após a reprodução do vídeo, deu-se início a produção gráfica, sendo que para a disponibilização dos materiais, uma carteira foi posicionada ao alcance das crianças, com a possibilidade de visualização de todos os materiais ofertados, os quais geraram grande curiosidade. Os relatos das crianças permeavam desde a “marca” dos materiais, como também, suas características e possibilidades de uso, o que induziu à longa exploração dos mesmos pela maioria das crianças durante o processo de produção da elucidação. O tempo

gasto para a produção foi em média 40 minutos, sendo o mais longo com 60 minutos e o mais curto com 10 minutos.

Algumas crianças apresentaram a necessidade de uso de todos os materiais disponibilizados, acompanhado de longas justificativas e constantes olhares em busca de aprovação e permissão da pesquisadora para a exploração dos materiais.

Sobre as entrevistas, as mesmas ocorreram após a produção da elucidação gráfica, no mesmo dia, sendo que o tempo com cada criança variou de 20 a 50 minutos. Tanto as entrevistas como o relato sobre a elucidação gráfica foram gravados e transcritos posteriormente.

3.4.5. Análise de dados

Para as elucidações gráficas não se buscou uma análise interpretativa, mas sim compreendê-las a partir das próprias verbalizações das crianças. Assim, tanto as narrativas advindas das elucidações gráficas como os dados produzidos nas entrevistas foram analisados a partir da análise do conteúdo de Bardin (2011). A análise de conteúdo utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, cujo intuito é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento. Dentre as diferentes técnicas de análise do conteúdo tem-se a análise temática.

A análise temática foi realizada em três etapas, sendo elas, a pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados e interpretação. Na etapa da pré-análise o material foi organizado; o *corpus*, constituído; o material coletado, transcrito na íntegra e lido de maneira flutuante e exaustiva, as informações contidas foram codificadas e recortes no texto foram realizados, buscando classificá-los de acordo com as temáticas. Ao encontrar os temas, os mesmos foram agregados, dando então origem às categorias de análise que estão identificadas no texto a seguir.

Aponta-se que com o intuito de evidenciar o protagonismo das crianças, as categorias que serão apresentadas nos resultados partiram inicialmente da análise das narrativas produzidas por meio das elucidações gráficas. Desta forma, à luz do que foi produzido e analisado nas elucidações gráficas, os resultados serão complementados com os dados obtidos nas entrevistas. Dos 19 participantes, duas crianças optaram por não falar sobre a produção realizada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados provenientes do presente estudo, iniciando pela caracterização dos participantes e, posteriormente, os temas que emergiram do processo de análise dos dados.

4.1. Caracterização dos participantes

Conforme apresentado anteriormente, participaram deste estudo 19 crianças, estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo.

No Quadro 1 apresentam-se os dados relativos à caracterização dos participantes no que se refere à idade, gênero, série que cursava no momento da produção dos dados e composição familiar. O codinome “participante n^o” foi utilizado com o intuito de preservar a identidade dos mesmos.

Quadro 1 – Caracterização dos/das participantes

Nome	Idade	Gênero	Série	Composição familiar
Participante 1	11	Feminino	5º	mãe, pai e irmã
Participante 2	10	Feminino	5º	mãe, padrasto e irmã
Participante 3	11	Masculino	5º	mãe, avós, irmãs, tias e primos
Participante 4	10	Feminino	5º	mãe, padrasto e irmãos
Participante 5	11	Masculino	5º	mãe e padrasto
Participante 6	9	Feminino	4º	mãe, pai e irmã
Participante 7	10	Masculino	4º	mãe, irmãos e sobrinha
Participante 8	11	Masculino	5º	mãe, avós, irmãs, tias e primos
Participante 9	10	Feminino	4º	mãe, padrasto e irmão
Participante 10	10	Feminino	5º	mãe e pai
Participante 11	10	Masculino	5º	mãe, irmã e tio

Participante 12	10	Masculino	4°	mãe, padrasto, e irmãos
Participante 13	10	Masculino	4°	mãe, pai e irmã
Participante 14	10	Feminino	4°	pai, mãe e irmão
Participante 15	10	Feminino	5°	mãe, pai, e irmãs
Participante 16	10	Feminino	4°	mãe, padrasto e irmãos
Participante 17	10	Masculino	5°	mãe e irmão
Participante 18	10	Feminino	5°	mãe, padrasto e irmãos
Participante 19	11	Masculino	5°	mãe e pai

Fonte: Elaboração Própria

A partir das informações do quadro acima identifica-se que os participantes apresentavam idades entre 9 e 11 anos, sendo que a maioria apresentava 10 anos.

Observa-se que dos 19 participantes, 10 se identificaram pelo gênero feminino, enquanto 9 pelo gênero masculino.

Todos os alunos estavam matriculados na mesma escola pública municipal, sendo que 7 cursavam o 4° ano do Ensino Fundamental e 12 cursavam o 5° ano do Ensino Fundamental.

Com relação à constituição familiar, a mesma teve a presença de pai, mãe e irmãos, mas também padrastos, avós, tios, primos e sobrinhos.

Nota-se que das 19 famílias, 12 não se caracterizam como famílias tradicionais, composta por mãe, pai e filhos. Nesse cenário, destacam-se aquelas cuja constituição é majoritariamente de mulheres (mãe, avó, tia), sem a figura masculina do pai ou padrasto, o que a literatura aponta como uma tendência contemporânea, principalmente no que tange às periferias e regiões de maior vulnerabilidade social (CUNICO, 2014).

Em uma pesquisa desenvolvida com mulheres chefes de família, mães, que compunham famílias monoparentais e que residiam em periferia urbana, Cunico (2014) discute o quanto que em qualquer configuração familiar há inúmeros desafios que se apresentam a mulheres que são chefes de suas famílias. A dupla jornada de trabalho, a dificuldade em conseguirem empregos melhor remunerados e a falta de apoio do ex-companheiro para partilhar responsabilidades, podem fazer com que as mães se sintam sobrecarregadas devido ao acúmulo de funções, gerando sentimentos de fragilidade e insatisfação (CUNICO, 2014).

Essa realidade apresentada se agravou perante a pandemia, considerando as medidas de isolamento adotadas e a suspensão das atividades não essenciais como, por exemplo, fechamento do comércio. Muitas mulheres perderam os empregos ou passaram a ter instabilidade nos mesmos, ao mesmo tempo em que tiveram que lidar com o aumento de responsabilidades das atividades domésticas durante esse período. Ou seja, a Covid-19 escancarou a vulnerabilidade estrutural feminina e a fenda existente entre a pobreza de homens e mulheres (MUNIZ et al., 2021; NASSIF-PIRES et al., 2021).

Muniz et al. (2021) desenvolveram uma pesquisa durante o período de isolamento social que teve como objetivo analisar os riscos sobre a renda e os desafios no cotidiano de mulheres chefes de família do Distrito Federal, a partir do cruzamento das relações de classe, gênero e raça. A partir de entrevistas com dois grupos (3 mulheres em postos de trabalho formais e de estabilidade e 3 mulheres trabalhadoras informais), os resultados encontrados evidenciaram que as mulheres, sobretudo negras e periféricas, são as mais vulneráveis às consequências das crises econômicas e sociais, e neste caso, sanitária. Os autores reforçam não só a intensificação da dupla jornada de trabalho das mulheres, como também a necessidade de problematizar essa realidade.

Criadas como estratégia de enfrentamento da situação, as medidas de estímulo econômico e transferências emergenciais de renda foram cruciais para as populações economicamente mais vulneráveis durante a pandemia da Covid-19 (MUNIZ et al., 2021; NASSIF-PIRES et al., 2021). A política de renda mínima⁴ adotada pelo Governo Federal em função da pandemia foi extremamente necessária para mulheres chefes de família em trabalhos informais e em condição de vulnerabilidade, uma vez que possibilitou atender às necessidades básicas das mesmas, sendo imprescindível para a manutenção de suas casas. Contudo, ressaltam-se algumas problemáticas na operacionalização dessa política, que resultaram na dificuldade de acesso de muitas mulheres a esse direito, mesmo respondendo a todos os critérios para inclusão no programa e a demora para proposição e implementação da mesma em um cenário de muitas urgências como a fome.

Dentre as problemáticas na operacionalização, Marins et al. (2021) destacam as longas horas na fila para cadastramento e recebimento do benefício, a demora no pagamento, a instabilidade do site para cadastramento, a falta de acessibilidade digital da população, entre

⁴ No Brasil, o Auxílio Emergencial foi implementado em abril de 2020 com o objetivo de aliviar a pobreza e os impactos da queda da renda. As transferências mensais substituíram os pagamentos do Bolsa Família para a maioria das famílias de baixa renda e consistiram em nove parcelas: cinco parcelas de R\$600 e quatro de R\$300. As mães solteiras chefes de família receberam cotas duplas: cinco de R\$1200 e quatro de R\$600. (NASSIF-PIRES, 2021).

outras. Estas, prejudicaram significativamente as famílias brasileiras, tornando-se obstáculos para a garantia da cidadania e do acesso ao direito à assistência em um momento de crise sanitária, econômica e social.

Desta forma os resultados do presente estudo, ao apresentar as características e composições familiares dos participantes, fornecem elementos para maiores discussões acerca das implicações da pandemia no cotidiano das crianças, principalmente, considerando aquelas que vivem em situações de maior vulnerabilidade social e que têm suas famílias chefiadas por mulheres.

A seguir serão apresentados os resultados obtidos a partir das elucidações gráficas e da análise dos dados das entrevistas.

4.2. Temáticas emergidas a partir do processo de análise e suas categorias

Observa-se que sete temáticas emergiram a partir da análise das elucidações gráficas, sendo apresentadas e descritas a seguir conjuntamente com os relatos das entrevistas realizadas.

1. A compreensão das crianças sobre a Covid-19 e os sentimentos gerados;
2. A morte e o luto em decorrência da pandemia da Covid-19;
3. O brincar como atividade principal no cotidiano das crianças;
4. O uso de telas na pandemia da Covid-19;
5. A escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19;
6. As relações familiares durante a pandemia da Covid-19;
7. A vulnerabilidade social vivenciada pelas famílias durante a pandemia da Covid-19.

4.2.1. A compreensão das crianças sobre a Covid-19 e os sentimentos gerados

Figura 1 - Elucidação gráfica participante 7



Isso daqui era antes, isso daqui era a parte que mais tem na terra. Depois de um tempo, tudo foi ficando mais difícil. Primeiro, antes da covid, começou os incêndios pelo mundo todo, mas aí chegaram os bombeiros e tacaram água. Até hoje tão combatendo. Aí depois chegou uma coisa mais difícil ainda, o calor de X⁵. Não dá pra sobreviver direito, aí chegou a covid, o fogo, misturou tudo. E deu início. E os dois se juntaram para acabar com o planeta. Aí a vacina... foi inventada, aí a covid ficou fraca, tá adormecida, isso vai ser o negócio da vacina, tá bom? Ela injetou no planeta, colocar a ponta aqui, fazer assim, pra parecer que ela andou, tá bom? Aí sobrou isso de covid. Aí o planeta voltou a ficar um pouco mais ou menos assim, mas existem alguns continentes... isso simboliza... que ainda tão dominando, a covid tá dominando o continente e alguns estados, por causa que eles não quer... e chegou uma coisa... isso daqui é o diabo, per aí, deixa eu fazer as armas dele aqui, né, porque ele precisa. Pegar o rabisco aqui, porque a arma dele vai ser a covid, e ele tacou a covid pra todo lado, que até pegou no coitadinho. Deixa aqui que tá doente, e aí passaram uns anos, passaram dois anos, e as pessoas começou a ficar assim, demente, com mais sono, e ficando doente. E chegou outra coisa em X, que agora tá dominando: dengue. Ela tá ajudando a covid, sem perceber, por causa que ela tá fazendo a covid ganhar o que ela quer, fazer o que ela quer: matança. E a dengue tá matando muitas coisas, mas até fiz uma coisa, que significa... chegou umas escolas lá no nosso projeto, que nós cantamos uma música, a música é: “Ei, você aí, não deixe água parada, se não a dengue vai vir. Tenha consciência em casa, vire garrafas e pratos, não deixe água parada, mantenha tudo bem limpo, assim o mosquito vai embora, vamos”. Aí, a covid ficou distanciada, a dengue não tá existindo muito mais agora. Tipo, ela foi, tipo, intoxicada pela covid... (P7)

Para além do cotidiano das crianças na pandemia, uma das categorias temáticas que emergiu foi a compreensão das mesmas sobre a Covid-19 e o cenário pandêmico. Os relatos evidenciaram aspectos referentes à origem do vírus e sua propagação, medidas de segurança e proteção, riscos, expectativas futuras, entre outros.

⁵ Visando manter o sigilo sobre o local da pesquisa, o nome do município citado pela criança foi substituído pela letra X.

Assim, a partir da produção das elucidações gráficas e das entrevistas, foi possível compreender a percepção das crianças sobre a pandemia da Covid-19, sendo que elas puderam compartilhar impressões sobre a origem do vírus e sua propagação para outros países como Brasil, resultando na pandemia.

“Começou com um... é, eu não sei o nome da pessoa, começou lá em outro país, mas eu não sei o nome, daí veio passando, passando, e veio pro Brasil.” (P9)

“É um vírus que começou na China, e agora tá no mundo inteiro.” (P17)

Além disso, as crianças assimilaram o momento pandêmico de forma abrupta, principalmente a partir do relato e explicação de familiares, os quais puderam informar aos mesmos sobre as primeiras medidas emergenciais de segurança e proteção adotadas pelo governo como, por exemplo, a suspensão das atividades escolares, isolamento social, uso de máscaras, higienização das mãos e, também, sobre a forma de manifestação do vírus no organismo.

“Quando minha mãe falou sobre a covid, ela queria que a gente lavasse nossa mão, com sabão, passasse álcool gel e, quando saísse na rua, passar álcool em gel, depois lavar as mãos e, depois, na hora de comer, lavar a mão também.” (P3)

“A pandemia é quando os outros não pode sair, tem que sair com máscara, e tem que trazer uma máscara reserva, tem que trazer álcool, e não pode ficar andando sem máscara.” (P8)

“...eu tive que começar a usar máscara, passar álcool em gel toda hora na mão, mais isso.” (P11)

“Teve um dia normal, eu acordei pra ir pra escola. Minha mãe falou “Se você não quiser ir pra escola, não precisa, porque agora a doença, o coronavírus tá aqui, se você não quiser ir pra escola, não vai. Covid-19 é uma doença, bem pequenininha, e que se entrar na gente, a gente fica com falta de ar, a gente fica tossindo, espirrando, fica com dor de cabeça.” (P14)

“Pandemia, no caso, é pra gente ficar em casa e não sair de casa, pra gente não pegar doença. Covid-19 é a doença.” (P16)

“Minha mãe e meu pai falaram que não era pra mim sair uma doença que, que tem que respeitar ela, tem que usar máscara, usar álcool gel, só sei disso.” (P17)

Nos resultados apresentados, as crianças compartilham não só suas vivências pessoais, mas também sua compreensão sobre a Covid-19 – o início da pandemia, a disseminação do vírus e a vacinação. Ou seja, de maneira genuína, consciente e atenta demonstraram clareza sobre os acontecimentos e as mudanças cotidianas que ocorreram desde o início do isolamento social e todos os desdobramentos ao longo desse período.

Observa-se que muito do que as crianças compreendem e explanam sobre a COVID-19 perpassa as observações e transformações vivenciadas em seu cotidiano, considerando as vivências e situações que ocorreram, relações estabelecidas nesse tempo e espaço, e que tornaram esse período um campo de representações e interpretações sobre os pensamentos, ações e linguagens experienciadas no dia a dia, tal como identificado na pesquisa de Folino et al. (2021).

Com o objetivo analisar a percepção de crianças sobre a Covid-19, a partir de 20 entrevistas em plataformas digitais em 2020, com crianças entre 8 e 10 anos de idade, de diferentes perfis socioeconômicos da cidade do Rio de Janeiro, Folino et al. (2021) desenvolveram um estudo que apontou que as crianças não estavam alheias à pandemia, compreendiam a gravidade da situação, estando conscientes das formas de prevenção e medidas de proteção adotadas, fortemente alinhadas ao discurso das autoridades de saúde.

Também identifica-se a partir do relato das crianças a compreensão sobre a gravidade da doença e sintomas, o risco de morte e a necessidade de hospitalização, como principais consequências relacionadas à Covid-19.

“A pandemia foi causada pelo Covid, que é uma doença que você pode morrer ou só ficar muito doente ou internada, e eu acho que é só isso.” (P1)

“...eu sei que o coronavírus é bem perigoso, que a gente tem que tomar cuidado, né, tem que se prevenir, e que já matou bastante gente.” (P2)

“Eu só sei que ele pega na pessoa, a pessoa fica doente, e tem vezes que a pessoa morre, mas tem pessoa que não morre.” (P6)

“Eu sei que é um negócio muito perigoso, que ele pode matar as pessoas, só isso.” (P10)

“Que isso pode matar se não ficar em casa se cuidando.” (P12)

“Ah, o covid-19 é um vírus que tá matando todo mundo.” (P13)

“Que é uma doença muito perigosa, que pode até morrer. Tem umas pessoas que morreram disso.” (P18)

Além das perdas e do risco de morte iminente, identifica-se nos resultados o medo de se contaminar e contaminar seus familiares e pessoas queridas.

“Eu tinha bastante medo de eu sair e pegar e levar pra algumas pessoas que eu gostava...” (P1)

“...quando começou a pandemia, fiquei sabendo que as pessoas tavam morrendo, tava com medo de pegar o coronavírus.” (P3)

“Tenho medo, às vezes, de eu pegar, por exemplo, covid, porque a dengue eu já peguei.” (P4)

“Eu tinha medo de pegar covid, porque nesses tempos, ficava doente, tinha que ir no médico, essas coisas assim, eu tinha medo, porque ficava muito ruim.” (P6)

“... medo de todo mundo pegar coronavírus e morrer.” (P8)

“...sinto medo... De pegar essa doença e ficar doente. Daí não vou poder ir pra escola.” (P9)

“...tenho medo de pegar essa doença, né, que é perigosa.” (P11)

“Eu tenho medo de pegar a pandemia, e levar pra minha família.” (P15)

“Eu ficava de máscara, quando saía, em todo lugar, quando alguém espirrava, já ficava com muito medo, e foi isso, quando alguém tossia. Muito difícil, eu pensei que eles (família) ia morrer, porque eles são um pouco velho.” (P18)

“Com medo de pegar covid, e nunca mais sair daí.” (P19)

A vacinação também emergiu nos relatos das crianças, diante da expectativa de resolução do problema, além do próprio desejo de ser vacinado, junto com seus familiares e toda a sociedade.

“(expectativa) que a gente consiga que todo mundo se vacine.” (P1)

“...tem gente tomando vacina, e eu, quando chegar a 12 anos⁶, vou ter que tomar, por causa que se não, eu não vou conseguir frequentar a escola.” (P4)

“...não adianta tomar a vacina, porque a vacina não vai adiantar você tomar e não pegar covid. A vacina é só pra você não pegar o covid forte.” (P6)

“...é uma doença muito grave, que tá se expandindo pelo mundo, só que não está mais por causa da vacina...a vacina foi inventada, aí a covid ficou fraca, ta adormecida...” (P7)

“Porque ainda eles tão fazendo mais vacina ainda, pra quem não tomou. Daí quem tomou, acho que já passa esse covid.” (P19)

Sobre as expectativas futuras com relação à pandemia, o anseio pelo fim da mesma é unânime entre as crianças entrevistadas, permeando também o desejo pela suspensão de algumas medidas de segurança e proteção principalmente o uso de máscaras, além do retorno das atividades cotidianas como o brincar, entre outras.

“...que essa nova área de covid que tá acontecendo, ela não se espalhe rápido igual à covid-19 se espalhou.” (P1)

“Agora...a pandemia vá embora. A escola voltou, né, os lugares tão voltando.” (P2)”

“Não ter que usar máscara, né...Eu queria acordar cedo, me arrumar, ir pra escola sem máscara, né, voltar, comer e sair. Não tá tendo muita gente que tá morrendo” (P4)

“Que acabe a covid, que tudo seja mais legal ...” (P7)

“É que quando eu fui um dia lá na casa da minha irmã, aí eu senti que acabou a pandemia, que eu fiquei livre, sem me encolher na vida.” (P8)

⁶ A coleta de dados foi realizada antes da liberação da vacina para menores de 12 anos no Brasil.

“...Daí o vírus eu queria que acabasse logo. Eu não penso mais na pandemia, eu fico não pensando mais na pandemia, agora a pandemia tá ficando fraca.” (P13)

“Que passa esse Covid, pra daí brincar mais legal.” (P19)

Ainda assim, destaca-se que muitas crianças acreditavam que a pandemia não havia chegado ao fim, visto a continuidade da transmissão, número de mortes e novas variantes. Desta forma a manutenção dos cuidados ainda eram considerados importantes nesse momento na perspectiva das mesmas.

“A gente não pode considerar que acabou, mas como deu uma melhorada, muitas pessoas pararam de pegar, eu acho que poderia se considerar que acabou, mas não acabou.” (P1)

“Porque a pandemia não acabou ainda, porque tem gente que tá pegando covid.” (P6)

“Eu acho que não, por causa que ainda tem pessoas morrendo por causa dela e, também, se tivesse morrido, os ricos, poderoso aí teria falado, os jornalistas também teriam falando assim: “A covid acabou no mundo inteiro.” Só que seria mentira, porque todas as doenças têm um frasquinho ainda.” (P7)

“...meu pai tá falando que tá chegando uma outra variante⁷, então a pandemia não acabou.” (P10)

Observa-se que o presente estudo, ainda que pouco mais de um ano tenha se passado do estudo de Folino et al. (2021), reafirma os resultados da pesquisa dos autores no que diz respeito à compreensão das crianças sobre a pandemia e avança ao trazer a percepção sobre outros elementos tais como expressivo número de óbitos, retorno gradativo das aulas e as expectativas perante o término da pandemia. As crianças compartilharam o desejo intenso em serem vacinadas, assim como a urgência deste processo para a contenção do vírus. Em seus discursos, as crianças apontavam expectativas perante a vacinação, para que pudessem retomar a sua vida e as atividades cotidianas, principalmente as atividades escolares.

⁷ Em 26 de novembro de 2021, a OMS designou a variante da COVID-19 B.1.1.529 como uma variante de preocupação denominada Ômicron. Essa variante apresenta um grande número de mutações, algumas das quais preocupantes. As outras variantes de preocupação ainda estão em circulação e são: Alfa, Beta, Gama e Delta. (Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19>)

Nessa mesma direção, o estudo de Idoiaga (2020), realizado por meio de uma revisão sistemática, objetivou compreender os efeitos das medidas de *lockdown* instituídas como resposta à pandemia de Covid-19, na saúde mental de crianças e adolescentes. Os resultados apontaram que as crianças mais velhas (de 6 a 12 anos) demonstraram maior preocupação com a situação, pois sabiam que a Covid-19 era altamente contagiosa, expressando medo, preocupação, tristeza, nervosismo e susto quando foram questionadas sobre o coronavírus. No entanto, elas demonstravam compreender bem a situação e a maioria delas também estava mais preocupada em infectar seus avós do que em serem elas próprias infectadas. Além disso, algumas delas expressaram que se sentiriam culpadas se alguém próximo fosse infectado. Tal como o estudo realizado por Idoiaga (2020), os resultados do presente estudo também sinalizam para a preocupação das crianças com a transmissão do coronavírus para seus familiares.

Ainda sobre a compreensão do momento pandêmico pelas crianças, no estudo realizado por Silva et al. (2021), de modo online, com crianças de 8 a 12 anos em situação de isolamento social, os autores reafirmam a clareza na compreensão das crianças sobre a pandemia e suas consequências. Elas trazem tanto impressões sobre os riscos individuais quanto os coletivos da Covid-19 como, também, a capacidade de resistência, consciência de suas condições de vida, dos seus direitos, responsabilidades, dos direitos de suas famílias e do contexto da crise sanitária, social e política que vivemos, sendo capazes de projetar suas próprias vidas.

Diante do cenário e situações vivenciadas, tais como medidas de segurança e proteção adotadas e desconhecimento da nova realidade e, considerando todas as possíveis implicações do mesmo, sejam contextuais, sociais, físicas ou emocionais, identificou-se nos relatos que o medo, conforme já sinalizado, a solidão, a raiva, a dúvida, a insegurança e a ansiedade se fizeram presentes no cotidiano das crianças.

De modo geral, ao questionar as crianças sobre como elas se sentiram durante a pandemia, as mesmas relataram que:

“...eu desenvolvi uma ansiedade, só que a ansiedade foi bem baixa.” (P1)

“... (fiquei triste) quando eu comecei a não ver meus amigos, não vi mais, eu fiquei em casa, não vi mais nada.” (P3)

“Eu continuo sentindo muito medo por causa dela, parece que a pandemia não deixou as pessoas mais fracas, deixou elas com mais raiva, com mais vontade de

bater, não é verdade. Eu me senti bem bravo, tipo, eu queria, qualquer pessoa que passasse na minha frente, eu dava algum soco, eu queria dar um soco, só que eu guardava.” (P7)

“...eu fico triste quando a minha mãe fica triste, dá vontade de chorar.” (P8)

“...me senti quase muito sozinho.” (P12)

“...quando começou a pandemia, eu me senti um pouquinho, tipo, um pouquinho triste. Eu fiquei triste, fique bravo, porque esse maldito coronavírus tava matando, por causa que... não é só nós, nós não têm que pensar em nós, nós têm que pensar nas pessoa, principalmente nas pessoas que nós ama. Daí eu fiquei um pouquinho bravo, por causa que as pessoas tavam morrendo, aí eu fiquei bravo, aí o maldita coronavírus, por que você tem que existir? Fiquei bravo.” (P13)

“...alguns momentos, eu ficava assim, ficava pensando um pouco, daí ficava um pouco triste, lembrando das coisas (que fazia). Quando eu fico muito em casa, presa, todo dia, uma semana tá, mas agora um mês, eu fiquei cinco meses em casa, eu ficava nervosa, muito irritada, daí ninguém podia falar nada pra mim, porque eu ficava muito irritada, nervosa...” (P18)

Previa-se que a pandemia traria impactos significativos para a saúde mental das crianças, uma vez que as rupturas, situações de incerteza e de perdas causadas pela Covid-19 poderiam mobilizar inúmeros sentimentos, sendo esperado que essas reações fossem ainda mais agravadas pelo fato de as mudanças terem sido abruptas e duradouras, abrangendo diferentes âmbitos do cotidiano. Além disso, sabe-se que o acesso e acolhimento nos equipamentos de saúde, educação e assistência que poderiam contribuir para a saúde mental das mesmas, também foi limitado e muito tempo se passou até a implementação de medidas alternativas de cuidado e proteção a essa população.

Embora os estudos acerca deste tema ainda estejam em pleno desenvolvimento, principalmente considerando os impactos pós-pandemia na saúde mental das crianças, a literatura existente alerta que as crianças têm apresentado maiores dificuldades socioemocionais e comportamentais diante de tantas mudanças ocorridas. Alguns estudos sugerem inclusive que haverá uma pandemia ainda maior, em se tratando do sofrimento psíquico apresentado pela população (MUKHERJEE, 2020; CENTRE FOR MENTAL HEALTH, 2020).

Dentre os prejuízos mais vivenciados pelas crianças durante esse período, têm-se

aqueles que são provenientes da solidão, diante do isolamento social, uma vez que as medidas adotadas impediram as crianças de frequentarem as escolas e espaços sociais e recreativos, seja na comunidade ou outros contextos familiares, assim como de se relacionarem com seus pares. Autores ressaltam que a solidão a longo prazo e os sentimentos decorrentes do isolamento, aumentam significativamente o risco dessas crianças desenvolverem problemas de saúde mental como ansiedade, depressão e estresse (CLUVER et al., 2020; TWENGE et al., 2020; ORGILÉS et al., 2020).

A falta de interação com os pares também foi fator de estudo para Golberstein et al. (2021). O estudo foi realizado por meio de uma enquete pela internet com 1290 pais ou responsáveis de crianças e adolescentes entre 5 e 18 anos nos Estados Unidos e os resultados mostraram que a falta de interações sociais e o isolamento foram fatores significativos associados a sintomas de ansiedade e depressão em crianças e adolescentes. Assim como o estudo de Golberstein et al. (2021), a revisão sistemática realizada por Loades et al. (2020) reforça que a falta de interação social e o isolamento podem aumentar o risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes, especialmente para aqueles com transtornos pré-existent. Além disso, em ambos os estudos os autores destacam a importância de fornecer suporte social e emocional às crianças para ajudar a minimizar os efeitos negativos na saúde mental.

A partir dos resultados encontrados no presente estudo, identifica-se que diversos fatores podem ter impactado a saúde mental das crianças, tal como o isolamento social. Dentre eles, destacam-se a interrupção abrupta das atividades diárias e escolares, o desconhecimento sobre a magnitude do vírus, elevado número de mortes, inclusive de pessoas do núcleo familiar, novas dinâmicas familiares, desigualdades e maior vulnerabilidade social. Assim hipotetiza-se que tais fatores geraram mudanças significativas na rotina (sono, alimentação, atividades cotidianas, relações sociais, entre outras) das crianças e que sem uma previsibilidade de retomada, com tantas incertezas futuras e poucos mecanismos de sustentação e manutenção de um cotidiano severamente interrompido, certamente trará prejuízos não só à saúde mental das crianças, mas também de toda a população.

Nessa direção, destaca-se para a privação das crianças no que tange ao contexto escolar e, dessa maneira, das relações com seus pares, do aprendizado formal e todos os benefícios que esse contexto proporciona como, a segurança alimentar e nutricional, o brincar compartilhado e coletivo, essenciais para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais na infância.

Especificamente em relação às desigualdades e vulnerabilidade social imposta pela

pandemia, cabe ressaltar que não é recente na literatura a associação entre, por exemplo, condições socioeconômicas, vulnerabilidade social e prejuízos à saúde mental das crianças. Em 2018, autores realizaram uma revisão integrativa da literatura que teve como objetivo identificar e analisar as pesquisas que abordam a relação entre vulnerabilidade social e saúde mental infantil. Os autores selecionaram artigos publicados entre 2012 e 2017 em bases de dados científicas, considerando estudos realizados em diversos países, que abordassem a vulnerabilidade social como fator de risco para a saúde mental das crianças. A partir da análise dos estudos selecionados, os autores concluíram que a vulnerabilidade social está associada a diversos transtornos mentais em crianças, como ansiedade, depressão, transtornos de comportamento, baixa autoestima, entre outros (MENDES et al., 2018).

A revisão apontou ainda que a vulnerabilidade social pode ser um fator de risco mais significativo para a saúde mental das crianças do que outros fatores, como a exposição a traumas ou eventos estressantes (MENDES et al., 2018). Ou seja, nesse sentido, é possível compreender que a pandemia, somada a cenário de maior vulnerabilidade social, expõe ainda mais as crianças a riscos como a violência, negligência, fome, morte e, sem as devidas medidas de proteção e garantia de direitos seja pelo Estado ou sociedade, certamente trará impactos imensuráveis na vida desses sujeitos. Essa realidade pode ser melhor exemplificada ao comparar estudos realizados durante a pandemia, com crianças da periferia e crianças em condições mais privilegiadas (LIMA, 2021; FERREIRA et al., 2020; LIMA et al., 2020), conforme será apresentado e discutido na última temática.

Ressalta-se que compreender melhor esses fatores é fundamental para dimensionar os impactos da pandemia para as crianças e a saúde mental das mesmas, assim como desenvolver intervenções adequadas para mitigar os efeitos negativos.

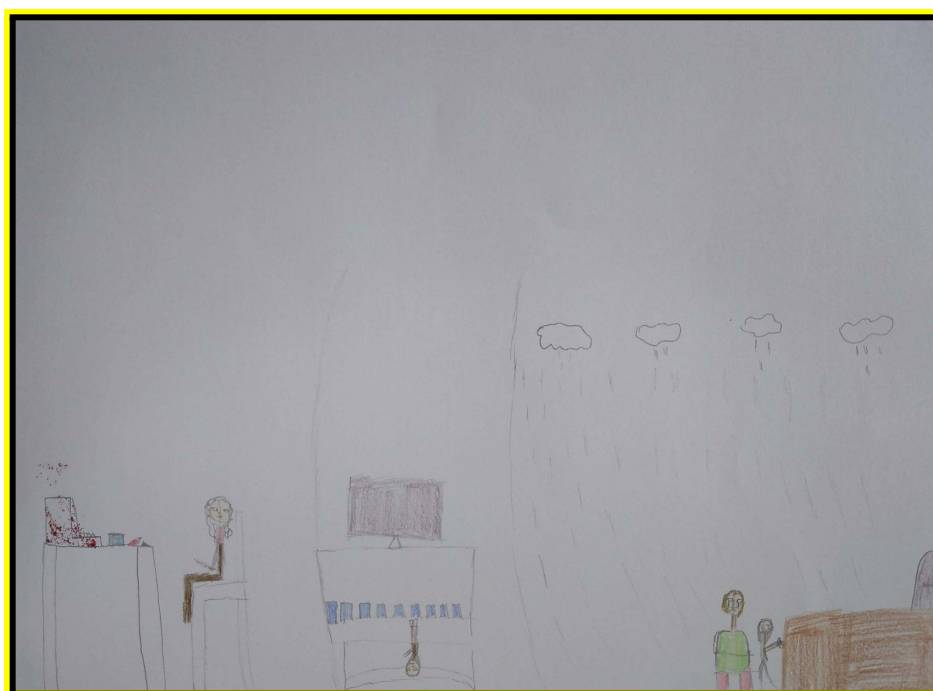
4.2.2. A morte e o luto em decorrência da pandemia da Covid-19

Figura 2 - Elucidação gráfica participante 14



É que, a minha tia, minha tia Ruth, ela cuidava da minha bisavó, que ela era bem velhinha. Aí, essa minha bisavó, ela tava parando de comer, tava tossindo, tava espirrando, aí ela foi internada, por causa que ela pegou covid. Aí, depois que ela morreu, a minha tia Ruth ficou também mal, acho que ela pegou, também. Ela pegou, aí ela não tava comendo, não tava conseguindo se mexer. Depois, ela foi pro hospital, aí ela tinha ficado bem, aí... ela faleceu. (P14)

Figura 3 - Elucidação gráfica participante 1



O terceiro foi que, como eu perdi todas as minhas vós e o meu vô, a metade do meu tempo eu ficava indo no cemitério para visitar eles ou levar algumas coisas. (P1)

A partir das elucidações gráficas evidencia-se que a morte e o luto estiveram presentes. Das 19 crianças participantes, nove citaram vivências de morte e luto.

“Eu ter perdido as minhas avós, minhas três vós, e o meu vô, fiquei muito triste depois de ter perdido uma das minhas avós.” (P1)

“Quando meu vô morreu, eu chorei, mais ou menos, e fiquei normal, depois comecei a chorar bastante.” (P3)

“Perdemos muitas pessoas, perdemos muitos cantores, e perdemos muitas alegrias, que nós podia não ter perdido.” (P7)

“...eu perdi um tio na pandemia, e isso me assustou um pouco.” (P10)

“...minha madrinha, né, morreu, meu pai morreu, e só, achei triste.” (P12)

“...a morte das duas (avós) foi muito triste, eu fiquei triste, fiquei chorando, minha mãe também.” (P14)

“...quando meu pai morreu, minha mãe arrumou um padrasto.” (P17)

“...Setembro de 2021, né, o meu irmão de vida, não é irmão de sangue, mas ele morreu, né...” (P18)

“Que quando chegou a pandemia, daí minha vó pegou covid e faleceu.” (P19)

Diante do alto número de mortes no país, é esperado que as crianças tenham vivenciado situações de perda de familiares ou de pessoas próximas, sendo que algumas perderam mais de um membro da família. Além disso, observa-se que ainda que o número de casos novos e morte seja significativamente menor no momento da coleta de dados em comparação a outros momentos da pandemia, ainda era uma realidade presente. Ou seja, a pandemia da Covid-19 deu ênfase à morte e fez com que ela se tornasse uma ameaça constante, onde todos estão sujeitos à contaminação, ao adoecimento e às consequências mais severas da doença. Segundo Penariol (2021) a morte na contemporaneidade ainda constitui

um verdadeiro tabu e a pandemia da Covid-19 trouxe visibilidade a esta fragilidade, ao medo e ao temor diante da proximidade com a mesma (ZAMBELI et al., 2016).

Mesmo com a relevância da temática, observa-se que somente dois estudos encontrados na literatura envolveram a morte e o luto na pandemia e a relação com as crianças (Silva, 2021 e Silva et al., 2020). Estes sinalizam que as crianças passaram pelo mesmo processo de luto que seus familiares, necessitando de esclarecimento e acolhimento dos seus sentimentos.

Todavia, em se tratando das crianças participantes do presente estudo, identificou-se que o enfrentamento dessa situação, acesso e acolhimento em equipamentos da rede assistencial não foi uma possibilidade, uma vez que nem o que deveria ser urgente, como a vacinação em massa das crianças, foi adotado como conduta prioritária pelas instâncias governamentais e políticas públicas. Ou seja, as crianças tiveram que lidar com inúmeras perdas, que resultaram em uma variedade de sentimentos e reações, tal como apresentado anteriormente, além de alterações nas relações e dinâmicas familiares, sem o cuidado necessário.

Em uma sociedade onde falar sobre o processo de morrer é considerado um tabu, conviver com a morte em grande escala, como aconteceu durante o período de maior propagação do vírus, tem inúmeras implicações, uma vez que deixa de ser um acontecimento que se espera no final da vida, tornando-se um evento cotidiano e “natural” dessa vivência pandêmica, e não mais uma exceção, tal quando acontece precocemente. Ter que falar sobre ela e lidar com a realidade é extremamente difícil, principalmente para as crianças (CASELATTO, 2015), ainda mais diante de um contexto alarmante de tamanha crise sanitária mundial.

Segundo Bromberg (1998), a interpretação da morte por parte da criança é influenciada por diversos fatores, tais como idade, relação estabelecida com o falecido, estágio de desenvolvimento psicológico e a maneira como os adultos com quem convive lidam com a perda. O luto na infância é frequentemente subestimado e desconsiderado socialmente, em virtude da percepção equivocada de que crianças são incapazes de lidar com esse processo. Diante disso, sugere-se que essa concepção equivocada das experiências infantis e de suas formas de expressão seja revista.

Sengik e Ramos (2013) afirmam que falar sobre o assunto é fundamental e não irá aumentar a dor, ao contrário, tende a amenizá-la. Além disso, auxilia a criança na elaboração de seu luto, permitindo que ela tenha espaço de escuta, sendo imprescindível que o adulto fale sempre a verdade. Os autores sugerem que a criança sentirá a perda e, por isso, deve ser

possibilitado a ela um espaço para que a dor possa existir, mesmo que a criança não conheça exatamente o processo da morte. A linguagem, nesse caso, tem um papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar sobre a perda de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sobre sua falta e, conseqüentemente, sobre os sentimentos que envolvem o luto.

Nesse sentido, durante a pandemia alguns materiais foram elaborados, visando a comunicação de notícias difíceis para as crianças como a morte de um familiar, contribuindo para uma maior compreensão do público infantil sobre os desafios encontrados nesse contexto. Aponta-se que esses materiais, em sua maioria, foram elaborados como forma de apoio informacional às equipes de saúde e famílias (FERNANDES et al., 2020).

Notícia difícil é “qualquer informação transmitida que leve, direta ou indiretamente, a alguma alteração negativa na vida de quem a recebe, seja um sentimento ruim, seja uma mudança drástica não desejada”. Assim, a partir de orientações sobre como comunicar essas notícias - morte, necessidade de hospitalização, medidas de isolamento - as autoras auxiliam os adultos a não só transmitir a informação às crianças, mas também sobre como acolhê-las nesse momento (FERNANDES et al., 2020).

Perante o contexto, considera-se fundamental que os diferentes atores envolvidos com o público infantil compreendam as particularidades dessa vivência para as crianças, assim como a necessidade de escuta e acolhimento às mesmas. Recomenda-se que mais estudos possam continuar investigando essa temática na pandemia, uma vez que além de escassos, os estudos apontam que testemunhar a morte tão precocemente, de maneira tão abrupta e frequente, tem gerado impactos significativos na vida e saúde mental dessas crianças, sendo imprescindível a criação de medidas e políticas que atendam a essa demanda emergente.

4.2.3. O brincar como atividade principal no cotidiano das crianças

Figura 4 - Elucidação gráfica participante 13



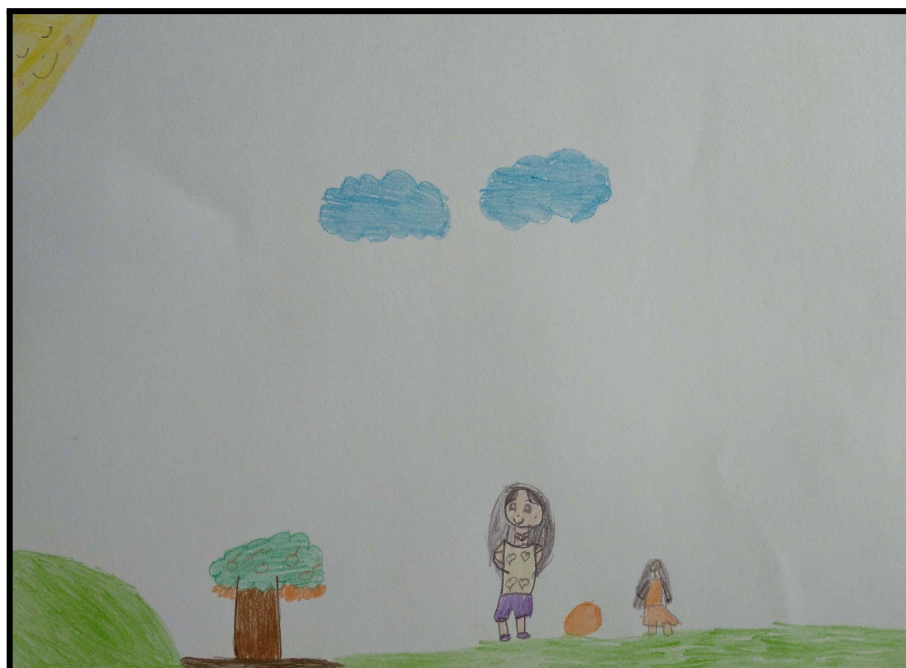
Ah, ele é sobre a pandemia, aqui eu tava tentando ficar dentro da minha casa, quando começou. Eu pensei, nossa, vou brincar com meu cachorro, faz tempo que não brinco com ele. Daí ele veio, peguei a bolinha dele e comecei a brincar com ele em volta da casa. (P13)

Figura 5 - Elucidação gráfica participante 11



Ah, desenho que mostra eu soltando pipa, que é o que fiquei mais fazendo na pandemia. (P11)

Figura 6 - Elucidação gráfica participante 9



Eu desenhei uma bola. (P9)

Figura 7 - Elucidação gráfica participante 8



Esse meu desenho é sobre meus amigos, eu gosto de brincar com eles muito. Aí eu gosto muito, e vou ser sempre amigo deles. E eu desenhei um sol com cara de feliz, por causa que quando nós brinca, é muito legal, muito mesmo. (P8)

Figura 8 - Elucidação gráfica participante 4



Eu desenhei em quando eu tava na minha casa, minhas colegas me chamavam pra brincar, de vez em quando, né, por causa que muitas vezes eu ajudo a minha mãe, porque, aliás, hoje, né, ela tá grávida, eu tenho que ajudar ela. De vez em quando, ela deixa eu brincar com as minhas colegas, e na escola eu brinco muito com eles. (P4)

Sobre o cotidiano das crianças durante a pandemia identifica-se nos relatos que mesmo durante o período de isolamento o brincar continuou fazendo parte de seu cotidiano.

“(Durante a pandemia) ...eu costumava brincar, soltar pipa, e nas semanas, assim, eu tinha que estudar, né, e daí eu, também, às vezes, saía na rua pra brincar um pouco.” (P2)

“(Durante a pandemia) Eu gostava muito de brincar na rua.” (P5)

“Eu brincava com os meus cachorros, de brincar, assim, de correr, e ficava ensinando, ensinar eles a dar patinha.” (P6)

“... eu mais brincava um pouco, por causa que minha mãe começou a falar assim: “filho, vai brincar, você não vai ter infância direito. Eu brincava muito de lutinha, só que não, tipo, de se bater, de fazer a pessoa chorar, tipo, nós lutava de longe, tipo, nós ficava assim, ó, parecendo uns louco lutando de longe, parecendo que tinha alguma coisa na frente “(P7)

“...Em casa, sozinha...boneca, brincar de escolinha, essas coisas.” (P9)

“Brincar, assistir, tem mais coisa, mas só que eu não me lembro muito.” (P10)

“...nos dias de semana, não tava tendo aula, daí eu ia soltar pipa, andar de bicicleta.” (P11)

“...com meu cachorro...eu ficava brincando de jogar a bola pra ele pegar.” (P16)

“Brincava um pouquinho com a minha irmã e o meu irmão.” (P17)

“Nós ficava brincando, soltando pipa...” (P19)

Mesmo com todas as adversidades presentes, foi possível reconhecer que as crianças mantiveram o brincar como parte de seu cotidiano, onde mesmo privadas do convívio social e de não poderem frequentar espaços aos quais anteriormente pertenciam, como a escola, o brincar se fez presente enquanto atividade característica da infância, que possibilita o desenvolvimento de diferentes aprendizagens e promove as relações interpessoais.

Autores apontam a prática do brincar sob diferentes perspectivas, sendo uma atividade predominante na vida da criança, fonte integral de desenvolvimento, construção de conhecimento e forma de comunicação pela qual ela compreende o mundo à sua volta e expressa os seus sentimentos (OLIVEIRA, 2014; KISHIMOTO, 2002). De acordo com Oliveira (2010) é por meio do brincar que a criança organiza suas lembranças, seu campo perceptivo, suas ideias e suas experiências.

Nessa direção e, considerando a importância do brincar, Lima et al. (2020) realizaram uma pesquisa com o objetivo de acolher e visibilizar o que crianças entre 6 e 12 anos viveram e sentiram em tempos de distanciamento, por meio da seguinte pergunta: conte sobre as suas brincadeiras nestes tempos de distanciamento social, em que você está em casa. A pesquisa foi realizada por meio de plataformas virtuais e contou com 13 narrativas de crianças. Os resultados destacam a percepção de que o tempo do brincar, seja ele livre, com a família ou mesmo de modo contemplativo, estará sempre presente, ainda que de modos diferenciados dos usuais. Tal como no estudo realizado por Lima (2020), as crianças participantes do presente estudo relataram as maneiras de brincar mais recorrentes durante a pandemia, dentre elas o brincar de boneca, jogar bola, andar de bicicleta, brincar com animais de estimação,

soltar pipa e o uso de eletrônicos, como o celular. Além disso, destaca-se que muitas vezes o brincar se deu em ambientes externos como a rua.

Apesar dos resultados do presente estudo reforçarem a compreensão de que as crianças continuaram a brincar durante a pandemia, o isolamento social alterou substancialmente a sua dinâmica, onde diante das medidas de distanciamento, as trocas sociais e experiências compartilhadas foram pouco possíveis entre os pares. Desta forma, fragilizou-se a construção e elaboração de importantes significados e valores inerentes à infância, a partir das interações com os pares, que se faz de grande importância para o amadurecimento social, emocional e psíquico.

Na ausência do brincar compartilhado com outras crianças, pode-se identificar em contrapartida que os animais de estimação foram relatados com frequência nas brincadeiras desenvolvidas. Observa-se que os animais de estimação têm sido alvo de pesquisas que envolvem a temática do desenvolvimento infantil (BRITO et al., 2021; SILVA et al., 2016; MAIA et al., 2019).

A título de exemplo, Nishida e Koike (2018) realizaram um estudo com crianças de 9 a 12 anos no Japão, com o objetivo investigar o impacto do brincar com animais na saúde mental das crianças. Para isso, eles aplicaram questionários para avaliar os níveis de estresse, ansiedade e bem-estar das crianças e, também, observaram o comportamento das crianças durante o brincar com animais. Os resultados da pesquisa de Nishida e Koike (2018) evidenciaram que brincar com animais esteve diretamente relacionado com a redução de estresse e ansiedade nas crianças. Além disso, as crianças que brincavam com animais apresentavam maiores níveis de bem-estar e satisfação do que aquelas que não tinham contato com animais. Os pesquisadores observaram que o brincar com animais promovia sentimentos de alegria e prazer nas crianças, além de estimular a criatividade e a imaginação, sugerindo que o contato com animais pode ser um fator importante para a promoção da saúde mental de crianças em idade escolar.

Apesar do brincar com animais não substituir as relações sociais estabelecidas entre os pares, hipotetiza-se que durante o período de isolamento, esta atividade foi ainda mais fundamental, uma vez que no presente estudo foi citada e elucidada por várias crianças em seus desenhos. Assim, acredita-se que esta atividade possa ter contribuído para o bem-estar e enfrentamento de uma situação bastante adversa, favorecendo o desenvolvimento socioemocional, a expressão e comunicação das mesmas. Conforme apresentam Gomes et al., (2020), o brincar pode ajudar as crianças a lidar com situações estressantes, promovendo a resiliência e o desenvolvimento, sendo uma ferramenta valiosa para apoiar as crianças em

momentos difíceis. Assim, deve ser valorizado e incentivado pelas famílias, educadores e profissionais de saúde.

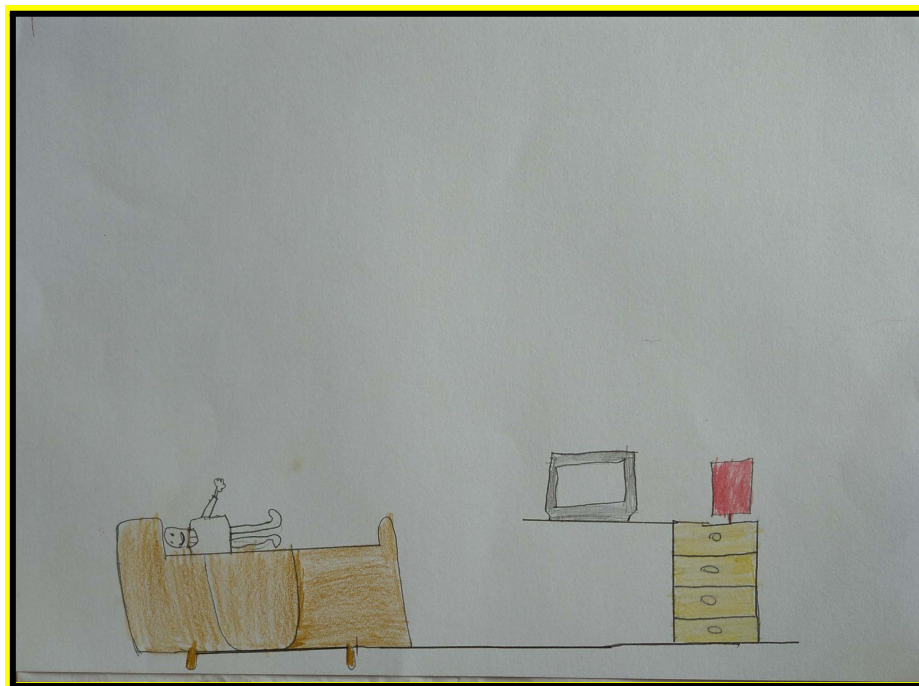
Outro aspecto que merece destaque nos resultados é o fato de que mesmo com as medidas de isolamento social impostas e medidas de distanciamento estabelecidas, as crianças circularam e brincaram ao ar livre, na rua. Esse cenário parece ser bastante característico de regiões periféricas, sendo uma realidade presente para essa camada social mesmo durante a pandemia. Entretanto, discute-se a partir do cenário de desigualdades sociais existentes no país, o quanto as crianças advindas de classes sociais mais elevadas e contextos mais privilegiados o cenário era outro e, uma vez que possuem em casa recursos como brinquedos, espaços variados e amplos para brincar como por exemplo, o quintal, condomínio, equipamentos, jogos eletrônicos e acesso à internet onde era possível manter trocas sociais de forma remota com seus pares, sem se expor ao risco.

Desta forma, considera-se que as crianças de áreas periféricas têm menos acesso a espaços públicos seguros como parques e praças e a brinquedos e jogos eletrônicos, o que pode incentivá-las a buscar formas criativas de se divertir com o que têm disponível. A rua pode ser o único espaço aberto e disponível, especialmente para aquelas crianças que moram em casas pequenas, sem espaço para receber amigos ou brincar (LOPES et al., 2018; BENTO et al., 2019; FERRAZ et al., 2020). Estudos apontam para as diferenças no uso de espaços públicos para o brincar infantil em áreas periféricas e áreas urbanas desenvolvidas, mas também destacam a importância de garantir espaços públicos seguros e acessíveis para o brincar infantil em todos os contextos (LOPES et al., 2018; BENTO et al., 2019; FERRAZ et al., 2020). Ou seja, é preciso garantir que todas as crianças tenham acesso a um brincar com segurança, que promova seu desenvolvimento social e emocional, independentemente do local onde vivem.

Compreender a maneira pela qual as crianças do presente estudo brincaram, a partir de um cotidiano que foi rompido com tantas mudanças e transformações advindas da pandemia, evidencia, primeiramente, que a vivência da pandemia não foi a mesma para todas as crianças e o quanto elas foram capazes de usar da criatividade, imaginação e fantasia, para criar novos modos de brincar, se reinventar e existir, visto todas as adversidades presentes.

4.2.4. O uso de telas na pandemia da Covid-19

Figura 9 - Elucidação gráfica participante 12



Eu tava assistindo, né. (P12)

Figura 10 - Elucidação gráfica participante 17



Aham, aqui é meio que o meu quarto, porque eu fico direto, só jogando no meu quarto. Aí tem, às vezes, que eu só vou um pouco pra fora, porque a internet fica do lado da casa da minha tia, fica dentro da casa da minha tia. (P17)

Além do brincar, a tecnologia e uso de eletrônicos também foram relatados durante a produção das elucidações gráficas e nas entrevistas. É possível verificar a partir dos discursos abaixo que as crianças ficavam em casa assistindo TV, usando o celular ou jogando nos mesmos. Há também o relato e a percepção de alguns sobre o tempo gasto nas telas e, outros, apontando o quanto poder acessar esses dispositivos foi importante para o momento em que estavam vivendo.

“...comecei a usar mais (aparelhos eletrônicos) pra passar um pouco do tempo, eu acho que eu ficava umas 3 horas. (P1)

“Fiquei muito trancado, muito no celular, não saía muito na rua, porque agora onde eu moro não tem muitas crianças.” (P5)

“...eu descobri um novo jogo que, tipo, me ajudou muito, tipo, me fez sentir a vida de novo, querer continuar vivendo, porque antes eu não queria continuar vivendo, queria morrer. Eu fiquei jogando, fiquei vendo vídeos, fiquei, tipo, muito vendo jogos, pessoas jogando, tentar ficar rico, só que rico jogando. Minha mãe não gostava que eu jogasse esse jogo, mas esse jogo que me incentivou a ficar mais alegre, tipo, ficar mais feliz.” (P7)

“...eu ficava de dia até de noite assistindo.” (P8)

“...eu costumava jogar mais bola, daí minha bola furou, daí eu comecei a jogar no telefone. Tinha vezes que nós ia na casa da minha tia, que minha tia tem internet, daí de vez em quando.” (P11)

“Quando começou a pandemia, minha tia me deu o celular dela, comecei a ficar sempre em casa jogando.” (P17)

Quanto às possibilidades existentes em contexto de distanciamento e privação vivida pelas crianças durante a pandemia, o uso de dispositivos tecnológicos como o celular foi um dos principais recursos de entretenimento das crianças. Nos resultados do presente estudo evidenciou-se que apesar de algumas crianças sinalizarem para o uso excessivo de telas, outras tinham esse dispositivo como única possibilidade de brincar e se relacionar.

Resultado similar foi encontrado nos estudos de Santos et al. (2022) e Lemes et al. (2021), no que tange ao tempo de tela das crianças na pandemia de Covid-19. Na revisão realizada por Lemes et al. (2021), os resultados apontam que o tempo de tela aumentou para as crianças no período da pandemia, além da participação em jogos online e, mesmo com os prejuízos devido ao aumento a essa exposição, os jogos promoveram alguma forma de socialização, ainda que virtual. Já Santos et al. (2022) discutem que há diversas maneiras de compreender a associação do excesso de tempo de tela e as consequências para o desenvolvimento de uma criança. Uma delas diz respeito não sobre o tempo de tela em si, mas sobre o que o seu excesso pode significar, considerando que a criança pode não estar socializando com seus pares ou com outros adultos.

Para além da discussão apresentada sobre o uso de telas e seus benefícios e/ou malefícios, observa-se que é necessário abordar essa temática a partir de outros fatores que tangenciam essa questão como, por exemplo, as desigualdades existentes no que tange ao acesso à internet e uso de tecnologias digitais e aquisição de equipamentos eletrônicos tal como o celular.

Sob esse enfoque, a pesquisa de Oliveira et al. (2020) teve como objetivo investigar as desigualdades no acesso e uso de tecnologias digitais por crianças e adolescentes durante a pandemia. A pesquisa foi realizada no Brasil e contou com a participação de 1.128 crianças e adolescentes de diferentes regiões do país. Os pesquisadores coletaram informações sobre o acesso às tecnologias digitais, o uso de dispositivos eletrônicos e a utilização da internet para

atividades escolares e de lazer. Os resultados mostraram que as crianças e adolescentes da periferia tinham menos acesso à tecnologia e à internet em comparação com as crianças de outras regiões. Além disso, as crianças e adolescentes da periferia utilizavam menos dispositivos eletrônicos e tinham menos acesso à internet de alta velocidade. Os pesquisadores também observaram que as crianças e adolescentes da periferia tinham menos oportunidades de utilizar a internet para atividades escolares e de lazer, o que pode impactar negativamente seu desenvolvimento educacional e social.

Tal como na pesquisa desenvolvida por Oliveira et al. (2020), os resultados do presente estudo reafirmam as desigualdades no acesso e uso de tecnologias digitais por crianças durante a pandemia, com ênfase nas desigualdades enfrentadas pelas crianças e adolescentes da periferia, uma vez que também foi possível identificar que algumas crianças participantes não tinham acesso à internet ou aparelhos celular, sendo o uso restrito à disponibilidade de terceiros. Além disso, assim como os estudos de Santos et al. (2022) e Lemes et al. (2021), para aqueles que tinham acesso à internet e aparelhos eletrônicos, os jogos passaram a ser uma das poucas alternativas naquele momento, de lazer, de brincar e interagir com seus pares.

Considerando que durante a pandemia, principalmente a partir das medidas de controle da propagação do vírus mais restritas, o acesso à tecnologia e internet se tornou o principal meio de manter relações sociais diante do isolamento exposto, de participar das atividades escolares, de ter qualquer possibilidade de lazer e, muitas vezes, de manutenção do trabalho, compreende-se que aqueles que não dispunham de internet, ou de internet de qualidade, que não tinham equipamentos eletrônicos como o celular, certamente foram impedidos de continuar desenvolvendo suas atividades cotidianas. Ou seja, em um cenário que exigia grandes mudanças, adaptações e transformações cotidianas, as desigualdades sociais mais uma vez implicaram em processos de exclusão (social, escolar, digital, trabalho).

Destaca-se a partir dos resultados do estudo e literatura existente, a importância de políticas públicas e ações governamentais para garantir o acesso igualitário às tecnologias digitais e à internet, especialmente para as crianças e adolescentes da periferia, uma vez que a exclusão digital pode agravar as desigualdades sociais e educacionais já existentes, conforme se verá a seguir.

4.2.5. A escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19

Figura 11 - Elucidação gráfica participante 16



Aqui, é que eu tava fazendo a lição da plataforma, a minha casa. (P16)

A suspensão das atividades escolares foi uma das medidas adotadas durante a pandemia que mais impactou o cotidiano das crianças, considerando que o fechamento das instituições de ensino afetou diretamente mais de 72% da população estudantil no mundo segundo a UNESCO (2020a) e Vieira e Seco (2020). Além disso, compreende-se que a escola enquanto lugar mais permanente de convivência fora de casa ao longo de toda a infância e adolescência, além de garantir a aprendizagem, é um importante espaço de socialização, interação entre pares e garante outras necessidades básicas como a alimentação (LOPERFIDO, 2020; REIMERS, 2021). A Unesco (2020b) afirmou que associada à pandemia há uma grande crise educacional.

A suspensão das atividades escolares presenciais e o estabelecimento do ensino remoto reafirmaram as desigualdades sociais por todo o país, uma vez que o direito à educação dessas crianças ficou comprometido, devido à dificuldade de acesso à internet, aquisição de aparelhos eletrônicos e recursos familiares, conforme já discutido. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em 2020 que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, sendo que a falta de acesso em zona urbana corresponde a 20,6% e em zona rural, a 53,5% (IBGE., 2020).

"... tive muita dificuldade para aprender...teve um período que a minha internet

acabou, e a minha mãe também perdeu o trabalho, não consegui pagar, então acabou que eu fiquei sem fazer algumas aulas”. (P1)

“... teve uma dificuldade assim de aprender, sabe? Mas tô voltando.” (P2)

“...senti falta de vim pra escola, e ficar perdendo as coisas, mas depois não podia mais, daí não aprendi mais nada.” (P6)

“...mesmo que entregassem livros, eu não entendia, não conseguia ler, não sabia escrever direito. Eu queria voltar pra escola, por causa que eu queria ver meus amigos de volta. Estudar, essa daí foi a maior dificuldade. Por causa que, você sabe as plataformas? Não dava pra mim acessar, por causa que eu só tinha um celular, e os da minha mãe, ela usava muito, do meu irmão, ele nem deixava tocar, meu outro irmão, ele precisava muito do celular dele. Então não podia estudar direito.” (P7)

“...eu não tinha celular pra fazer lição.” (P8)

“...lá em casa, a gente não tem internet, então não deu muito pra fazer as coisas.” (P10)

“Ah, tinha umas folhas que eu pegava aqui, quando eu vinha buscar marmita, daí eu ficava fazendo por folha, lição. Eu pegava um monte de folha, ficava fazendo lição lá em casa.” (P11)

“... eu senti falta de ver os amigos, de poder ver os professores, de estudar.” (P15)

“Eu fiquei desacostumado, não sabia quase a maioria de nada. Tinha que fazer lição, enquanto isso, minha mãe ia fazendo... ia tirando foto.” (P17)

“Eu fazia, conseguia, quando juntava muito, eu passava o dia fazendo, fazendo lição. A maioria eu achava um pouco difícil, porque eu tinha que fazer quase sozinha.” (P18)

“Senti falta da professora, senti falta de todo mundo da escola.” (P19)

Especificamente sobre o acesso remoto das crianças à educação por meio de dispositivos ou plataformas digitais, muitas vezes, por não possuir aparelhos eletrônicos ou rede de internet, ficaram impedidas de desenvolver as suas atividades durante a pandemia,

evidenciando o grande abismo social da educação no Brasil principalmente quando se trata de cenários de maior vulnerabilidade (LOPERFIDO, 2020).

O estudo realizado por McKinsey et al. (2020) apresenta que a perda de aprendizado durante a pandemia pode ser significativa e durar anos. Segundo os autores, a pandemia pode resultar em uma perda de aprendizado de sete meses a um ano para a maioria dos alunos, sendo que quando se trata de crianças de baixa renda e minorias étnicas as perdas são ainda mais significativas. Além disso, os autores discutem o fato de que quando há lacunas educacionais pré-existentes, estas tendem a ser agravadas pela pandemia. Ou seja, as crianças que já enfrentavam desvantagens educacionais e de aprendizado antes da pandemia são as mais afetadas pela interrupção da educação presencial.

Nessa direção, o estudo realizado pela Northwest Evaluation Association (2020) com crianças em idade escolar nos Estados Unidos revelou que a pandemia causou uma perda significativa de aprendizado para muitos alunos, chegando a perder até um terço do aprendizado típico em matemática e cerca de um quarto do aprendizado típico em leitura durante o período de fechamento das escolas. O estudo também aponta que o aprendizado não foi uniforme entre todos os alunos e, assim como no estudo de McKinsey et al. (2020), as crianças de baixa renda e minorias étnicas foram mais afetadas, com uma perda de aprendizado maior em comparação com seus colegas de outras origens socioeconômicas.

Discute-se também, a partir desse cenário, outros fatores para além da questão do ensino e aprendizado das crianças como, por exemplo, a segurança alimentar das mesmas diante da suspensão das atividades escolares presenciais, uma vez que a escola também cumpre o papel de proteção social. Para muitos alunos a escola é o local onde podem garantir suas refeições, sendo que para alguns casos é o local onde se faz a principal (ou única) refeição do dia (UNICEF, 2021). Assim, em um cenário onde medidas de isolamento social são implantadas, que impedem as crianças de frequentarem a escola, a segurança alimentar e nutricional será afetada, sendo necessário adotar medidas para que as refeições continuem a ser ofertadas, ainda que com novos protocolos de segurança.

Segundo dados da Rede Nacional de Proteção Social (2021), 41 milhões de crianças recebem merenda escolar em todo o país, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o qual atende os 27 estados e 5.570 municípios. Porém, ainda que algumas medidas tenham sido adotadas durante a pandemia visando a manutenção do programa, em muitos municípios brasileiros o direito das crianças à alimentação não foi garantido, de forma que apenas iniciativas individuais e coletivas da sociedade civil foram responsáveis por atenuar a insegurança alimentar vivenciada pelas famílias.

Reimers (2021) sinaliza que a educação durante e após a Covid-19 demandará de uma abordagem coerente, começando com a análise do impacto da pandemia nos alunos, nas comunidades e no sistema educacional. Tal como apresentado nos resultados do presente estudo, com o retorno à escola haverá a necessidade de investimentos, novos recursos, manejos e medidas que sejam reinventadas para lidar com a “nova realidade”, conscientes, de que impactos físicos, mentais e emocionais ocorreram nesse período.

A partir do segundo semestre de 2021, momento em que a produção dos dados foi realizada, as escolas retomaram gradualmente as atividades presenciais, com a flexibilização das medidas de segurança e proteção. E após um longo período de distanciamento das atividades escolares e do convívio com os amigos, as crianças relatam o contentamento e os sentimentos no retorno às aulas.

“...já não me sinto tão triste, porque hoje eu posso ver essas pessoas.” (P1)

“Eu cheguei na escola, já fiz amizades.” (P4)

“...eu gostei muito, né, pelo menos eu conseguia ver meus amigos, conseguia brincar com eles.” (P12)

“...muito feliz, pisar na escola, ver os amigos. No primeiro dia, eu tava tão, mas tão feliz, eu olhava assim pra sala, ficava muito feliz.” (P18)

Porém em alguns casos, o retorno à escola gerou em algumas crianças um estranhamento, além da necessidade de refazer o seu círculo de amizades.

“Foi muito chocante, porque alguns deles eu não conseguia ver.” (P1)

“ Foi bem ruim, por causa que eu não tinha quase nenhum amigo.” (P7)

Fato é que não há como dimensionar com exatidão o impacto da suspensão das atividades escolares na pandemia para o desenvolvimento, saúde mental das crianças e as desigualdades sociais geradas. O que se sabe a partir da literatura é que há inúmeras implicações que carecem de mais pesquisas e investimento, visando não só compreender a gravidade, mas elaborar proposições que favoreçam e atuem na contraposição de tantas perdas ocorridas.

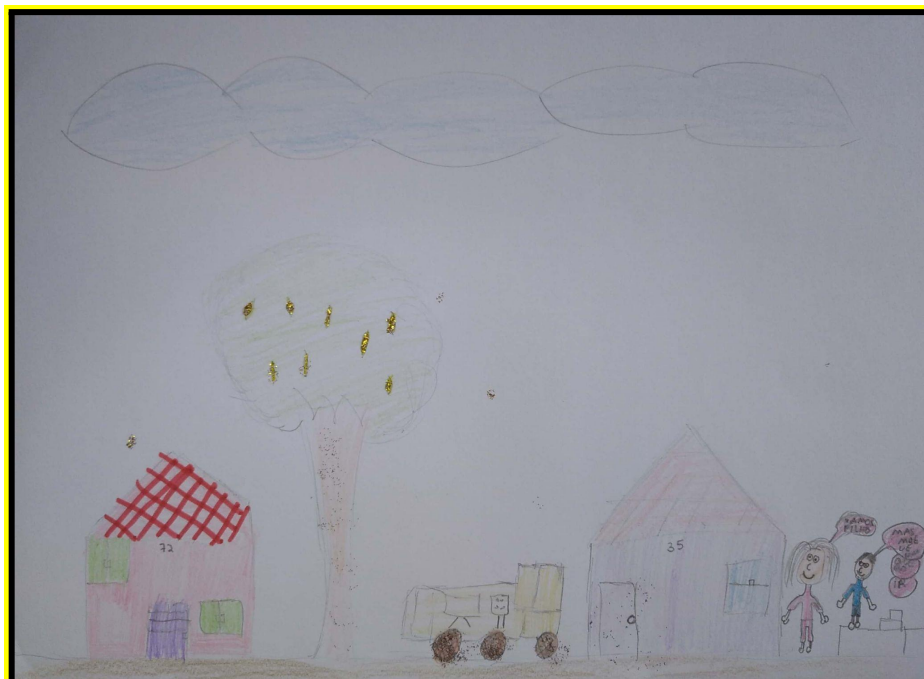
4.2.6. As relações familiares durante a pandemia da Covid-19

Figura 12 - Elucidação gráfica participante 6



Eu fiz eu, minha mãe, meu pai e a minha irmã. E eu fiz os meus cachorros, que quando tinha a pandemia, eu ficava brincando com eles, porque não podia sair de casa. E eu fiz o arco-íris, que eu via, quando chovia, e eu fiz uma florzinha, porque a minha mãe, ela tem um monte, e eu ficava cuidando delas, e eu gosto da minha família. (P6)

Figura 13 - Elucidação gráfica participante 5



Bom, na pandemia, eu morava junto com a minha mãe, eu, minha mãe e meus irmãos, daí minha mãe começou a namorar com meu padrasto, e ele começou a morar com nós, daí na casa que nós morava há muito tempo, o meu irmão não se dava bem com meu padrasto, daí nós saímos dessa casa pra ir morar lá na casa de baixo, eu, minha irmã e minha mãe, com meu padrasto, daí estávamos morando nós quatro lá, depois minha irmã mais velha começou a morar lá, também, porque não tava dando certo com meu irmão. Daí, depois disso, que foi todo esse rolo, minha irmã mais... é a que tem... hum, a do meio, ela foi morar com o namorado dela, que virou marido. Depois, nós se mudamos para casa aqui de cima, e só ficou eu, a minha irmã mais velha e meu padrasto. Daí, depois de tudo isso, nós tamo morando na casa de cima, eu não quis sair dessa casa, porque eu morava aqui, que era a casa da minha avó, aí depois disso eu não queria sair dessa casa, e minha mãe falou: “Nós vamos morar aqui, porque vai dar certo, cada um vai seguir a sua vida”. Daí eu falei: “Tá bom então”. Daí minha irmã começou a morar junto, e agora meu padrasto e minha irmã brigaram, e tão separados. (P5)

Observa-se a partir dos relatos das crianças, que as dinâmicas e relações familiares se modificaram significativamente durante a pandemia, de forma que conflitos e o distanciamento entre os membros estiveram presentes.

“... porque eu e minha irmã, a gente brigava bastante.” (P1)

“No começo, eu gostava do meu padrasto, mas ele mudou muito quando ele foi morar sozinho, com minha mãe. Ele ficou um pouco mais chato, quando ele foi morar junto com minha mãe.” (P5)

“Eles nem ligava muito pra mim, tirando minha mãe ou minha irmã, eles só ligavam pra mim quando era pra pedir alguma.” (P7)

“...minha mãe ficava, assim, tipo, ela não dava bola pra mim, ela ia descansar um pouco, né, e meus irmãos ficavam lá no quarto, todos eles, e eu ficava andando pela casa, não tinha nada pra fazer, então ficava no quarto...” (P18)

Para além dos conflitos e dificuldades de relacionamento, identifica-se também situações de violências, verbal e sexual, às quais as crianças vivenciaram direta ou indiretamente no cotidiano familiar durante a pandemia.

“Meus irmãos ficaram mais legal, eles começaram a trabalhar, eles não me batem tanto.” (P7)

“Eu fico bravo, eles me xinga de uma coisa que eu não gosto.” (P8)

“...tava meio difícil, né, por causa que eu tava falando com minha mãe pra me deixar sair um pouco na rua. Ela não deixava, daí eu falei “Vai, mãe, por favor, só um pouquinho só”. Daí ela falou, daí ela me xingou, daí eu fiquei de castigo, daí ficou meio... quase todos os dias assim.” (P13)

“...minha tia falou que meu padrasto fez coisa errada com minha irmã de 5 anos, meu padrasto falava que era mentira, minha mãe falava que era mentira.” (P17)

Em contrapartida, apesar das situações enfrentadas, a restrição imposta e o confinamento favoreceram em algumas situações no aumento do tempo de convivência entre as crianças e suas famílias, sendo possível verificar em seus discursos aspectos positivos gerados por tal situação.

“...foi uma convivência boa, porque ninguém podia sair, ninguém podia fazer nada, então a gente acabou ficando mais próximos até.” (P1)

“... nós ficava mais juntos, aí nós assistia um filme, minha mãe pedia pizza, era legal.” (P14)

“...e fiquei mais perto da minha família.” (P15)

“Uma parte foi boa, por ficar mais com minha família.” (P16)

“... quando eu sempre brincava com a minha irmã, meu irmão, minha mãe. Eu não ficava muito com a minha mãe. Daí, agora, eu só fico dentro de casa jogando, e fico sempre mais perto da minha mãe.” (P17)

Considera-se também que a reinvenção do cotidiano, tal como citado por Guizzo et al. (2020), resultou na permanência de famílias inteiras no mesmo espaço físico, sendo o ambiente familiar o único lugar no qual era possível estar, tendo em vista as medidas de isolamento adotadas. Nessa direção, e diante desse novo cenário, as dinâmicas familiares e relações estabelecidas foram temas presentes nos resultados da pesquisa. Observa-se que sobre isso, os relatos compartilhados pelas crianças sugerem que para algumas a relação e proximidade com os membros foi algo positivo e para outras há a presença de um maior distanciamento entre os membros da família, conflitos, episódios de violência que acabaram por ser vivenciados de maneira direta e indireta pelas mesmas.

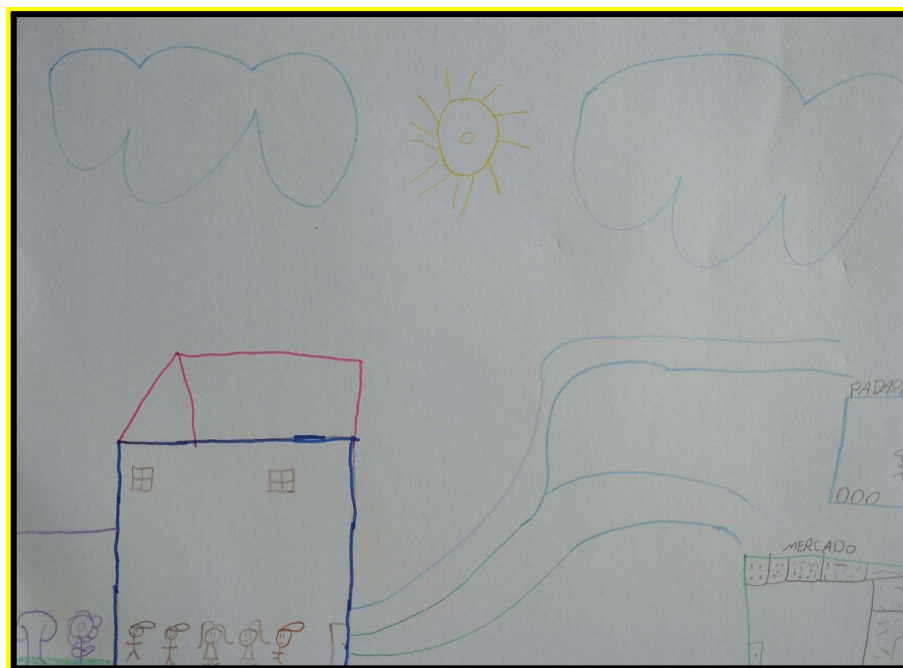
Assim, algumas crianças afirmaram que durante o período da pandemia o isolamento proporcionou a proximidade com os pais e responsáveis e, embora em um contexto de tantas perdas e eventos estressores, os familiares puderam ser fonte de suporte, tal como citado por Linhares (2020), onde o confinamento familiar seria a única prescrição disponível para enfrentamento da adversidade causada pela Covid-19.

Em contrapartida, segundo alguns autores, o aumento do tempo de permanência e de contato dentro do lar, que nem sempre oferece as melhores condições de bem-estar, pode favorecer tensões e conflitos, os quais aliados a eventos estressores característicos do período da pandemia podem aumentar a chance de violência e os desfechos negativos à saúde física e mental das crianças. A preocupação com o trabalho, a perda do mesmo ou ainda a sua ausência associada à necessidade de subsistência da família pode resultar em ansiedade, irritabilidade e menor paciência para lidar com as dificuldades cotidianas e necessidades das crianças (FIOCRUZ, 2020; MARQUES et al., 2020; MATTA.2021).

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2018) aponta que a suspensão das atividades escolares aumentou o risco de exposição das crianças à negligência e maus tratos, bem como ao abuso e diferentes formas de violência. Ao encontro do exposto, estudos têm alertado que a violência sofrida por crianças aumentou significativamente durante a pandemia, bem como quando se trata de adolescentes e mulheres (MARQUES et al., 2020; DE CARVALHO MAGALHÃES et al., 2023).

4.2.7. A vulnerabilidade social vivenciada pelas famílias durante a pandemia da Covid-19

Figura 14 - Elucidação gráfica participante 18



É, eu com minha família em casa, não saímos pra nada, e ficamos, mais ou menos, uns cinco meses em casa. Daí, fomos devagarzinho, assim, comprando as coisas e tal, fazendo as coisas. Daí meu padrasto ia trabalhando, né, minha mãe desempregada, daí agora ela ta trabalhando, e daí a gente foi voltando aos poucos. (P18)

Identifica-se que um aspecto presente no relato das crianças se refere à situação de maior vulnerabilidade social enfrentada pela família no período pandêmico, diante das fragilidades socioeconômicas advindas principalmente da perda do emprego de familiares.

“...eu acho que enfrentaram muitas coisas, por a minha mãe não trabalhar mais, a gente nunca passou fome nem nada, mas a gente começou a perder bastante dinheiro, por ela perder o trabalho...” (P1)

“...porque o trabalho não voltou, e eles ficam desempregados, né, daí passa mais dificuldade.” (P2)

“...De correr atrás pra apanhar alimento dentro de casa e pra pagar as contas”. (P6)

“... muitas dificuldades, meu irmão tava procurando emprego, minha mãe foi despedida de um emprego aí, por causa da covid.” (P7)

“...quando não tem nada pra comer lá em casa, minha mãe vai correr, corre atrás de dinheiro pra comprar pão pra nós. Eu ficava triste quando minha mãe não conseguia

trabalho.” (P8)

“...minha mãe parou de trabalhar, ...minha mãe só conseguia viver do auxílio.”
(P16)

“...ela teve que sair do trabalho, teve que procurar outro, até procurar outro, demorou, daí agora ela achou, daí ela falou que passou bastante dificuldade.” (P17)

“...minha mãe, ela tava..nesses dias, ela tava desempregada, daí ela conseguiu emprego de novo. Meu pai, também, tá desempregado...” (P19)

Em abril de 2020, em uma Declaração, a diretora executiva do UNICEF, Henrietta Fore cita (UNICEF, 2020):

"O mundo está atualmente unido em uma luta compartilhada contra um inimigo invisível. Mas, enquanto nossos olhos estão firmemente focados em como evitar ou tratar a Covid-19, as sérias consequências que nos desafiarão muito além da pandemia atual – os impactos ocultos – ainda não estão no nosso radar. Isso precisa mudar. Não apenas crianças, adolescentes e jovens contraem a Covid-19, eles também estão entre as vítimas mais severamente afetadas. A menos que ajamos agora para lidar com os impactos da pandemia em meninas e meninos, os ecos da Covid-19 danificarão permanentemente nosso futuro.”

Nesta mesma declaração, Henrietta Fore afirma que crianças não são face da pandemia da Covid-19 mesmo que elas estejam correndo o risco de estar entre suas maiores vítimas, já que suas vidas se alterariam de maneiras profundas, em particular pelos impactos socioeconômicos e medidas de mitigação que poderiam inadvertidamente fazer mais mal do que bem (UNICEF, 2020).

Corroborando com este apontamento, os resultados do presente estudo demonstram os inúmeros desafios vivenciados pelas crianças perante as dificuldades e perdas socioeconômicas advindas da pandemia, principalmente diante do desemprego de seus familiares, morte de genitores que garantiam o sustento da casa e a busca constante de suas responsáveis por tentar conseguir a refeição do dia.

Os dois anos mais intensos de pandemia e os estudos realizados neste período escancaram o que a literatura aponta acerca da vulnerabilidade de alguns grupos sociais. Segundo Santos (2021) “qualquer quarentena é sempre discriminatória” (p.16) e apesar da tentativa de estabelecimento de um “novo normal” as ações impostas para a diminuição da propagação do vírus foram marcadas por perdas na saúde, na convivência, na economia, no lazer, entre tantos outros. A pandemia de Covid-19 causou um impacto sem precedentes na sociedade contemporânea, trazendo uma emergência social, cultural, de saúde e econômica

global. A Fiocruz (2020) destaca que a pandemia pode causar uma perturbação psicossocial que ultrapassa a capacidade de enfrentamento da população, dependendo da vulnerabilidade individual, conforme evidencia-se no presente estudo.

Considera-se que o posicionamento negativista do Brasil diante da pandemia e das medidas apresentadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e OMS fez com que o Brasil em Julho de 2020 fosse considerado um dos mais letais em relação à Covid-19 na América do Sul, demarcando ainda mais a pobreza, a insuficiência e ausência de políticas públicas direcionadas às crianças, onde as famílias pobres ficaram ainda mais vulneráveis (KATZ, 2022; CNN, 2022).

Desta forma, o cotidiano das crianças foi severamente impactado pela insuficiência de políticas públicas de saúde e assistência (KATZ, 2022) como, por exemplo, lentidão no processo de vacinação (CNN, 2022) e dificuldades no acesso ao auxílio emergencial (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2022). Ou seja, as crianças foram atingidas não só pelo vírus, mas também pela fome, pela precariedade econômica da família e pela falta de acesso à escola e aos recursos tecnológicos (FIOCRUZ, 2020).

Em síntese, reafirma-se, a partir dos resultados e discussões apresentadas, o quanto as crianças são capazes de compreender e interpretar informações sobre o momento pandêmico, assim como foram generosas em compartilhar com a pesquisadora seus próprios cotidianos, ainda que com tantas marcas deixadas por uma das maiores crises sanitárias mundiais. Os achados reforçam a urgência de cada vez mais sermos capazes de escutá-las possibilitando um lugar de fala em diferentes cenários e contextos de inserção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar e compreender como as crianças vivenciaram o cotidiano na pandemia da Covid-19, a partir da perspectiva das mesmas, assim como identificar o que pode ter facilitado ou dificultado a vivência cotidiana nesse período, na opinião das próprias crianças. Nessa direção, compreende-se que a pesquisa com crianças ainda é um grande desafio, de forma que poder ouvi-las, a partir de suas próprias vozes e de diferentes formas de expressão como, por exemplo, por meio das elucidações gráficas, possibilita às mesmas um lugar de fala, enquanto informantes e interlocutoras competentes para falarem de si. Ou seja, a disponibilidade do pesquisador e o reconhecimento do mesmo sobre o papel das crianças e o lugar que elas podem assumir em um processo de pesquisa

possibilitou transformar as crianças em protagonistas de suas próprias histórias e experiências de vida.

Assim, o presente estudo avança ao garantir que estas crianças sejam ouvidas presencialmente, por meio do uso de diferentes ferramentas para produção dos dados. Hipotetiza-se a partir da literatura, que se o estudo fosse remoto, como a maioria se deu durante a pandemia, as mesmas não teriam sido ouvidas e suas vozes seriam ecoadas por intermédio de terceiros, como pais, familiares e outros atores envolvidos nos contextos de vida desses sujeitos.

Reafirmando tais considerações, autores ressaltam a relevância de compreender as crianças como agentes morais, ou seja, reconhecê-las como capazes de raciocinar e interpretar suas experiências vividas, buscando incorporar os aspectos relacionais intrínsecos na vida das mesmas e dos ambientes em que elas podem estar inseridas, visto que esses fatores orientam a forma como atribuem significado às suas experiências (SANTOS et al., 2022).

Ainda de acordo com Santos (2022) o protagonismo e a escuta das crianças e dos adolescentes nos processos decisórios por muito tempo não foram prioridade nos estudos brasileiros. Tal situação demarca uma construção histórica e social sobre como no Brasil essa população tem sido concebida. Por conseguinte, as crianças brasileiras muitas vezes desempenham apenas um papel passivo nas decisões que as envolvem, com pouco reconhecimento estendido às suas opiniões. Buscando romper com essa lógica é que o presente estudo realizou uma pesquisa com e não sobre elas, em um contexto de crise sanitária onde as mesmas foram severamente impactadas.

A partir da análise dos dados produzidos, os resultados foram organizados em sete temáticas. Na primeira, as crianças apresentaram o que compreendiam e pensavam sobre a Covid-19 e os sentimentos gerados, onde puderam compartilhar as suas impressões sobre a origem do vírus e sua propagação, medidas de segurança e proteção, riscos e expectativas futuras. Observa-se que de modo geral, as crianças trouxeram a experiência vivida considerando as modificações ocorridas no dia a dia, nas ações cotidianas. A título de exemplo, a suspensão abrupta das atividades escolares, o uso de máscara.

Na segunda, a morte e o luto em decorrência da pandemia da Covid-19, foram compartilhadas as vivências perante as perdas sofridas, principalmente de avós, tios e pais, e processos de luto durante esse período. Ainda que a morte faça parte da vida, testemunhar esse processo, em idade tão precoce, de forma intensa e rotineira, certamente impactará na vida dessas crianças. Assim questiona-se quais medidas deveriam ser adotadas diante desse

contexto, quais ações voltadas a essa vivência das crianças seriam possíveis de serem pensadas.

Na terceira, as crianças puderam compartilhar que o brincar continuou se fazendo presente, porém, majoritariamente em ambientes ao ar livre, na rua, de modo mais individual, mantendo o distanciamento de seus pares. Para isso, as crianças tiveram que se reinventar, transformar as brincadeiras e as formas de interação, e um dos atores que entrou em cena nessa partilha foram os animais de estimação.

Na quarta temática, relativa ao uso de telas na pandemia da Covid-19, as crianças relataram desde a escassez de dispositivos eletrônicos, como também o uso excessivo de telas, por longos períodos. Em contrapartida, outros relatos, explicitam o quanto os recursos eletrônicos foram um recurso importante para enfrentamento do momento pandêmico, que motivou a continuar vivendo, sentindo que a vida não acabou, ainda que com todas as adversidades.

Na quinta, sobre a escola e o aprendizado das crianças durante a pandemia da Covid-19, destacam-se as dificuldades em acessar os conteúdos de forma remota, seja devido à ausência de equipamentos eletrônicos como, também, o acesso à internet, situação econômica das famílias, falta de suporte para o desenvolvimento das atividades. Assim, as crianças relataram que pouco puderam absorver os conteúdos e aprender. Ressalta-se, portanto, que o ensino remoto só aumentou e agravou as desigualdades sociais e o quanto foi não só para as crianças, como também para as famílias, fonte de sofrimento e desgaste. Assim, há a necessidade de convocar e responsabilizar o poder público, o Estado para o desenvolvimento de estratégias e ações que atenuem as desigualdades existentes, que favoreçam oportunidades e garantam o direito a essas crianças de aprenderem.

Na sexta, as relações familiares durante a pandemia da Covid- 19, as crianças relataram que em algumas famílias a relação e proximidade entre os membros foi mais positiva, pois puderam compartilhar momentos prazerosos e, em outras, houve o distanciamento entre os membros, muitos conflitos familiares e situações de violência. De acordo com a literatura apresentada, as crianças ficaram muito mais expostas a situações de negligência e maus tratos, bem como ao abuso e diferentes formas de violência nesse período.

Por fim, na sétima e última temática, aponta-se para a vulnerabilidade social vivenciada pelas famílias durante a pandemia da Covid-19, perante as fragilidades socioeconômicas advindas principalmente da perda do emprego de familiares. Observa-se que as ações impostas e, muitas vezes necessárias, para a diminuição da propagação do vírus também implicaram em perdas na saúde, na convivência, na economia, no lazer, entre tantos

outros. Ou seja, a pandemia de Covid-19 causou um impacto sem precedentes na sociedade contemporânea, trazendo uma emergência social, cultural, de saúde e econômica global.

Acredita-se que os resultados são um recorte e refletem a especificidade de um dado momento da coleta de dados, onde as medidas de segurança e proteção estavam sendo flexibilizadas, pois havia uma perspectiva de melhora do cenário pandêmico, diminuição na transmissão do vírus e do número de mortes. Ou seja, possivelmente, os dados produzidos poderiam ser outros caso fossem coletados em um momento de maior gravidade e intensificação das medidas de segurança. Nessa direção, como limite do estudo, ressalta-se também que, considerando o início da pandemia no Brasil em 2020 e o momento da produção dos dados no segundo semestre de 2021, foi um longo período a ser dimensionado e processado pelas crianças, por isso, fez-se necessário contextualizar todo o processo vivenciado até o dado momento da coleta e, mesmo assim, identificaram-se algumas dificuldades temporais das crianças ao contar sobre seus cotidianos.

Ainda assim, compreende-se que os resultados do presente estudo, obtidos a partir da experiência e vivência da cotidianidade, sob a perspectiva da própria criança, evidenciam o quanto as crianças foram e têm sido afetadas pela pandemia. Nessa direção, espera-se que os dados coletados possam contribuir para o maior conhecimento de uma das maiores crises sanitárias já vivenciadas, que está sendo reinventada dia após dia, favorecendo novas reflexões e discussões acerca das políticas públicas e estratégias de intervenção voltadas a essa população.

Tendo em vista os impactos da pandemia e as implicações da mesma no cotidiano das crianças, é fundamental o desenvolvimento de outros estudos com crianças e não sobre elas, em contextos e realidades socioeconômicas diversos, que possam continuar a investigar essa realidade, visando favorecer o cotidiano, o desenvolvimento e a saúde mental desse grupo social que foi significativamente impactado.

Compreende-se que as experiências e vivências cotidianas das crianças durante a pandemia, tiveram, têm e terão impactos diferentes, a depender dos contextos de vida que se inserem e dos recursos disponíveis, exigindo o enfrentamento da situação a partir do desenvolvimento, investimento e proposições de pesquisas, políticas e estratégias que garantam a proteção e os direitos dessa população, ainda que com tantas adversidades presentes.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E.M.L. et al . **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil.** 2020.Ciência & Saúde Coletiva, 25(Supl.1):2423-2446, 202. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acessado em 10 de Outubro de 2020.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro. Zahar, 1981

ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. **Vacinação COVID-19 no Brasil: Passado, Presente e Desafios Futuros.** 2021. Disponível em:<https://amb.org.br/noticias/vacinacao-covid-19-no-brasil-passado-presente-e-desafios-futuros/>. Acessado em 24 de Maio de 2022.

ASSOCIAÇÃO MEDICA BRASILEIRA. **Coronavac: ministério da saúde libera vacinação contra covid-19 a crianças de 3 a 5 anos.** 2022. Disponível em:<https://amb.org.br/brasil-urgente/coronavac-ministerio-da-saude-libera-vacinacao-contracovid-19-a-criancas-de-3-a-5-anos/>. Acessado em 12 de Agosto de 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **COVID-19–Painel Coronavírus.** 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acessado em 25 de Outubro de 2021.

Brasil registra 40 novas vítimas de Covid e média móvel de mortes mantém alta por 21 dias. G1. 12 dez. 2022. Disponível em :<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/12/11/brasil-registra-40-novas-vitimas-de-covid-e-media-movel-de-mortes-mantem-alta-por-21-dias.ghtml>. Acessado em: 12 de Dezembro de 2022

BRASIL. **Anvisa aprova vacina da Pfizer contra Covid para crianças de 5 a 11 anos.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-aprova-vacina-da-pfizer-contracovid-para-criancas-de-5-a-11-anos>. Acessado em 05 de Agosto de 2022.

BENTO, G., DIAS, P., & FERREIRA, M. 2019. **The importance of street play for the cognitive, social and emotional development of children: An exploratory review of the literature.** International Journal of Environmental Research and Public Health, 16(17), 3112.

BERBERT, L. D et al.. **A pandemia da COVID-19 na saúde da criança: Uma revisão integrativa.**2021. Research, Society and Development, v. 10, n. 7, e55510716727, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16727>

BRITO, L. F. et al. **A relação entre crianças e cães de estimação: uma revisão.** Ciência Animal Brasileira, v. 19, p. 1-9, 2018. 2021 Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/vet/article/view/53552>>. Acessado em 19 de Abril de 2023.

BROMBERG, M. H. P. **Luto na infância: uma reflexão sobre a perda e o desenvolvimento psicológico.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 3, n. 2, p. 27-38, 1998.

BUTANTAN. **Coronavac é aprovada por unanimidade para crianças de 3 a 5 anos.** 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-e-aprovada-por-unanimidade-para-criancas-de-3-a-5-anos> Acessado em: 12 de Setembro de 2022.

CABRAL, I.E., PESTANA, S.M., CIUFFO LL, NUNES YD, LOMBA MD. **Child health vulnerabilities during the COVID-19 pandemic in Brazil and Portugal.** Rev Lat Am Enfermagem. 2021 jun 21;29:e3422. <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.4805.3422>. PMID:34231787

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Auxílio Emergencial já pagou mais de R \$288 bilhões para garantir proteção social aos brasileiros.** Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/12/auxilio-emergencial-ja-pagou-mais-de-r-288-bilhoes-para-garantir-protecao-social-aos-brasileiros-1#:~:texto%20Aux%C3%ADlio%20Emergencial%20come%C3%A7ou%20a,valor%20%C3%A9%20de%20R%24%20600>. Acessado em 16 de Dezembro de 2022.

CAMPBELL, S.S, et al. **Impacts of the COVID-19 pandemic on children: an ethical analysis with a global-child lens.** 2021. Global Studies of Childhood. 2021 mar;11(1):105-14. <http://dx.doi.org/10.1177/2043610620976142>

CARNEIRO, A.K.P et al ; **A influência do isolamento social devido à covid-19 na saúde mental do público infantil.** Revista Baiana de Saúde Pública.v. 45, n. 1, p. 217-217 jan./mar. 2021.

CASTRO, L.R. **O futuro da infância e outros escritos.** Rio de Janeiro. 7 Letras, 2013.

CASELLATO, G. **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido.** São Paulo: Summus Editorial, 2015.

CENTRE FOR MENTAL HEALTH. **The Second Wave: The Mental Health Consequences of the COVID-19 Pandemic.** 2020. Disponível em: <<https://www.centreformentalhealth.org.uk/publications/second-wave-mental-health-consequences-covid-19-pandemic>>. Acessado em 19 de Abril de 2023.

CID, M.F.B., FERNANDES, A.D.S.A., MORATO, G.G., & MINATEL, M.M. Atención Psicosocial y Pandemia de COVID-19: **Reflexiones sobre la Atención a Infancia y Adolescencia que Vive en Contextos Socialmente Vulnerables**.2020. Multidisciplinary Journal of Education Research, 10(2), 178-201.doi:10.4471/remie.2020.5887. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4471/remie.2020.5887> Acessado em 12 de Agosto de 2020.

CLUVER, L., LACHMAN, J. M., SHERR, L., WESSELS, I., KRUG, E., RAKOTOMALALA, S., ... & MCDONALD, K. (2020). **Parenting in a time of COVID-19**. The Lancet Public Health, 5(5), e259.

CNN.MPF dá 20 dias para que Saúde ofereça vacinas contra a Covid-19 para crianças. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mpf-da-20-dias-para-que-saude-ofereca-vacinas-contr-a-covid-19-para-criancas/>. Acessado em 15 de Dezembro de 2022.

CNN. Brasil é o país com mais casos e mortes por Covid-19 na América do Sul.

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-e-pais-com-mais-casos-e-mortes-por-covid-19-na-america-do-sul/>. Acessado em 12 de Janeiro de 2023.

CORTÉS, A. I. R. **Desenhos, vinhetas e diagramas: ouvindo as narrativas das crianças através da elucidação gráfica**. 2017.Revista Pesquisa Qualitativa;Vol 5, n. 8. 2017.

Disponível em: <http://editora.sepq.org.br/rpq/article/download/86/83/338> Acessado em 01 de Junho de 2021

CORONAVIRUS... **Trump accuses WHO of being a “puppet of China”**. 2020. BBC, London, 19 May 2020. Disponível em: Acessado em 04 de Setembro de 2022.

CÚNICO, S.D; ARPINI, D, M. **Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família**. Aletheia, n. 43-44, 2014.

DE CARVALHO MAGALHÃES, B. et al. **Abuso infantil no período da pandemia da COVID-19**. 2023.Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 23, n. 1, p. e11352-e11352, 2023.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, Fernanda. **Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas**. 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acessado em 21 de Maio de 2019.

DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. Mary Del Priore (Org.) 7. Ed. – São Paulo: contexto, 2010.

Dossiê Infâncias e Covid-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes (2022) elaborado pelo Instituto Alana e o Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA). Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/03/DOSSIE-INFANCIAS-E-COVID-19.pdf>. Acessado em 10 de Outubro de 2022.

ESTADÃO. **Brasil é o 2º país com mais mortes de crianças por covid.** 2020. Disponível em: . Acessado em 16 de Dezembro de 2022.

FERNANDES, A. D. S. A. Speranza, M., Mazak, M. S. R., Gasparini, D. A., & Cid, M. F. B.. **Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado às crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19.** 2020. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.955>.

FERNANDES, A.D.S.A. **Cotidiano de adolescentes vinculados a um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) : realidade e perspectivas /** Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes. -- São Carlos : UFSCar, 2014.

FERNANDES, A. D. S. A. **Como comunicar notícias difíceis para crianças em tempos de pandemia?** [livro eletrônico] / Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes, Esther Angélica Luiz Ferreira, Juliana Moraes Menegussi. -- 1. ed. -- São Paulo : Academia Nacional de Cuidados Paliativos - ANCP, 2020. Disponível em: https://www.dto.ufscar.br/arquivos/como-comunicar-noticias-dificeis-para-criancas-em-tempos-de-pandemia_-6.pdf. Acesso em 19 de Abril de 2023.

FERRAZ, A., FERREIRA, S., & VEIGA, G. (2020). **Children's play in public space: A systematic literature review.** BMC Public Health, 20(1), 1-12. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8393419/>. Acessado em 20 de Abril de 2023.

FERREIRA, L. S. et al. **Estimating the impact of implementation and timing of the COVID-19 vaccination programme in Brazil: a counterfactual analysis.** 2023. The Lancet Regional Health–Americas, v. 17, 2023.

FERREIRA, L. S.; SANTOS, D. N.; SANTOS, L. M. **Impactos da pandemia na educação de crianças de famílias pobres.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343545821_Impactos_da_pandemia_na_educacao_de_crianças_de_famílias_pobres>. Acesso em: 19 de Abril de 2023.

FILHO, A.J.M; PRADO, P.D. **Da pesquisa com crianças à complexidade da infância.** 2ª edição. Campinas, SP; 2020.

FILHO, A.J.M; PRADO, P.D. Da pesquisa com crianças à complexidade da infância. In: DEMARTINI, Z.B. **Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa.** 2ª edição. Campinas, SP; 2020. p11-24.

FREITAS, M.C. (Org.). **História social da infância no Brasil.** 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLINO, C. H. et al. **A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de Covid-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral.** 2021. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 37, n. 4, e00304320, 2021. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00304320>.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Desigualdades e impactos da covid-19 na atenção à primeira infância**. 2022. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br>. Acessado em 24 de Setembro de 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. **COVID-19 e Saúde da Criança e do Adolescente**. 2020. Disponível em: <
<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencaocrianca/covid-19-saude-crianca-e-adolescent>
e>. Acessado em 12 de Agosto de 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. **Crianças na pandemia Covid-19**. 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41713/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acessado em 7 de Janeiro de 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Ministério da Saúde. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**. 2020. Disponível em https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf acessado em 12 de Agosto de 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. 2021. Disponível em:
<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia#:~:text=A%20pandemia%20de%20vida%2D19,na%20hist%C3%B3ria%20recente%20das%20epidemias>. Acessado em 18 de Agosto de 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Vacinas contra a COVID-19**. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/vacinas-covid-19>. Acessado em 12 de Agosto de 2022

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Covid-19: vacinação mais acelerada no início teria salvado cerca de 47 mil idosos**. 2022. Disponível em:
<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-vacinacao-mais-acelerada-no-inicio-teria-salvado-cerca-de-47-mil-idosos>. Acessado em 12 de Dezembro de 2022

GASHAW, T., Hagos B, Sisay M. **Expected impacts of COVID-19: considering resource-limited countries and vulnerable population**. 2021. *Front Public Health*. 2021;9:614789. <http://dx.doi.org/10.3389/fpubh.2021.614789>. PMID:34026704

GALHEIGO, S. M. **Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e prática**. 2016. In R. E. Lopes & A. P. S. Malfitano (Eds.), *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp. 49-68). São Carlos: EdUFSCar.

GALHEIGO, S. M. **Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias**. 2020. *Occupational therapy, everyday life and the fabric of life: theoretical-conceptual contributions for the construction of critical and emancipatory perspectives*. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 28(1), 5–25.
<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>

GIL, A.C. (1946). **Como elaborar projetos de pesquisas** – 6ª edição – 3. Reimp – São Paulo: Atlas, 2019.

GHOSH, R; DUBEY, M.J; CHATTERJEE S, D.S. **Impact of COVID -19 on children: special focus on the psychosocial aspect.** 2020. *Minerva Pediatr.* 2020;72(3):226-35

GLOBO, **Perda de empregos entre mulheres foi mais intensa no 1º ano da pandemia, diz IBGE.** disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/06/23/perda-de-empregos-entre-mulheres-foi-mais-intensa-no-1o-ano-da-pandemia-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 11 de Abril de 2023.

GOMES, G. C., NOGUEIRA, L. T., & MACHADO, M. F. A. S. (2020). **Brincando em tempos de crise: o papel do brincar na promoção da resiliência infantil.** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28, e3385. doi: 10.1590/1518-8345.3819.3385.

GOLBERSTEIN, E., WEN, H., & MILLER, B. F. (2021). **Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) and Mental Health for Children and Adolescents.** *Pediatrics*, 147(6), e2020028939. <https://doi.org/10.1542/peds.2020-028939>. Acessado em 04 de Abril de 2023.

GUIZZO, B.S; MARCELLO, F.A; MULLER, F. **A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia.** 2020. *Educ. Pesquisa*, São Paulo, v.46, e238077, 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046238077> Acessado em Agosto de 2020.

GUINANCIO, J.C et al. **Desafios do cotidiano e estratégias de enfrentamento frente ao isolamento social.** 2020. Disponível em <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5474/4789>. Acessado em 13 de Agosto de 2020.

HARTMANN, L. **Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia? perguntemos a elas.** *Revista Nupeart*. V. 24. 2020.

IBGE, 2020. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>. Acessado em 24 de Abril de 2023

IDOIAGA N. et al. **Exploring Children’s Social and Emotional Representations of the COVID-19 Pandemic.** 2020. *Front. Psychol.* 11:1952. doi: 10.3389/fpsyg.2020.01952. Acessado em 05 de Janeiro de 2023.

KATZ, I. **Bolsonaro contra as crianças.** Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2022/10/25/bolsonaro-contra-as-criancas-por-ilana-katz/>. Acessado em 02 de Dezembro de 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LANA, R.M. FREITAS, L.P. CODEÇO, C.T. et al. **Identification of priority groups for COVID-19 vaccination in Brazil.** 2021. *Cad Saúde Pública.* 2021; v. 37, 37e00049821

LEMES, M.A. et al. **Tempo de tela, crianças e pandemia de covid-19: uma revisão narrativa.** 2021. In: III Congresso Internacional de Educação e Saúde da Universidade de Marília. 2021. p. 382.

LIMA, R.C. **Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental.** 2020. Physis, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e 300214, 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200313&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 07 de Setembro de 2020. Epub July 24, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300214>.

LIMA, J. L.; MELO, A. B. de; PERPETUO, C. L. 2021. **Pandemia e a exacerbação das vulnerabilidades sociais: impactos na saúde mental.** Akropolis, Umuarama, v. 29, n. 1, p. 59-74. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/akropolis/article/view/8310/4117>. Acessado em 19 de Abril de 2023.

LIMA, B. V. A.; OLIVEIRA, R. A. de; ARAÚJO, M. C. F. de. **Crianças e Adolescentes em Situação de Rua em Brasília: Vulnerabilidade Social e a Pandemia de Covid-19.** Revista Eletrônica de Iniciação Científica em Psicologia, v. 12, n. 1, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/reicp/article/view/2809>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

LIMA, S. D.; MEIRELLES, M. C. B. **O brincar em tempos de distanciamento social: o que aprendemos com as crianças pela lente da sociologia da infância?** 2020. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5799>

LIMA, S.D; MEIRELLES, M.C. B.. **O que as crianças contam sobre o brincar em tempos de pandemia?** Notas sobre o brincar, p. 125.

LINHARES, M.B.M, ENUMO, S.R.F. **Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia covid-19 no desenvolvimento infantil.** 2020. Estudo Psicol. 2020;37:1-14

LOPERFIDO, L; BURGESS M. 2020. **The hidden impact of Covid-19 on children. A global research series.** Disponível em: <https://resourcecentre.savethechildren.net/document/hidden-impact-covid-19-children/>. Acessado em: 13 de Janeiro de 2023.

LOPES, F., & MATSUO, T. 2018. **The use of public spaces for play by children from different socioeconomic contexts:** The case of São Paulo, Brazil. Children, Youth and Environments, 28(2), 55-75.

LOADES, M. E., CHATBURN, E., HIGSON-SWEENEY, N., REYNOLDS, S., SHAFRAN, R., BRIGDEN, A., ... & CRAWLEY, E. (2020). **Rapid Systematic Review: The impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of COVID-19.** Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 59(11), 1218-1239.

MAIA, G. R. et al. **A presença de animais de estimação e o desenvolvimento socioemocional de crianças em situação de vulnerabilidade social.** Ciência Animal Brasileira, v. 20, e-48285, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/vet/article/view/e-48285>>. Acessado em: 20 de Abril de 2023.

MARQUES, E. S. et al. **A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento.** 2020. Cadernos de Saúde Pública, 36(4), 1-6. doi:10.1590/0102-311X00074420

MARTINS, T. C.F; GUIMARÃES, R.M. **Distanciamento social durante a pandemia da Covid-19 e a crise do Estado federativo: um ensaio do contexto brasileiro.** 2022. Saúde em Debate, v. 46, p. 265-280, 2022

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003.

MARINS, M. T, RODRIGUES, M. N. SILVA, J. M. L. D., SILVA, K. C. M. D., & CARVALHO, P. L. 2021. **Auxílio Emergencial em tempos de pandemia.** *Sociedade e Estado*, 36, 669-692. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xJ7mwmL7hGx9dPDtthGYM3m/abstract/?lang=pt>. Acessado em 13 de Abril de 2023.

MATTA, G.C. et al. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.** 2021. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 séries. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>

MCKINSEY & COMPANY. (2020). **COVID-19 and student learning in the United States: The hurt could last a lifetime.** Disponível em: <https://www.mckinsey.com/industries/public-and-social-sector/our-insights/covid-19-and-student-learning-in-the-united-states-the-hurt-could-last-a-lifetime>. Acesso em: 18 de agosto de 2021.

MENDES, T. R; JURUENA, M. F. 2018. **Vulnerabilidade social e saúde mental infantil: uma revisão integrativa.** Revista de Psiquiatria Clínica, 45(5), 142-147. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832018000500142&script=sci_abstract&tlng=pt

Comisión Nacional para la Mejora Continua de la Educación [MEJOREDU]. **Experiencias de las comunidades educativas durante la contingencia sanitaria por COVID-19.** 2020. Educación básica. Informe Ejecutivo. Disponível em: <https://editorial.mejoredu.gob.mx/ResumenEjecutivo-experiencias.pdf>. Acessado em: 13 de Janeiro de 2023.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set. 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Campanha Nacional de Vacinação contra Covid-19.** 2021. Disponível em :<https://opendatasus.saude.gov.br/dataset/covid-19-vacinacao>; Acessado em: 08 de Junho de 2022.

MORAES, R.F. **Medidas legais de incentivo ao distanciamento social: comparação das políticas de governos estaduais e prefeituras das capitais no Brasil.** 2020. Brasília, DF: Ipea; 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da Saúde divulga orientações para vacinação de crianças de 3 a 5 anos contra a Covid-19.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/julho/ministerio-da-saude-divulga-orientacoes-para-vacinacao-de-criancas-de-3-a-5-anos-contr-a-covid-19>. Acessado em: 07 de Agosto de 2022.

MORENO, C. et al. **How mental health care should change as a consequence of the COVID-19 pandemic.** 2020. *Lancet Psychiatry*; 7: 813–24 Published Online July 16, 2020 [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30307-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30307-2). Acessado em: 13 de Agosto de 2020.

MUKHERJEE, A., SARKAR, S., KUMAR, A., MENON, V., DUBEY, S., SHARMA, V., et al. **COVID-19 and the Second Pandemic.** *The American Journal of Psychiatry*, [s.l.], v. 177, n. 10, p. 919-920, 1 out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2020.20050656>. Acessado em 19 de Abril de 2023.

MUNIZ, M.E.G; CARRILHO, A. 2021. Mulheres chefes de família e a pandemia de Covid-19: Uma análise dos riscos e desafios sobre a renda e o cotidiano. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_1080_1080612d858710e8e.pdf. Acessado em 14 de Abril de 2023.

NASSIF-PIRES; CARDOSO. L; OLIVEIRA, L; MATOS, A.L. 2021. **Gênero e raça em evidência durante a pandemia no Brasil: o impacto do auxílio emergencial na pobreza e extrema pobreza.** *Nota de Política Econômica*, 10. Disponível em: <https://madeusp.com.br/wp-content/uploads/2021/04/NPE-010-VF.pdf>. Acessado em: 13 de Abril de 2023.

NATIVIDADE, M.R; COUTINHO M.C; ZANELLA, A.V. **Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural.** 2008. *Contextos clínicos*, 1(1): 9 -18, janeiro-junho. 2008.

NARZISI, A. **Handle the Autism Spectrum Condition during Coronavirus (COVID-19) Stay at Home Period: Ten Tips for Helping Parents and Caregivers of Young Children.** 2020. *Brain Sci*, 10(4), 1-4. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/brainsci10040207>. Acessado em 13 de Agosto de 2020.

NISHIDA, Y., & KOIKE, H. 2018. **Animal play and animal-assisted therapy: Affective and social benefits for children.** *International Journal of Child Health and Human Development*, 11(3), 239-245.

NORTHWEST EVALUATION ASSOCIATION (NWEA). 2020. **COVID-19 and Learning Loss – Disparities Grow and Students Need Help.** Disponível em: https://www.nwea.org/content/uploads/2020/08/Collaborative-brief_Covid19-Slide_FINAL.pdf. Acesso em: 16 de Abril de 2023.

ORGILÉS, M., MORALES, A., DELVECCHIO, E., FRANCISCO, R., MAZZESCHI, C., PEDRO, M., ... & ESPADA, J. P. (2020). **Coping behaviors and psychological disturbances in youth affected by the COVID-19 health crisis.** *Frontiers in Psychology*, 11, 1-11.

OLIVEIRA, V. B; SOLÉ M; FORTUNA, T. **Brincar com o outro: Caminho da saúde e bem-estar**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Vera Barros de. (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, M. I. BITTENCOURT, J. V., NUNES, R. C. F., SOUZA, J. L., & SILVA, F. S. 2020. **Desigualdades no acesso e uso de tecnologias digitais por crianças e adolescentes na pandemia da COVID-19**. Cien Saude Colet, 25 (suppl 1), 2479-2486. doi: 10.1590/1413-81232020256.1.08932020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Disability and development report**. 2018. Disponível em: <https://social.un.org/publications/UN-Flagship-Report-Disability-Final.pdf> . Acessado em 08 de Janeiro de 2023

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Histórico da pandemia de covid- 19**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acessado em 03 de Setembro de 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD – OMS. **Brote de enfermedad por coronavirus (COVID-19)** .2020. Disponível em <https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> .Acessado em 13 de Agosto de 2020.

PENARIOL, M.P; FLORES, D.M; MARTINS. S. **A pandemia e a necessidade de falar sobre morte com as crianças**. 2021. Revista de Psicologia da Unesp, v. 20, n. 1, p. 32-48, 2021.

PEREIRA, A. O.. **O que é lugar de fala? Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.36, n.72, p.153-156, 2018

POLANCZYK, G.V. **O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes**. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-custo-da-pandemia-sobre-a-saude-mental-de-criancas-e-adolescentes/> Acessado em 13 de Agosto de 2020.

REDE NACIONAL DE PROTEÇÃO. **Na pandemia, a batalha pela merenda escolar**. 2021. Disponível em: <https://coepbrasil.org.br/fome-na-pandemia-a-batalha-pela-merenda-escolar/>. Acessado em: 20 de Janeiro de 2023.

REIMERS, F.. **Learning from a pandemic. The impact of COVID-19 on education around the world**. 2021. In F. Reimers (Ed.), Primary and secondary education during Covid-19. Springer. Disponível em em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-81500-4_1. Acessado em 13 de Janeiro de 2023.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando**, 2017. 112p

RITZ, D., O, G., & BURGESS, M. **The hidden impact of COVID-19 on child protection and wellbeing.** Save the Children International. 2020. Disponível em: https://resourcecentre.savethechildren.net/node/18174/pdf/the_hidden_impact_of_cod-19. Acessado em 13 de Janeiro de 2023.

RODRIGUES, J. V. S. & LINS, A.C.A.A. **Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário.** 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6533/5244> .Acessado em 13 de Agosto de 2020.

RODRIGUES, J. N. S., MORENO, S. M. MACHADO, M. G. de O, COSTA, A. A. I., IBIAPINA, A. R. de S. **Vacinação contra a COVID-19 em território nacional.** 2022. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 11, e4714. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.2022.e4714>

SALLES, M.M, MATSUKARA, T. S. **Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil.** 2013. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos*, v. 21, n. 2, p. 265-273, 2013 <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.028>

SALLES, M.M.; MATSUKARA, T.S; **Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental.** 3 edição. São Carlos: EdUFSCar, 2020.

SALLES, M.M.; MATSUKARA, T.S; Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental. In: LEÃO, A.; SALLES, M.M. **Cotidiano, reabilitação psicossocial e território.** 3a edição. São Carlos: EdUFSCar, 2020.

SANTOS, Amuzza Aylla Pereira dos Santos (org.). **Vulnerabilidades e seus impactos nos grupos humanos em tempos de covid-19.** Maceió: EDUFAL, 2021. E-book (109 p.).2021.

SANTOS, A.L.R.B; Souza, A.S; da Silva, E.A; Alves, M; Silva, J.S.L.G. **Impacto da COVID-19 na saúde mental das crianças.** Revista Pró-UniverSUS. 2022.

SANTOS, R. P. D., NEVES, E. T., CABRAL, I. E., CAMPBELL, S., & CARNEVALE, F. **Análise ética dos impactos da pandemia de COVID-19 na saúde de crianças e adolescentes.** 2022. Escola Anna Nery, 26.

SANTOS, R.O. et al. **Tempo de tela dos nativos digitais na pandemia do coronavírus.** Revista Expressão Católica, v. 11, n. 1, p. 73-81, 2022.

SAMPIERE, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **O processo de pesquisa e enfoques quantitativo e qualitativo: rumo a um modelo integral.** In: Metodologia de pesquisa. São Paulo: McGraw, p. 3-21, 2006

SENGIK, A. S; RAMOS, F. B. **Concepção de morte na infância.** *Psicol. Soc. Belo Horizonte*, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013

SILVA, I. O. **Infância e pandemia na região metropolitana do Belo Horizonte: primeiras análises.** 2021. Belo Horizonte ; UFMG FaE/MAPEI;2021.

SILVA, A. C. P. da; DANZMANN, P. S. .; NEIS, L. P. H. .; DOTTO, E. R.; ABAID, J. L. W. . **Effects of the COVID-19 pandemic and its repercussions on child development: An integrative review.** 2021. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e50810414320, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14320. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14320>. Acessado em: 15 de Janeiro de 2023.

SILVA IN, MIRANDA, AC, SILVA LT, Szylit R. **Ajudando as crianças a enfrentarem o luto pela perda de pessoas significativas por COVID-19.** 2020.Rev Soc Bras Enferm Ped. 2020;20(Especial COVID-19):85-90.

SILVA, K. et al. **Pet dogs and children's health: opportunities for chronic disease prevention?** Anthrozoös, v. 29, n. 2, p. 307-320, 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08927936.2016.1152721>>. Acessado em 19 de Abril de 2023,

SINGH, S. et al. **Impact of COVID-19 and Lockdown on Mental Health of Children and Adolescents: A Narrative Review with Recommendations.** 2020.Psychiatry Research Received date: 23 August 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113429> . Acessado em: 24 de Agosto de 2020.

SOARES, B. K; PONTES et al. **Saúde mental da criança em tempos de pandemia da COVID-19: revisão integrativa.** 2021. Research, Society and Development, v. 10, n. 15, p. e115101522448-e115101522448, 2021

SOARES, N. F.; SARMENTO, M. J.; TOMÁS, C. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças.** Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 12, n. 13, 2005. DOI: 10.14572/nuances.v12i13.1678. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1678>. Acessado em: 7 de Setembro de 2022.

TWENGE, J. M., & CAMPBELL, W. K. (2020). **Associations between screen time and lower psychological well-being among children and adolescents: Evidence from a population-based study.** Preventive medicine reports, 19, 10197.

UNESCO (2020a). **COVID-19 impact on education.** Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acessado em 19 de Abril de 2023.

UNESCO (2020b). **Disrupção educacional e resposta COVID-19.** Disponível em <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acessado em 19 de Abril 2023.

UNICEF. **“A perda de mais de 39 bilhões de merendas escolares desde o início da pandemia anuncia uma crise nutricional, dizem UNICEF e PMA”.** 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/perda-de-mais-de-39-bilhoes-de-merendas-escolares-desde-o-inicio-da-pandemia-anuncia-crise-nutricional>. Acessado em:13 de Janeiro de 2023

UNICEF. **“Famílias com crianças e adolescentes são as vítimas ocultas da pandemia”** revela pesquisa do UNICEF. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/familias-com-criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-ocultas-da-pandemia-revela-pesquisa-do-unicef> . Acessado em: 15 de Dezembro de 2022

UNICEF. **“Não permitam que as crianças sejam vítimas ocultas da pandemia”**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nao-permitam-que-criancas-sejam-vitimas-ocultas-da-pandemia-de-covid-19>. Acessado em 12 de Janeiro de 2023.

VIEIRA, M. F. & SECO, C. 2020. **Education in the context of the COVID-19 pandemic: a systematic literature review** (A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura). Brazilian Journal of Computers in Education (Revista Brasileira de Informática na Educação - RBIE), 28, 1013-1031. DOI: 10.5753/RBIE.2020.28.0.1013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749>. Acessado em 19 de Abril de 2023.

ZAMBELI, S, KAERCHER, G, FELIPE, J. **O que a literatura infantil nos revela sobre a morte**. FELIPE, Jane, ALBUQUERQUE, Simone Santos de; CORSO, Luciana Velhinho (org.) Para Pensar a Educação Infantil: Políticas, Narrativas e Cotidiano. Porto Alegre: Evangraf. UFRGS, 2016.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A criança pela qual você é responsável está sendo convidada a participar da pesquisa **“O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS.”** O objetivo da pesquisa é compreender como as crianças têm vivenciado o cotidiano na pandemia, a partir da perspectiva das mesmas. Além disso, busca identificar o que tem facilitado ou dificultado a vivência cotidiana nesse período. Para participar você deverá autorizar a participação da criança para que ela faça uma produção gráfica (desenho, colagem, produção de texto, ou outro que desejar) e responda a uma entrevista que abordará assuntos sobre cotidiano, dia a dia, escola, família e como enfrentou esse período. No encontro, as crianças começarão pela produção gráfica sobre o tema investigado- o cotidiano na pandemia - e, posteriormente, será solicitado que elas apresentem, descrevam e relatem sobre a produção feita. Tanto as entrevistas como o relato sobre a produção gráfica serão gravados e transcritos. Todos os materiais necessários para a coleta de dados serão disponibilizados pela pesquisadora. As produções gráficas serão armazenadas no Laboratório de Pesquisa (LaFollia) ao qual o pesquisador está vinculado, em um prazo de cinco anos, assim como as gravações das entrevistas serão armazenadas em dispositivo (protegido por senha) que somente a pesquisadora tem acesso, também por um prazo de cinco anos. A criança foi selecionada para participar do estudo, visto que tem entre 10 e 12 anos de idade e a família está vinculada à escola. Observa-se que a participação da criança não é obrigatória. A qualquer momento ela pode desistir de participar e você poderá retirar seu consentimento, além disso, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador. O desenvolvimento de pesquisas como essa é muito importante, pois pode fornecer informações que os próprios serviços de saúde, escola e outros espaços não possuem. Além disso, é fundamental identificar como tem sido o cotidiano, dia a dia das crianças na pandemia, pois pode contribuir para o conhecimento dessa nova realidade e auxiliar nas estratégias de cuidado e intervenções voltadas para esta população. No entanto falar sobre determinados assuntos pode ser desconfortável e causar incômodo na criança. Assim, caso seja percebido algum desconforto ou a criança relatar isso à pesquisadora, a pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento. As informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais e asseguramos sigilo sobre a participação da criança. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação da criança ou da família. A participação na pesquisa não prevê despesas para o participante, assim como nenhuma forma de remuneração. Porém, você terá direito a ressarcimento de gastos decorrentes da participação na pesquisa, caso houver. E também terá direito a indenização em caso de danos decorrentes de sua participação. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar- São Carlos-SP. Caso haja dúvida em qualquer fase da pesquisa, a pesquisadora estará disposta a dar esclarecimentos. Você receberá uma via deste termo assinada e rubricada pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Ana Paula Camargo
CREFITO 3/13049-TO
Rua:Avenida São Carlos,173. Bairro Dr. Laurindo
Tel: (15) 996006829

Eu, _____
responsável pela criança, _____ declaro que entendi os
objetivos, riscos e benefícios da participação da criança na pesquisa e concordo que ele(a) participe. O
pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres
Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos,
localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos -
SP - Brasil. Fone 16 3351- 9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Telefone:

Data:

Assinatura do Responsável

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**. Queremos saber como foi seu dia a dia na pandemia da COVID-19. Queremos também saber o que foi fácil e difícil nesse período. As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 09 a 12 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. Sua participação não é obrigatória, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador. A pesquisa será feita na escola, onde através de um desenho, uma colagem, ou o que você quiser produzir e uma entrevista você irá contar sobre como foi o seu dia a dia na pandemia. Depois que você terminar o desenho, colagem ou outra construção que tiver vontade, você terá que contar sobre o que fez e será gravado pela pesquisadora, assim como a entrevista. Tudo o que você fizer será guardado em local protegido e com senha para que somente a pesquisadora tenha acesso. Pode ser que você se sinta triste ou preocupado durante a entrevista. Caso você se sinta assim, podemos parar a atividade ou a entrevista e a pesquisadora estará disponível para te ajudar.

Esta pesquisa é importante pois através dela poderemos encontrar maneiras de auxiliar outras crianças a enfrentarem situações como essa que vivemos na pandemia. As informações que você passar serão confidenciais e ninguém conseguirá saber que você participou.

Você não terá gastos para participar e também não irá receber nenhuma forma de pagamento. Caso você tenha algum tipo de gasto envolvendo sua participação na pesquisa, receberá o dinheiro de volta e também terá direito a indenização em caso de danos decorrentes de sua participação. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar- São Carlos-SP. Caso haja dúvida em qualquer fase da pesquisa, a pesquisadora estará disposta a te explicar. Você receberá uma via deste documento assinada e rubricada pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Ana Paula Camargo
CREFITO 3/13049-TO
Av. São Carlos, 173
Tel: (15) 96006829

Eu _____ aceito participar da pesquisa **“O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS”**. O objetivo da pesquisa é compreender como as crianças vivenciaram o período da pandemia. Entendi que pode ter momentos que me sinta triste ou preocupado e que posso desistir de participar. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma via deste documento e concordo em participar da pesquisa. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235- Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone 16 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Tel:

Data:

Assinatura da Criança

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA



TÍTULO: O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS

Orientanda: Ana Paula Camargo

Orientadora: Amanda D.S.A. Fernandes

OBJETIVOS: O objetivo do presente estudo é compreender como as crianças têm vivenciado o cotidiano na pandemia da COVID-19, a partir da perspectiva das mesmas. Busca também identificar o que tem facilitado ou dificultado a vivência cotidiana nesse período.

OBS: antes de iniciar a entrevista será apresentado à criança um vídeo em formato de animação, com cerca de três minutos. O vídeo ajudará a contextualizar a criança sobre a situação da pandemia e a questão temporal.

Roteiro de entrevista

- **CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA**

1. Identificação da criança por iniciais:
2. Data de nascimento/ idade:
3. Sexo: () masculino () feminino
4. Você se considera: () Menino () Menina () Outro
5. Qual série/ano está cursando atualmente?
6. Você já repetiu de ano/série? ()sim ()não
7. Se sim, qual ano/série?
8. Com quem você mora?
9. Das pessoas que moram com você, quem trabalha?
10. Essas pessoas trabalham fazendo o quê?
11. Das pessoas que moram com você, quem estuda?

- **ASPECTOS GERAIS DA PANDEMIA E AS ATIVIDADES REALIZADAS**

→ SOBRE A PANDEMIA:

1. Você sabe o que é pandemia ou COVID-19? Me conte sobre o que você sabe
2. Você lembra quando começou a pandemia? Me conte como foi para você no começo
→ ANTES DA PANDEMIA:
3. Me conte sobre como era seu dia a dia antes do início da pandemia (março de 2020)? O que você costumava fazer antes da pandemia??
4. Me descreva um dia da sua semana e um dia do seu final de semana
5. Quais os lugares que você frequentava e deixou de ir devido a pandemia?
6. O que mais gostava de fazer antes do início da pandemia?
7. O que menos gostava de fazer antes do início da pandemia?
→ DURANTE A PANDEMIA:
8. Quais foram as principais mudanças que ocorreram no seu dia a dia por conta do início da pandemia?
9. Como foi seu dia a dia durante a pandemia? O que você costumava fazer nos dias de semana? E aos finais de semana?
10. Algo foi bom para você durante a pandemia? O que?
11. O que foi ruim para você durante a pandemia? O que?
12. Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por você durante a pandemia?
13. O que você acha que mais te ajudou a enfrentar essas dificuldades?

- **AVD's**

1. Você acha que seu sono mudou durante a pandemia? Mudou como?
2. Você acha que sua alimentação mudou durante a pandemia? Mudou como?
3. Você acha que durante a pandemia passou a usar mais ou menos aparelhos eletrônicos? Quais? Quanto tempo você passa nesses aparelhos (Tv, celular, computador) por dia?
4. Você acha que ficou muito tempo na internet durante a pandemia? O que você mais fez na internet?
5. Você brincou durante a pandemia, brincou do que? Brincou com o que?

- **SENTIMENTOS E EMOÇÕES**

1. Me conte um pouco sobre como você se sentiu durante a pandemia? Você continua se sentindo da mesma maneira?
2. Teve momentos que você ficou triste durante a pandemia? Me conte sobre isso...
3. Você teve medo durante ou ainda sente por conta da pandemia? Me conte sobre isso...
4. Você se sentiu bravo ou irritado durante a pandemia? Me conte sobre isso...

5. Quais foram os momentos felizes e de alegria durante a pandemia? Me conte sobre isso...
6. Você ou alguém da sua família ficou doente nesse período? Como foi para você vivenciar isso?
7. Você perdeu alguém que ficou doente devido à COVID-19? Como foi para você vivenciar isso?

- **PANDEMIA E FAMÍLIA**

1. Sobre sua família, como foi a convivência em casa durante a pandemia?
2. Como você se relacionou com sua família nesse período?
3. Com quem você passou a maior parte do tempo na pandemia?
4. Você acha que sua família enfrentou alguma dificuldade devido à pandemia? qual?

- **PANDEMIA E AMIZADES**

1. Você tem amigos? Quem são eles?
2. Sobre seus amigos, você continuou tendo contato com eles durante a pandemia?
3. Se sim, o que você fazia com seus amigos durante a pandemia?
4. Alguma coisa mudou na relação com seus amigos durante a pandemia?

- **PANDEMIA E ESCOLA**

1. Você continuou em contato com a escola e professores durante a pandemia? Como era seu contato? Me conte sobre isso
2. Você conseguiu fazer as atividades da escola durante a pandemia? Me conte sobre isso...
3. Se não, por que?
4. Você conseguiu aprender o conteúdo da escola durante a pandemia? Me conte sobre isso...
5. Sobre a escola, o que você acha que poderia ter sido diferente durante a pandemia?
6. Como foi para você retornar depois de tanto tempo?
7. Houve desafios/dificuldades ao retornar para a escola?
8. Como foi se reaproximar dos amigos?
9. Você conseguiu fazer novas amizades após o retorno das aulas presenciais?
10. Você se sentiu/ se sente seguro na escola?
11. Você sentiu falta da escola durante a pandemia? Se sim, do que mais sentiu falta?

- **RETORNO AS ATIVIDADES E PERSPECTIVAS FUTURAS**

1. Como está o retorno às atividades para você? O que você voltou a fazer que não estava fazendo? Onde está indo/voltou a ir?
2. Como você gostaria que fosse o retorno às atividades?
3. Como você gostaria que fosse seu dia a dia após a pandemia?
4. Você considera que a pandemia acabou? O que te faz pensar assim?
5. O que você mais quer que aconteça agora?

TEM MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ GOSTARIA DE FALAR SOBRE A PANDEMIA E SEU DIA A DIA?

APÊNDICE D - VÍDEO DISPARADOR DA ENTREVISTA



ANEXO 1 - PARECER COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: O COTIDIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS

Pesquisador: ANA PAULA CAMARGO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 50209821.4.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - PPGTO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.121.003

Apresentação do Projeto:

As informações referente a apresentação do Projeto com solicitação de emenda foram extraídas das PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1849649_E1; TCLE; TALE e projeto de mestrado anexados em 27/10/2021 na Plataforma Brasil:

Resumo:

O cenário atual da COVID-19 e as medidas emergenciais de controle e combate a propagação do vírus têm impactado significativamente a vida das pessoas, de forma que as crianças têm sido um dos grupos sociais mais afetados. Assim, o objetivo deste estudo é compreender como as crianças têm vivenciado o cotidiano na pandemia, a partir da perspectiva das mesmas. Além disso, busca identificar o que tem facilitado ou dificultado a vivência cotidiana nesse período. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa. Serão participantes crianças de 10 a 12 anos, vinculadas à uma escola pública de uma região de grande vulnerabilidade social de um município de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Para a coleta de dados será utilizado a elucidação gráfica (desenho, colagem, escrita, entre outras) como disparador e, posteriormente, será realizada uma entrevista semiestruturada, a qual conterà questões a respeito do cotidiano das crianças no contexto da pandemia. Para a análise das produções gráficas, não se buscará uma análise interpretativa, mas sim descritiva, visando compreendê-las a partir das próprias verbalizações das crianças, valorizando não só o produto final, mas todo o processo de sua produção. Os dados relativos às entrevistas serão analisados a

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



partir da análise temática de Bardin. Espera-se que o presente estudo contribua para a compreensão dessa realidade, assim como favoreça a construção de proposições políticas e de assistência às crianças diante de crises sanitárias mundiais.

Hipótese:

1- Diante da pandemia as crianças podem apresentar sofrimento psíquico devido às dificuldades e novas demandas cotidianas;2- Ações de cuidado a populações que se encontram em maior vulnerabilidade social são fundamentais nesse momento;3- A rede de cuidados a essa população precisa se fortalecer e se articular para enfrentar os desafios atuais;

Critério de Inclusão:

Crianças de 10 a 12 anos, que apresentem condições de compreender e manter um diálogo. Além disso, o responsável pela criança deverá autorizar a participação.

Critério de Exclusão:

Crianças que mesmo se encaixando nos critérios anteriores não apresentem interesse em participar do estudo.

Tamanho da Amostra no Brasil: 30

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa foi extraído das PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1849649_E1;

Objetivo Primário:

O objetivo do presente estudo é identificar e compreender como as crianças têm vivenciado o cotidiano na pandemia da COVID-19, a partir da perspectiva das mesmas. Busca também compreender o que tem facilitado ou dificultado a vivência cotidiana nesse período

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos riscos e benefícios foi extraída das PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1849649_E1;

Riscos:

Informamos que os riscos dessa pesquisa são de baixa magnitude, como cansaço ou constrangimento ao responder às questões propostas.

Havendo um ou mais riscos ao participante os mesmos serão de duração transitória, entretanto a

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 5.121.003

pesquisadora se compromete em atentar-se a segurança e privacidade do participante bem como se coloca a disposição para contato.

Benefícios:

Acredita-se que este projeto irá contribuir minimizando o impacto psicossocial, ocupacional e cultural nas crianças e suas família, uma vez que os resultados podem favorecer o desenvolvimento de estratégias de cuidado e enfrentamento da situação, assim como na construção de políticas públicas a esse seguimento

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma solicitação de emenda ao projeto de pesquisa previamente aprovado por este CEP. A justificativa foi apresentada "Aponta-se que foi necessário fazer esta emenda uma vez que o local de coleta de dados e recrutamento das crianças participantes mudou. Antes as crianças seriam localizadas pela pastoral da criança e a coleta seria realizada na igreja. Agora a coleta e recrutamento da criança será em uma escola pública do mesmo território geográfico anterior. A secretaria da educação já autorizou a coleta. A autorização da secretaria e todos os outros documentos que foram modificados (TCLE, TALE, PROJETO) foram anexados, assim como a mudança foi descrita na plataforma. A mudança de local foi necessária visando maior controle das medidas de segurança"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termo de autorização da secretaria da educação do município foi anexado.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante da justificativa apresentada por esta solicitação de emenda ao projeto de pesquisa previamente aprovado por este CEP, autorização da secretaria da educação, termos apresentados e não alteração dos objetivos do projeto, manifesta-se por considerar a solicitação de E1 adequada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.121.003

CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1849649_E1.pdf	27/10/2021 09:09:42		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetomestradoanapaula.pdf	27/10/2021 09:08:52	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAemenda.pdf	27/10/2021 08:59:37	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	27/10/2021 08:55:39	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoassentimento.pdf	27/10/2021 08:53:52	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
Declaração de concordância	autorizacaoseceducacao.pdf	27/10/2021 08:42:07	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAVERSAO2.pdf	27/08/2021 13:39:42	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	13/08/2021 08:51:27	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
Outros	Entrevista.pdf	20/07/2021 11:07:09	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoap.pdf	20/07/2021 10:43:27	Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 5.121.003

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 23 de Novembro de 2021

Assinado por:

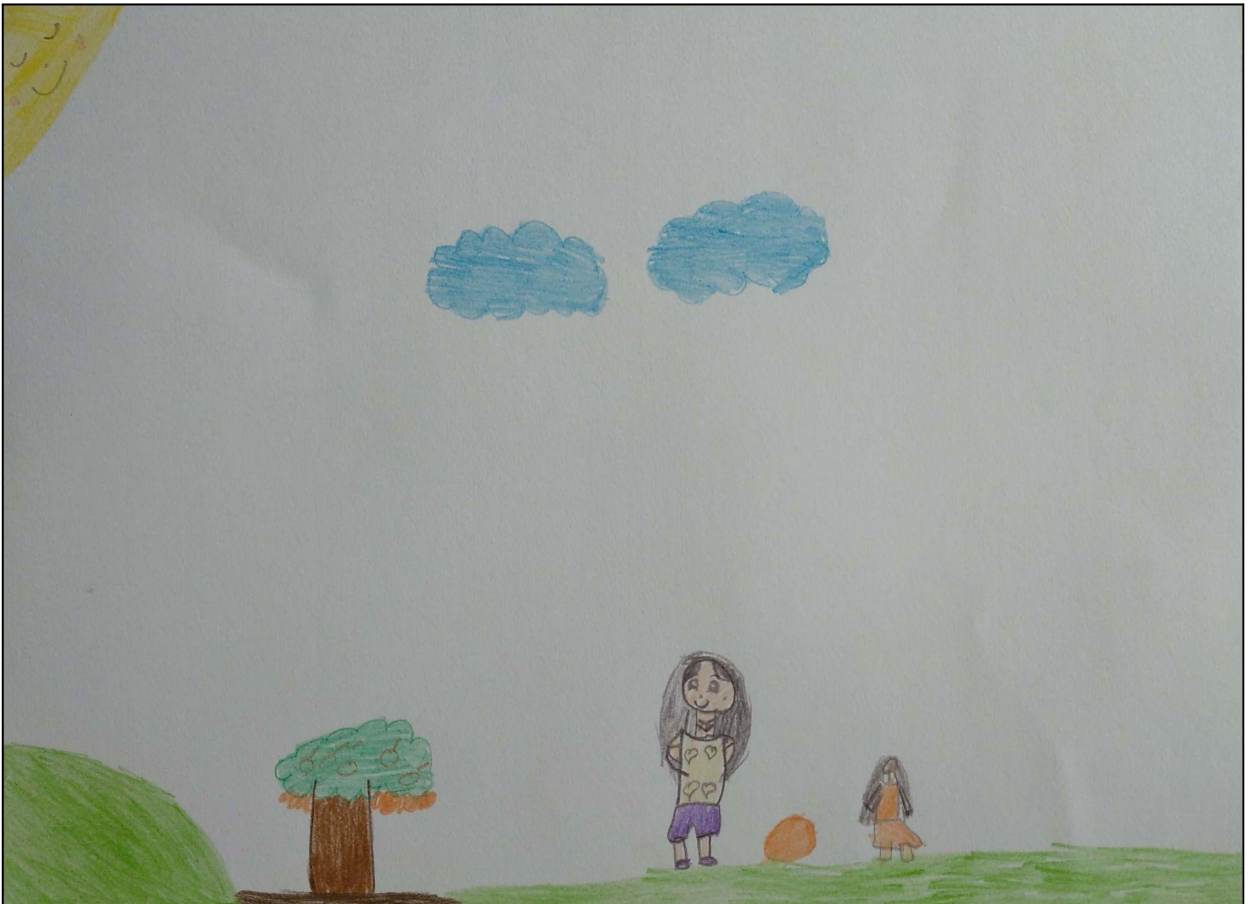
**Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))**

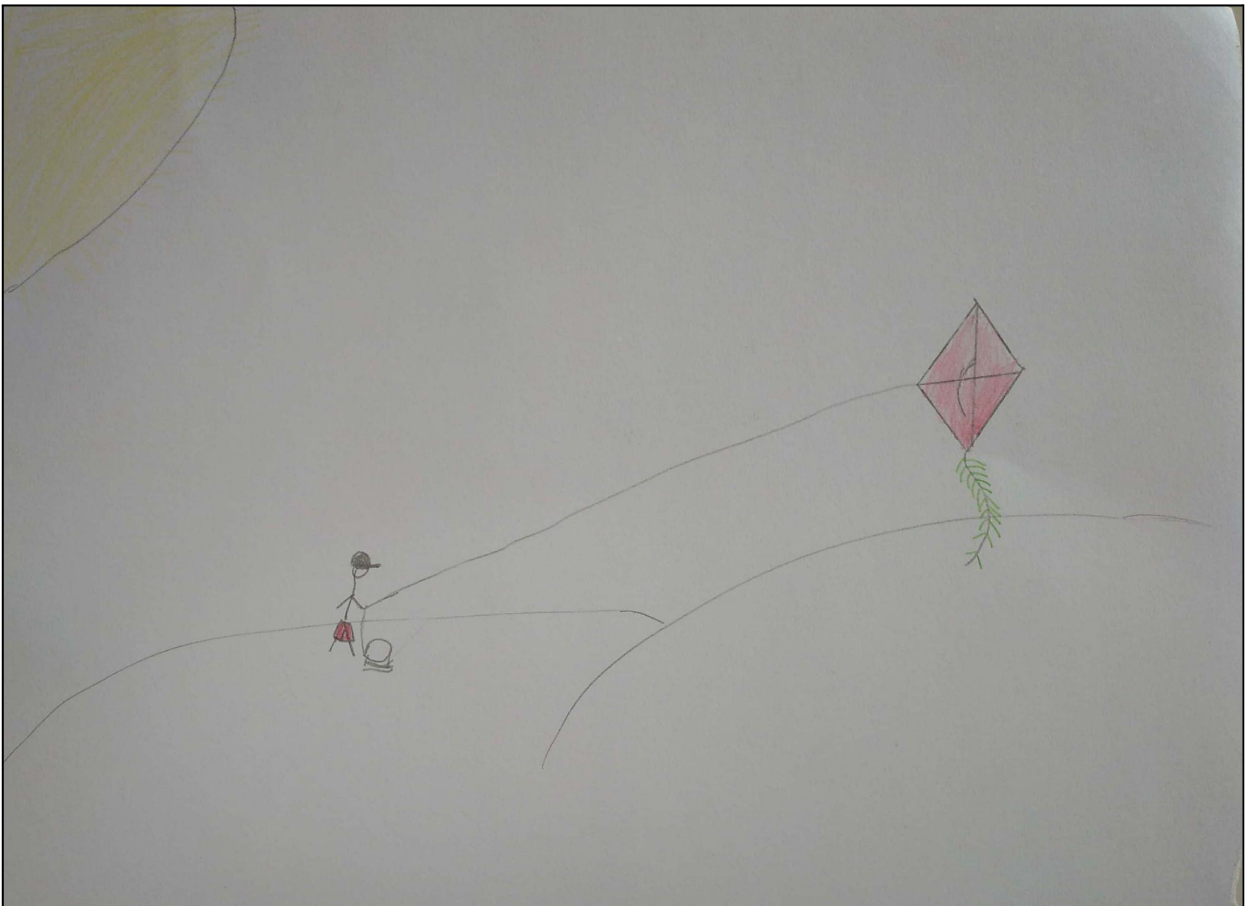
ANEXO 2 - ILUSTRAÇÕES

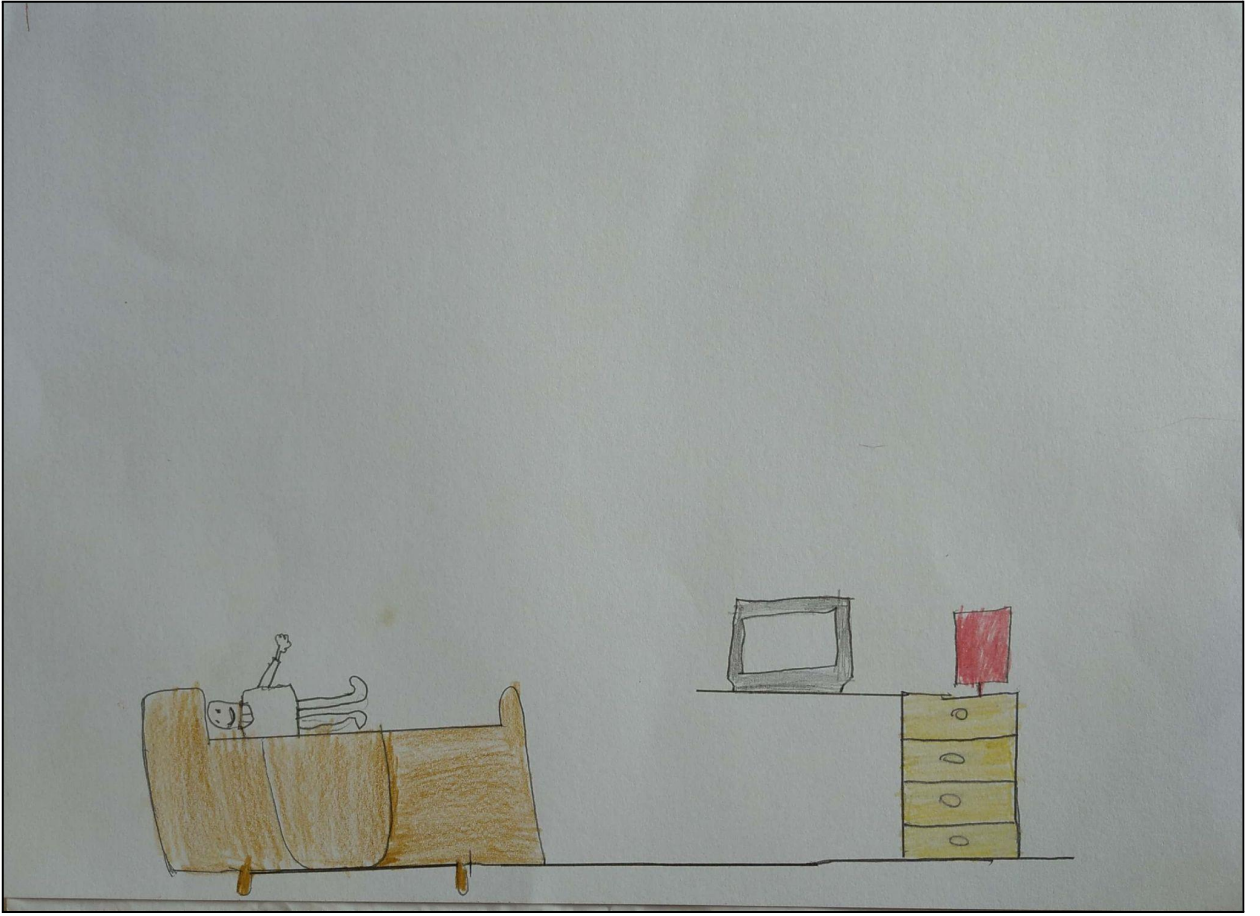


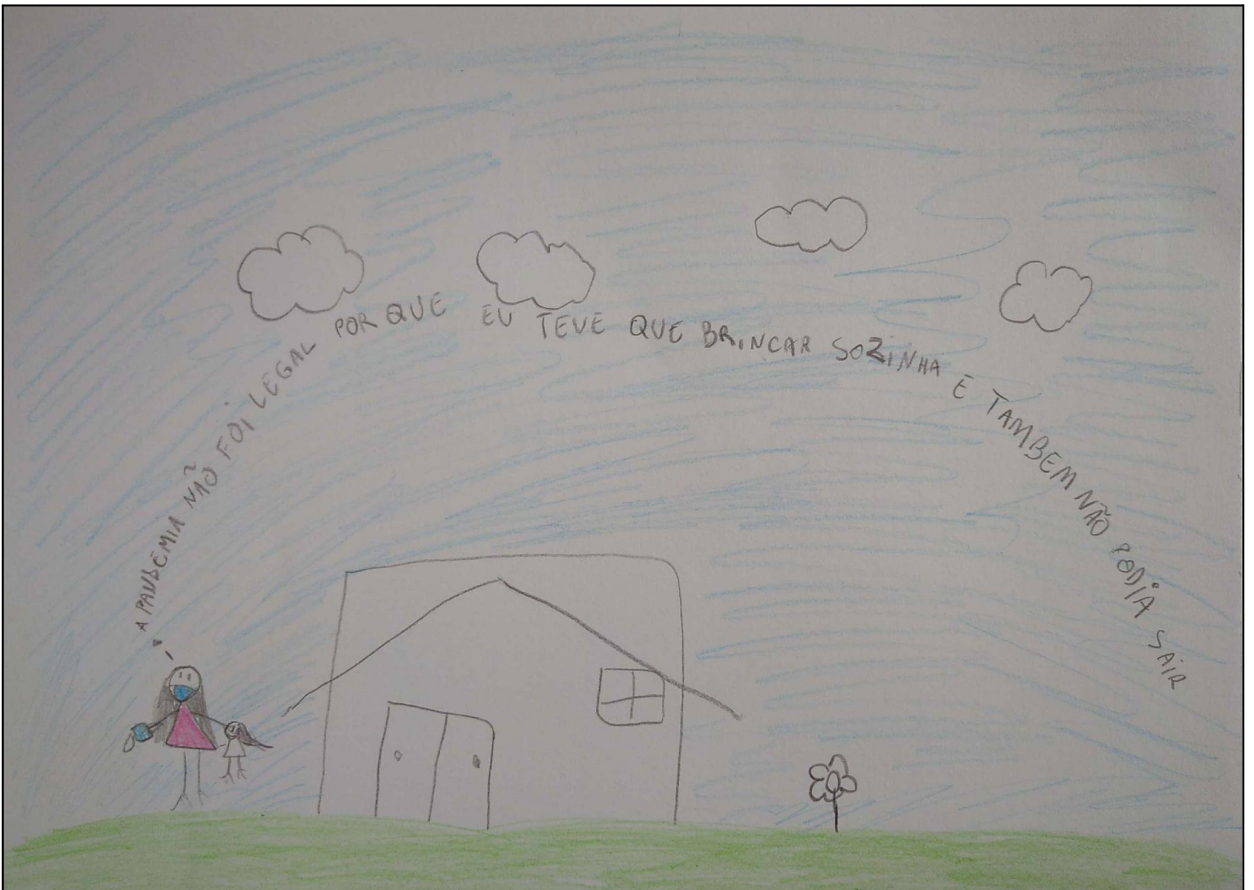
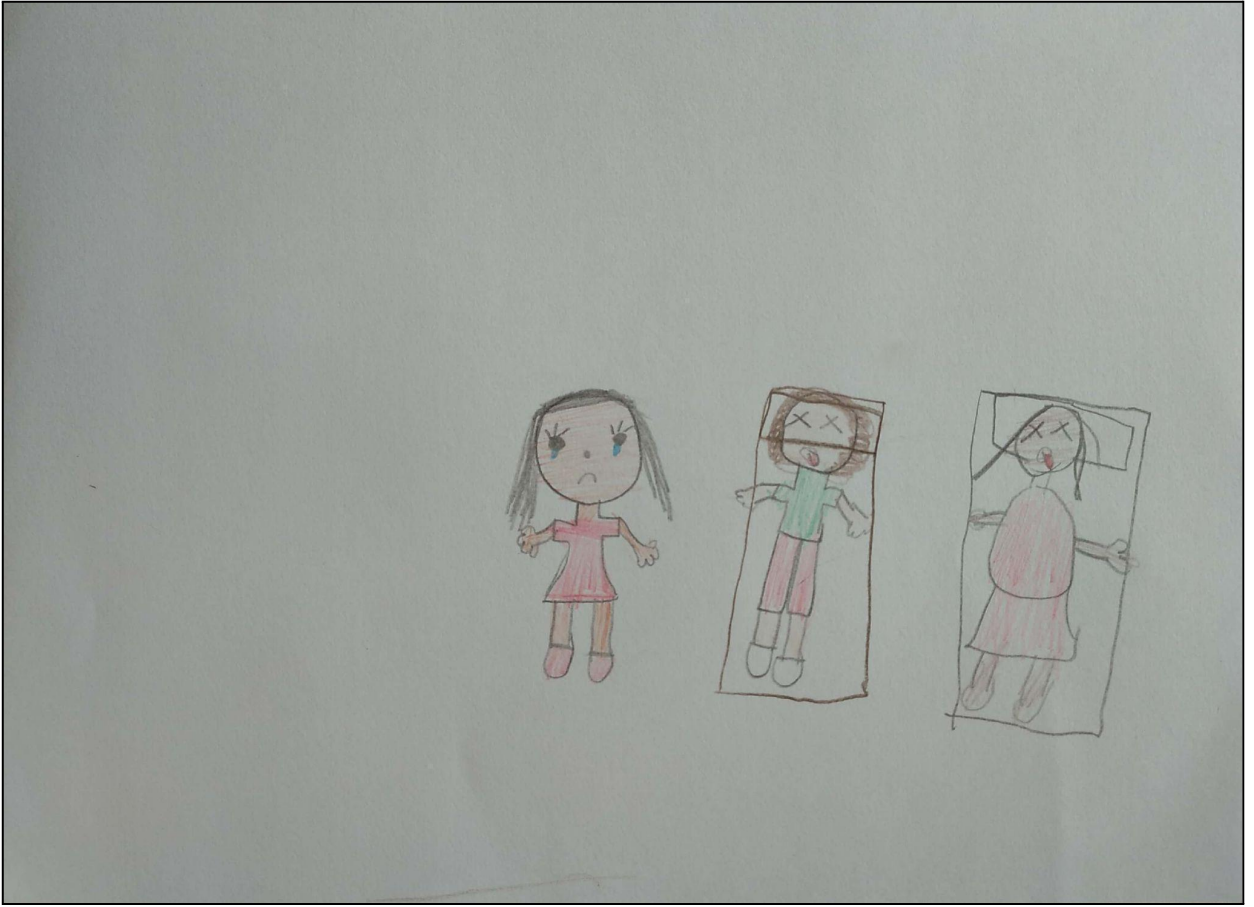




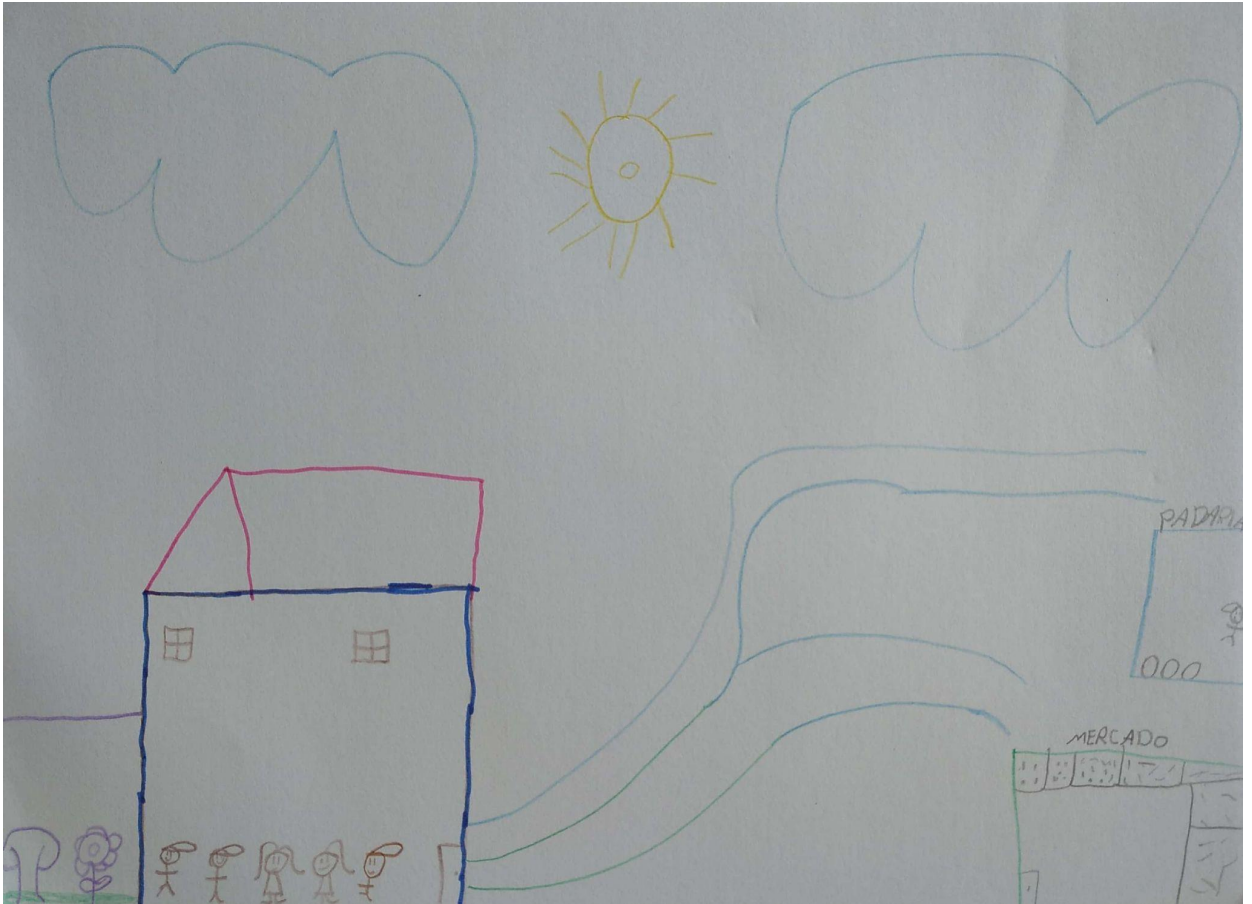












“E u costumava falar que essa profissão me escolheu. Ser professora não era a minha opção, e eu nem cogitava até ser chamada para ser monitora/auxiliar em um colégio, que inclusive foi onde iniciei meus estudos quando criança. Um ano se passou, e um amor pela educação começou a brotar em mim, aprendi que ensinar é um ato de amor. Tive ótimas inspirações de professoras durante a minha vida e também daquele ano, que hoje são minhas amigas, ver o amor delas por essa profissão foi algo que também me impulsionou a decidir, o que na verdade meu coração já tinha decidido: a Pedagogia”, conta a pedagoga Leticia de Souza Silveira.

Mesmo sabendo que quivria muitas críticas, do tipo: “pedagogia não dá dinheiro, tem que gostar, né (como se nas outras profissões não tivesse)”, enfim, mesmo com tudo isso, decidi fazer o meu melhor e fazer a diferença e foi no ano de 2013 que iniciei os meus estudos”, lembra a entrevistada.

Para Leticia, estar em sala de aula com vários alunos, cada um tendo uma personalidade e modo de aprender diferente, é, sem dúvidas, uma grande e desafiadora missão que os professores têm. “Sabemos que somos únicos e cada um aprende de uma forma, temos dife-

Educação | hedar

SEM O NO ROTEIRO BRINCAR

SEM ESTUDAR